The background is a complex collage of various elements. It includes overlapping papers with text, some of which is mirrored or reversed. There are colorful abstract drawings and patterns, possibly related to art or design. The overall aesthetic is layered and textured, suggesting a process of research or artistic exploration.

**Encontros de Orientação Coletiva -  
*Pasearse por*  
agenciamentos coletivos e produções de  
pesquisa a n-1.**

**2020**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**Marcela Bautista Nuñez**

**Encontros de Orientação Coletiva - *Pasearse* por  
agenciamentos coletivos e produções de pesquisa a  
n-1**

Santa Maria, RS

2020

**Marcela Bautista Nuñez**

**Encontros de Orientação Coletiva - *Pasearse* por  
agenciamentos coletivos e produções de pesquisa a  
n-1**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Educação**.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marilda Oliveira de Oliveira**

Santa Maria, RS

2020

Nuñez, Marcela Bautista  
Encontros de Orientação Coletiva - Pasearse por  
agenciamentos coletivos e produções de pesquisa a n-1 /  
Marcela Bautista Nuñez.- 2020.  
203 p.; 30 cm

Orientadora: Marilda Oliveira de Oliveira  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em  
Educação, RS, 2020

1. Encontros de Orientação Coletiva 2. Pasearse 3.  
Educação e Artes 4. Dissertações e Teses 5. Escritas a n-1  
I. Oliveira, Marilda Oliveira de II. Título.

Marcela Bautista Nuñez

**Encontros de Orientação Coletiva - *Pasearse por*  
agenciamentos coletivos e produções de pesquisa a  
n-1**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Educação**.

**Aprovado em 17 de novembro de 2020:**



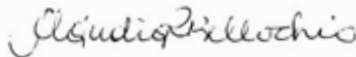
---

**Marilda Oliveira de Oliveira, Dr.<sup>a</sup> (UFSM)**  
(Presidenta/Orientadora) - **Vídeo Conferência**



---

**Ana Maria Preve, Dr.<sup>a</sup> (UDESC) - Vídeo Conferência**



---

**Cláudia Ribeiro Bellochio, Dr.<sup>a</sup> (UFSM) - Vídeo Conferência**

Santa Maria, RS  
2020

NUP: 23081.056734/2020-48

Prioridade: Normal

**Homologação de ata de banca de defesa de pós-graduação**

134.332 - Bancas examinadoras: indicação e atuação

**COMPONENTE**

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
1	Ata de defesa de dissertação/tese (134.332)	ataDefesa_1557.MarcelaNuñez.pdf

**Assinaturas**

**23/11/2020 23:06:27**

382071 - CLAUDIA RIBEIRO BELLOCHIO (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)

05.23.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO - DMEN


**25/11/2020 11:00:12**

1355550 - MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)

05.23.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO - DMEN

**14/01/2021 14:07:56**

65104250920 - ANA MARIA HOEPERS PREVE (Pessoa Física)

Usuário Externo (651.\*\*\*.\*\*\*.\*\*) 

Código Verificador: 437837

Código CRC: b52df73

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>



## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Marilda pela generosidade ao aceitar e orientar os caminhos que escolhi nesta pesquisa.

Ao grupo de orientação coletiva antigo e atual: Ana, Angélica, Carin, Caue, Cristine, Cláudia, Denise, Francieli, Rafael, Rose e Vivien. Obrigada pela exigência durante o processo de escrita e pelo companheirismo neste trajeto que me é tão importante, com vocês o caminho é mais leve e frutífero!

Obrigada aos participantes da Roda de Escritas.

Obrigada ao Marcos por todo o apoio, a compreensão e o amor!

À Lucy pela companhia silenciosa e carinhosa.

Aos/às colegas da Associação de Pós-Graduandos da UFSM (APG/2019/UFSM), obrigada por me apresentarem um modo alegre e tranquilo de lutar e fazer política.

À Capes pelo financiamento parcial desta pesquisa.

“Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores”  
(GALEANO, 2002, p. 11).

Obrigada a cada fogueirinha que diante de mim se ascendeu  
nesta caminhada, vocês aqueceram a minha vida!

*“O fragmento é para o pesquisador o que o sampler é para o músico: um exercício de liberdade, mais um elemento dismantelador da noção de autoria, ao representar a criação como um jogo de pirataria, uma colagem feita por DJs”*  
(Denilson Lopes, *Nós os Mortos*).



## RESUMO

### ENCONTROS DE ORIENTAÇÃO COLETIVA - PASEARSE POR AGENCIAMENTOS COLETIVOS E PRODUÇÕES DE PESQUISA A N-1

AUTORA: Marcela Bautista Nuñez

ORIENTADORA: Marilda Oliveira de Oliveira

Esta investigação propõe pensar a noção de *Pasearse* junto à materialidade da pesquisa, que são as dissertações, teses e trabalhos de pós-doutoramento produzidos nos últimos onze anos (2009–2020) nos Encontros de Orientação Coletiva (EOCs), da Linha de Pesquisa 4, Educação e Artes (LP4), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Para tanto, estabelecem-se alianças com as obras e os pensamentos de autores/as como Gilles Deleuze (1988, 2005, 2009), Gilles Deleuze e Claire Parnet (1998), Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995, 2010, 2012), Félix Guattari e Suely Rolnik (1996) e Roland Barthes (2012). Esses/as autores/as auxiliaram na produção de um *pasearse*, concomitante à produção da pesquisa, em companhia das escritas com imagens. Nesse sentido, o problema que mobiliza este estudo se configura na seguinte questão: que singularidades podem ser acionadas em um *pasearse* com as dissertações e teses produzidas de 2009 a 2020 junto aos EOCs e a uma roda de escritas a n-1? Assim, o *pasearse* é pensado como metodologia que traça linhas por dissertações e teses ao forjar caminhos, produzir sentidos e acolher afetos nesses percursos. Como rastros desses movimentos, percebe-se um *pasearse*, modo pelo qual a pesquisadora percorre seu caminho singular a partir das materialidades que compõem esta pesquisa. Dessa forma, o *pasearse* ocorre pela captura de aforismos que compõem esta investigação e que esboçam traços dos mais variados agenciamentos coletivos.

**Palavras-chave:** Encontros de Orientação Coletiva. *Pasearse*. Educação e Artes. Dissertações e Teses. Escritas a n-1.

## ABSTRACT

### COLLECTIVE ORIENTATION MEETINGS - *PASEARSE* THROUGH COLLECTIVE ASSEMBLAGES AND RESEARCH PRODUCTIONS AT N-1

AUTHOR: Marcela Bautista Nuñez  
ADVISOR: Marilda Oliveira de Oliveira

This investigation aims to think the notion of *pasearse* together with the research materiality, represented by the dissertations and theses produced in the last eleven years (2009–2020) at the Collective Orientation Meetings (EOCs in Portuguese), one of the groups in the research line four, Education and Arts (LP4), of the Graduate Program in Education at the Federal University of Santa Maria (UFSM). Therefore, alliances are established with the work and the thoughts of authors such as Gilles Deleuze (1988, 2005, 2009), Gilles Deleuze and Claire Parnet (1998), Gilles Deleuze and Félix Guattari (1995, 2010, 2012), Félix Guattari and Suely Rolnik (1996) and Roland Barthes (2012). These authors assisted the production of a *pasearse*, concomitant with the research production, in the company of writings with images. That way, the problem that mobilizes this study configures itself in the following issue: which singularities can be activated in a *pasearse* with the dissertations and theses produced from 2009 to 2020 together with the EOCs and with a circle of writings at n-1? Thus, the *pasearse* is thought as a methodology that traces lines through dissertations and theses when it forges paths, produces meanings and welcomes affections in these routes. As tracks of these movements, we can notice a *pasearse*, the way in which the researcher walks her singular path based on the materialities that form this research. Therefore, the *pasearse* occurs by the capture of aphorisms which form this investigation and that sketch traces of a wide variety of collective assemblages.

**Keywords:** Collective Orientation Meetings. *Pasearse*. Education and Arts. Dissertations and Theses. Writings at n-1.

## Sumário

Vontades e potências no esboço de linhas	10
<i>Pasearse...</i>	35
Sobre a instituição e os lugares onde me proponho a pensar a diferença	47
Agenciamentos coletivos: tecendo linhas entre escritas	64
Escritas e imagens a n-1: composições de um bando	87
<i>Consideraciones al afirmar la diferencia</i>	99
Referências	103
Roda de Escritas	112



A close-up photograph of a hand holding a pen, poised to write on a surface with a complex, woven texture. The lighting is dramatic, highlighting the ridges and valleys of the texture and the fine details of the pen's tip. The overall color palette is warm, dominated by browns and oranges.

# Vontades e potências no esboço de linhas

Texturas de vida. 2019.

As seguintes linhas discorrem acerca de um processo de vivência acadêmica e investigativa que iniciou durante o curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ocasião em que tive a oportunidade de ingressar no Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPaec)<sup>1</sup>. Participar desse Grupo foi um respiro que potencializou a problematização de diferentes maneiras de pensar a educação e as artes. Esse encontro com o GEPaec agenciou e produziu anseios de continuar estudando e problematizando em meio à vida.

Ao ingressar no Curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), integrando a Linha de Pesquisa Educação e Artes (LP4), também na UFSM, as inquietações e os desejos se fizeram mais efetivos ante a realização de um projeto de Dissertação de Mestrado. Ao me referir aos desejos, não os compreendo como castração, falta ou carência, mas como potência que impulsiona a expressão, como vontade de criar e de produzir sentidos com as coisas. Lembro que desejo é um conceito importante nas obras de Deleuze (1988, 2005, 2009) e Deleuze e Guattari (1995, 2010, 2012), autores que pensaram e desenvolveram

---

<sup>1</sup> O GEPaec foi criado em 2006 no Diretório de Grupos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela professora Marilda Oliveira de Oliveira e acolhe profissionais e estudantes interessados/as nos estudos pós-críticos voltados aos campos da Educação e das Artes (CNPq, 2020). Nos encontros, que ocorrem de forma presencial e são realizados quinzenal ou mensalmente, exploram-se e discutem-se coletivamente leituras de autores/as, artigos e livros.

o conceito de desejo como um agenciamento coletivo. Para Deleuze (1988), quando desejamos um objeto, uma roupa, um livro ou uma pessoa, desejamos todo o entorno que esse objeto ou essa pessoa pode nos proporcionar, ou seja, desejamos a multiplicidade. “Desejar é construir um agenciamento, construir uma região, é realmente agenciar” (DELEUZE, 1988, p. 19).

Para Deleuze, agenciamento é o ato de arranjar, organizar e dispor um conjunto qualquer de elementos, qualquer combinação díspar, que não tem uma organização ou uma herança. Agenciamento é uma noção mais ampla do que a de estrutura, sistema, forma, processo, montagem etc. Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica quanto de ordem social, maquínica, gnosiológica (parte da Filosofia que estuda o conhecimento humano) ou imaginária.

Na teoria esquizoanalítica do inconsciente, o agenciamento, uma vez que sempre acontece entre duas ou mais coisas, é concebido para substituir o ‘complexo’ freudiano. Já o agenciamento maquínico é a combinação não hierarquizada dos estados e modos dos agentes coletivos de enunciação. Trata-se de um agenciamento maquínico de corpos, de ações e de paixões – mistura de corpos reagindo uns sobre os outros. Em seu aspecto material ou maquínico, um agenciamento não parece remeter a uma produção de bens, mas a um estado preciso de mistura de corpos em uma sociedade, compreendendo todas as atrações e

repulsas, as simpatias e antipatias, as alterações, alianças, penetrações e expansões que afetam os corpos de todos os tipos, uns em relação a outros (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Foi em meio a pensamentos voltados a esses autores e conceitos, assim como o entorno no qual me encontrava, que observei a universidade, o grupo de orientação coletiva e o curso de mestrado como lugares de moradia provisória de muitos/as e que poderia ser potente como materialidade para uma investigação. No intuito de olhar para as coisas que nos acontecem e os sentidos que atribuímos a elas, esbocei meus primeiros estudos sobre as filosofias da diferença, viés teórico que me inquieta e desafia a pensar<sup>2</sup>. Esse campo se contrapõe às filosofias da representação, do uno, pois toma a diferença em si mesma, pensando o outro em si mesmo, como singularidade e não como um universal. Nessa ótica,

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, de maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre  $n-1$  (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a  $n-1$  (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 21).

---

<sup>2</sup> Para Deleuze, o pensamento não é algo inerente às pessoas, mas proveniente de uma violência que decorre de um encontro com um signo. Essa discussão, provavelmente conhecida dos/as leitores/as de Deleuze e Guattari, pode ser encontrada de forma ampliada em obras como “Diferença e repetição” (2009) e ‘Proust e os signos’ (2010).



Ou seja, extrair a singularidade e pensar o outro enquanto tal, o outro que está inclusive no eu, permite afirmar a diferença desvinculada da identidade, sem submetê-la aos requisitos da representação do 'ser'; permite afirmar a diferença no exercício do estar e, assim, assumir a transitoriedade das coisas.

As filosofias da diferença ganham potência junto a uma perspectiva de pensamento complexo, que se interessa pelo plural e pelo singular, fazendo vaziar uma filosofia que se ampara no pensamento universal e na ideia de totalidade. Desse modo, pensar a diferença é afirmar o próprio pensamento que se dá sempre pela diferença.

Tal perspectiva teórica não busca julgar ou se afirmar como verdade frente a outros pensamentos filosóficos. Quando se refere à diferença, faz menção não a uma concepção tomada como princípio de identificação, mas a concepção aberta e não excludente; em outras palavras, a uma diferença pura (DELEUZE, 2009).

Um respiro é possibilitado nas estruturas rígidas e majoritárias que nos cercam; assim, estar à deriva, por vezes, pode ser algo potente. Ao referir-me à potência, evidencio uma força que incita movimentos entre o que nos é estabelecido e o que nos compõem, permitindo, dessa maneira, os bons encontros (DELEUZE, 2002), sentidos que potencializam nossas mais variadas existências.

No andejar docente, tenho tentado observar os diferentes modos de me relacionar com uma situação, uma fala, uma imagem ou um texto como parte de uma multiplicidade. Nesse território movediço, fui me percebendo em diversas ações coletivas, sendo uma delas a escrita e tudo o que concerne a esse exercício. Cito, ainda, leituras que me motivaram a produzir outros ensaios e que aos poucos me convocaram a garatujar este *pasearse* investigativo, em que vivo e traço linhas pelas quais me aventuro a experienciar outros modos de pesquisar, concomitantemente a agenciamentos coletivos. Em meio a conceitos, encontros com colegas, imagens, dissertações e teses que forçam o pensamento e dobram a língua, desejos são potencializados, tornando os caminhos prolíferos de vida e pondo-me imersa em um viver ávido e coletivo.

Por vezes, você, leitor ou leitora, irá se deparar com fragmentos provenientes de uma ‘roda de escritas’ realizada no decorrer desta investigação, fragmentos que estarão demarcados em itálico. Tome-os como um pensamento em voz alta de outro alguém, uma voz que não é a minha, porém faz parte de mim, sinergias ativas que me compõem...

Posso dizer que o *pasearse* se desenvolve em ações associativas entre corpos, cooperação e andejares pelas fronteiras móveis, desenhando porvires em contínuo deslocamento. Abre caminhos para a potência da experimentação do agenciamento ao mesmo tempo que permite problematizar e produzir aquilo que diz respeito à vida de cada um/uma e de todos/as na pesquisa.

O *pasearse* traçou linhas nas relações que produzi com as materialidades selecionadas para esta dissertação – dissertações e teses, imagens, agenciamentos coletivos e dados produzidos mediante roda de escritas, em meio ao processo de investigação. Tais linhas e intensidades da pesquisa são consideradas *paseos*, registros por onde transitei e produzi sentidos. Segui pensando em como se deram os caminhos de investigação de cada autor/a à espreita de encontros, e estados de sinergia com as coisas que os/as afetaram em meio às suas escritas, escolhas, composições e inquietações nos caminhos da pesquisa, caminhos estes compostos de múltiplas vozes, múltiplos trajetos que foram forjados, recortados, rejeitados, rachados... Em devir...

Uma passagem da obra ‘Diálogos’, de Deleuze e Parnet (1998), ajudou-me a pensar na questão desses estados sinérgicos pelos quais somos afetados/as, uma vez que

A unidade real mínima não é a palavra, nem a ideia ou o conceito, nem o significante, mas o agenciamento. É sempre um agenciamento que produz os enunciados. Os enunciados não têm por causa um sujeito que agiria como sujeito da enunciação, tampouco não se referem a sujeitos como sujeitos de enunciado. O enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos. O nome próprio não designa um sujeito, mas alguma coisa que se passa ao menos entre dois termos que não são sujeitos, mas agentes, elementos. Os nomes próprios não são nomes de pessoa, mas de povos e de tribos, de faunas e de floras, de operações militares ou de tufões, de

coletivos, de sociedades anônimas e de escritórios de produção (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 43).

Ao desejar, construímos uma região, um agenciamento, estando em contínua produção de enunciados, fluxos e linhas de fuga que nos mobilizam a criar, elementos e agentes que tornam um coletivo aquilo que ele é, mesmo que provisório, e que se conjugam das mais variadas formas. Entre esses elementos, está a produção de imagens, que pode ser considerada uma linha de fuga não constrangida, linha que corre imanente, linha intensa movida por inesperados instantes de uma vida.

Acerca das imagens obradas para esta dissertação, lembro ao/a leitor/a que são fragmentos móveis do meu processo, no qual por momentos procurei respiros em meio às pessoas, às experiências, aos objetos, às músicas, às poesias e aos contos. As alianças feitas durante esse processo foram produzindo outras conexões com o estudo e a materialidade elencada para esta investigação, acionando outros modos de expressar-me e de *pasearme* pelas escritas e imagens das dissertações e teses e pelos encontros coletivos.

Trata-se de percursos pelos quais capturei e criei imagens pulverizadas por um olhar que se manteve à espreita do que podia acontecer, afetar e exprimir potências; isto é, fotografias que capturaram um piscar de olhos e que, ao serem friccionadas junto a outras linguagens, foram impulsionando o estudo, no qual operei um escrever, ler e fotografar para pensar. Entre as muitas portas

que me conectaram a este estudo e nos exercícios de abertura das que escolhi explorar, observei que estas não me levaram para um fora transcendente, mas abriam-se para um plano movente. Permaneci, assim, à espreita das múltiplas paisagens que me habitam e nos habitam em um coletivo, paisagens e planos móveis que, ao estarem polinizados por diferentes conceitos, esboçam conexões, produzindo povoamentos.

O plano é como um deserto que os conceitos povoam sem compartilhar. São os conceitos mesmos que são as únicas regiões do plano, mas é o plano que é o único suporte dos conceitos. O plano não tem outras regiões senão as tribos que o povoam e nele se deslocam. É o plano que assegura o ajuste dos conceitos, com conexões sempre crescentes, e são os conceitos que asseguram o povoamento do plano sobre uma curvatura renovada, sempre variável (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 47).

É nesse plano movente que tracei algumas conexões, povoando territórios e produzindo agenciamentos por entre as intensidades vivas que me atravessaram.

Para discorrer sobre isso, retomo o conceito de território formulado por Deleuze e Guattari, tal como é desenvolvido nas obras 'Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, volume I' (1995) e 'Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, volume III' (2015). Recordo que território, além de aludir ao âmbito geográfico, faz referência a uma delimitação afetiva, intimamente ligada à ideia de desejo, e a um contorno sensível que compele múltiplas e singulares experiências. Para Guattari e Rolnik,

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente ‘em casa’. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios ‘originais’ se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais. A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante (1996, p. 323, grifos do autor).

Esta investigação se produziu em meio a esses movimentos de desterritorialização e reterritorialização, e foi neste solo movediço que houve a possibilidade de habitá-lo provisoriamente, de pensá-lo. Solo que me permitiu operar o *pasearse*, estando permeada por vozes em estado de conversação, vozes que se contaminaram e respingaram umas nas outras, escritas que se diluíram nos exercícios de não manter a folha em branco. Ao escrevermos, nos escrevemos em um *pasearse* imersivo,

repleto de múltiplas entradas, provocando, assim, possibilidades de fuga e de criação.

*[- O trabalho coletivo é propositivo em nossas pesquisas quando conseguimos explorá-lo como um plano de criação, como um espaço de abertura de inusitadas relações e possibilidades, quando ele nos impulsiona ao salto. E, em relação ao salto, uma passagem de Machado e Almeida (2016, p. 75) vale a pena ser convidada, 'uma gota vai se fazendo aos poucos, ela reúne mais água junto a si, ela se prepara para seguir adiante desacelerando seu curso. Só após ter reunido junto a si certa condição, a gota se entrega ao salto'.]*

Peguei-me indagando acerca desse salto que desconhece sua aterrissagem e desconhece sua permanência no ar, estando assim no instante e no território de impermanências que incita a nos deslocarmos e também a desacelerarmos, para, então, esboçarmos possíveis que nos potencializem.

Ao nomear o caminho da pesquisa como território movediço, percebo-o como portador de um contorno não fixo e de fronteiras não tão definidas e bastante instáveis. Nesse território, ao *pasearme*, sinto que posso explorá-lo, mas sei também da sua transitoriedade, advinda do fato de esse território estar vivo e pulsante.

Ao transitar nesse território, que é difícil de mensurar em palavras faladas e escritas, presencio silêncios que forçam o pensamento, de modo que a necessidade de escrever exige daquele/a que o faz um estado de solitude e de reclusão inquieta

frente a um senso comum fantasmagórico, outra vez forçando o pensamento e novamente e sempre.

Quando se trabalha, a solidão é, inevitavelmente, absoluta. [...] Só há trabalho clandestino. Só que é uma solidão extremadamente povoada. Não povoada de sonhos, fantasias ou projetos, mas de encontros. Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias. É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro. Encontrar-se com pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto). Mas também movimentos, idéias, acontecimentos, entidades (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 06).

Esse fragmento de Deleuze e Parnet estabelece aliança com a escrita da professora Ana Maria Preve no momento de qualificação desta dissertação: “Este território é a expressão das forças visíveis e invisíveis que o compõem” (PREVE, 2019), forças que nos atravessam e nos compõem, que nos potencializam a escrever contaminados das mais variadas ideias que nos são comuns, incitando-nos a produzir realidades. Forjamos encontros entre reinos e abolimos o Eu da escrita, abraçando a singularidade. Constituímo-nos concomitantemente com o território móvel no qual habitamos, quando estamos em meio a um *pasearse*.

Escrever pode ser a materialização de uma ideia, um pensamento, uma ideologia ou um discurso, mas pode ser também um movimento de sairmos do lugar e de estarmos dispostos/as a correr riscos, um modo de derrubarmos paredes invisíveis que nos privam de expressar a vida. E, ao percebermo-nos como




*paseaderos/as* em territórios movediços, podemos aticar intentos de colocarmo-nos à espreita, seduzidos/as pelos movimentos irregulares oriundos do andejar.

*[- Ouvir o que nos era imprescindível enquanto modos de existência. E, em meio ao som ruidoso de um coletivo, deixar as palavras entoarem na força que elas se apresentavam para nós. Também era preciso reconhecer a própria voz. Não tenho ilusão que esta voz fosse límpida e que vociferasse sobre autoria, mas sim que ela tivesse um timbre distinto dos demais. E isto é bastante difícil quando se produz junto a um coletivo; o problema maior talvez seja a admiração, admiramos, nos aproximamos, queremos estar juntos, pensar juntos. E justamente por isso era preciso estar atenta, para não se confundir completamente os 'vestígios vasculhados com as vozes dos outros'.]*

*Pasearme* pela existência e pelo pesquisar faz dessa breve retomada de percurso potência. Esses/as autores/as me impulsionam a compor com pequenas chispas os anseios e desejos do que escrevi.

*[- No período em que fiz o mestrado, uma leitura que permeou nossos estudos coletivos foi a série de livros 'Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia', de Deleuze e Guattari. Foram estudos muito importantes porque eles não tratavam especificamente dos temas de nossos trabalhos, mas nos ajudavam a constituir modos de nos posicionar no mundo e na pesquisa de maneira inventiva em um mundo em constantes mutações. Esse estudo provocador e o esforço coletivo de acioná-lo em nossas vidas e pesquisas foram imprescindíveis para evitarmos comodismos.]*

Quando algo nos encontra. Achados. 2019



Realizei uma escrita que desenvolveu linhas que capturaram as singularidades que pude perceber no grupo o qual me dediquei a investigar, que compõe parte da Linha de Pesquisa 4 do Programa de Pós-Graduação em Educação.

A LP4 é composta atualmente por três professoras e um professor: Ana Lúcia Marques e Louro-Hettwer, que desenvolve pesquisas acerca da formação de professores/as especialistas e não especialistas em música, de narrativas e aprendizagens no cotidiano e dos cursos de ensino superior de música; Cláudia Ribeiro Bellochio, que estuda a formação e as práticas pedagógicas na Educação Básica e o desenvolvimento profissional dos/as professores/as de música; Marcelo de Andrade Pereira, que desenvolve investigações sobre práticas pedagógicas crítico-performativas, educação e estética, performance e educação, arte e política; e Marilda Oliveira de Oliveira, que pesquisa a docência como campo de experimentação em artes visuais, a formação docente e as filosofias da diferença.

A pesquisa aqui circunscrita apresenta um recorte desse quadro de estudos, abrangendo apenas dissertações, teses e trabalhos de pós-doutorado orientadas pela professora Marilda. Tendo como desafio *pasearme* pelas investigações produzidas pelos/as mestres/as, doutores/as e pós-doutores/as que fizeram parte desse singular espaço entre os anos de 2009 a 2020, exploro as pesquisas defendidas até a finalização deste trabalho. O objetivo consiste, assim, em *pasearme* pelos Encontros de Orientação

Coletiva (EOCs)<sup>3</sup>, de partilha entre pesquisadores/as participantes, ao mesmo tempo que me encontro desenvolvendo esta dissertação, estando em um *pasearse* que captura o que me alcançou desses processos investigativos.

Sendo esses os desafios que me propus a experienciar, estudei as dissertações, teses e trabalhos de pós-doutorado já defendidas postas em conversação nos EOCs. A problematização que faço se delimita na seguinte questão: **que singularidades podem ser acionadas em um *pasearse* com as dissertações, teses e trabalhos de pós-doutorado produzidos de 2009 a 2020 junto aos EOCs e a uma roda de escritas a n-1?**

Esta dissertação provoca a pensar as produções de pesquisadores/as que, em parte de sua trajetória, ocuparam o singular território de produção (hoje denominado EOCs). Trata-se de um lugar que aos poucos se produz e se modifica, metamorfoseando-se junto a seus/suas integrantes, os quais, em meio às escritas, à arte e às conversas, movidos/as por desejos e problematizações, assim como eu, vivem, sentem, experimentam docências e degustam leituras, impulsionados/as por experiências e vontades. Desse modo, *pasearme* pelas produções e o que me alcança delas e de seus/suas autores/as me permite uma experiência singular.

---

<sup>3</sup> Os EOCs são realizados desde o ano de 2007, embora nem sempre tenham sido nomeados deste modo. Trata-se de encontros/reuniões do grupo de orientação da professora Marilda Oliveira de Oliveira, em que se discutem os trabalhos em processo de escrita.

Os EOCs têm por objetivo principal a problematização das imagens e escritas produzidas pelos/as pesquisadores/as em processo de mestrado, doutorado e pós-doutorado, de maneira a compartilhar dúvidas e questões teóricas e imagéticas. Cada pesquisa em desenvolvimento é acompanhada pelas leituras coletivas dos/as colegas, à guisa de pensar junto ao escopo teórico do qual o grupo se aproxima. Nesse cenário, as dinâmicas do grupo são repensadas quando necessário, de modo a possibilitar leituras coletivas e conversações sobre as pesquisas realizadas.

*[- Os encontros de orientação aconteciam em sua grande maioria de modo individual [2008], para tratar das questões de pesquisa, incluindo os direcionamentos metodológicos, no sentido de realizar novos direcionamentos e analisar os andamentos das ações empreendidas na pesquisa. Aconteciam alguns momentos de orientação coletiva, mas estes eram mais raros, realizávamos a leitura de algum material teórico específico, ou mesmo diálogos sobre os trabalhos dos colegas (mais raros). É importante mencionar que a própria lógica de orientação neste período era diferenciada, uma vez que tínhamos como apoio os estudos realizados no grupo GEPAEC (que na época tinha um outro formato, suprimindo muitas das necessidades de estudo dos autores e temas problematizados na dissertação) e também o contato com a orientadora durante as disciplinas realizadas com ela, que sempre foram fundamentais para o andamento da pesquisa.]*

Os EOCs nem sempre ocorreram nesse formato. Existiram diversos métodos operados no grupo, e, a cada necessidade de mudança, esta era feita com a participação de todos e todas, para que assim cada integrante se sentisse à vontade para sugerir e propor outros formatos.

Houve um período em que trabalhamos com pareceres ao modo de uma banca de qualificação. Esse procedimento deixou de ser produtivo quando o grupo cresceu, fazendo com que, no final da orientação, o/a orientando/a tivesse oito ou nove pareceres para atender, o que instituiu um processo mais trabalhoso do que produtivo.

A metodologia com a qual que temos operado nos EOCs, neste momento, tem sido a discussão página a página. Desde minha entrada nesse espaço, tive a alegria de compartilhar dúvidas, inquietações e conversas oriundas do processo investigativo com cinco colegas, os/as quais estavam também em seus processos de investigação: Carin Cristina Dahmer, Caue de Camargo dos Santos e Cláudia Aparecida dos Santos, que eram doutorandos/as, e Denise Meller Losekann e Rafael Agatti Durante, que, assim como eu, eram mestrandos/as.

Nesse formato de discussão, a cada página, os/as participantes colocam o que a seu ver merece ser comentado ou destacado. Essas relações coletivas têm muito a contribuir com o andejar de cada estudante-docente-pesquisador/a, pois, no exercício em que penso com o/a outro/a e não como o outro/a (DELEUZE, 2010), esboçam-se possibilidades de aprendizado e criação, produzindo sentidos às relações e às pesquisas compartilhadas e conversadas em grupo.

Os destaques e comentários são feitos acerca das escritas e problematizações a partir de conceitos, noções e autores/as, assim

como das imagens obradas e colocadas em composição com a escrita de cada um/uma. Ressalto que esse não é um exercício fácil, pois as discussões instauradas não constituem embates pautados em opiniões ou credices, mas em estudos acerca dos conceitos e das problemáticas desenvolvidas e/ou em desenvolvimento, bem como em conexões e relações entre arte, filosofia e educação.

As discussões, o mínimo que se pode dizer é que elas não fariam avançar o trabalho, já que os interlocutores nunca falam da mesma coisa. Que alguém tenha tal opinião e pense antes isto que aquilo, o que pode importar para a filosofia, na medida em que os problemas em jogo são enunciados? E quando enunciados, não se trata mais de discutir, mas de criar indiscutíveis conceitos para o problema que nós nos atribuímos. A comunicação vem sempre cedo ou tarde demais, e a conversação está sempre em excesso, com relação a criar (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 37).

Ao desenvolver nossas pesquisas, permeadas em sua maioria pelas filosofias da diferença, concebemos posturas de investigação que condizem com esse viés de pensamento. Desse modo, estando em um plano móvel, sempre em processo, é viável considerar que nem sempre estaremos em um mesmo plano de pensamento.

*[- Minha experiência foi diferenciada nos grupos de orientação da professora Marilda, acredito que minha escrita manteve sua singularidade. Como em meu doutorado ocorreu uma troca de orientação, foi bem complicado e muito sofrido participar de um grupo de orientação*

*que não trabalha os mesmos autores que eu, embora tenha tido sempre todo o apoio e compreensão da professora Marilda.]*

Os conceitos não são fechados nem rígidos em seus sentidos, mas cabíveis de críticas e de deslocamento. Assim, “[...] criticar é somente constatar que um conceito se esvanece, perde seus componentes ou adquire outros novos que o transformam quando é mergulhado num novo meio” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 37). É com esse pensamento que posso dizer que uma pesquisa em desenvolvimento, mesmo conversada em grupo, mesmo contaminada por outras vozes, busca singularidades e procura se manter em um grupo que pesquisa junto à criação de conceitos, noções, imagens e escritas e... O pensamento e seu desenvolvimento permeado por deslocamentos é algo singular; por mais aproximações que se tenha com colegas e/ou professores/as, a criação é sempre singular, assim como suscetível a deslocamentos.

As imagens que compus junto à escrita desta dissertação foram criadas no decorrer da investigação. Minhas escolhas ocorreram com o intuito de movimentar-me ao *pasearme* na produção deste estudo, atenta à materialidade escolhida e à espreita de materialidades outras... Fotografei lugares que me foram (são) caros ao escrever, de maneira que potencializam meu pensamento e as relações possíveis com a pesquisa.

Tais imagens compõem com a escrita e têm por intuito movimentar o plano que fui constituindo, de modo que as propus



como aforismos (BAUDRILLARD, 2003) em referência aos conceitos elencados e também a momentos, experiências e *paseos*, compostos no mesmo plano, isto é, em uma planície da vida que inspira e expira, formada pelo que nos é caro e nos atravessa. Assim como escreve Mossi,

Não nos apoiamos na fixidez de passos preestabelecidos. Apostamos no processo da composição e da colagem, que sobrejustapõem elementos diversos, sem eixos e sem origens, sem prescrições rígidas de como e onde usá-los. Compactuamos com a imanência, com o aqui e agora, com os diversos planos sobrepostos e justapostos em ato. Subvertemos procedimentos, propondo uma investigação como artesanaria. Apostamos no rigor e no cuidado que não engessem possibilidades e mundos possíveis e impossíveis. Não reconhecemos a separação entre teoria e prática (2017, p. 160).

Ao apostar no processo de composição e colocar em conversa diferentes linguagens durante meu processo investigativo pelas dissertações, teses e trabalhos de pós doutorado, produzi fotografias de um objeto corriqueiro, simples e indispensável no nosso dia a dia: chaves, *molhos de chaves*, chave... Assim, a investigação, em alguns momentos, é composta por colagens de aforismos; de modo que “[...] o aforismo consiste em lançar pensamentos dispersos, cada leitor tirará deles seu próprio proveito de maneira diversa...” (BAUDRILLARD, 2003, p. 38). Misturas de pensamentos e problematizações que me faziam atualizar lembranças da graduação, momento em que me

encontrei com os primeiros textos, ensaios e falas de egressos/as do Curso de Pós-Graduação em Educação e Artes da LP4. Tais leituras, escritas e conceitos trabalhados para pensar a educação e as artes foram como chaves na minha formação, abrindo-me outros mundos, outras realidades e outros modos de pensar e olhar as práticas docentes, a pesquisa e as imagens, operadas em meio ao desejo de potencializar a vida em seu movimento.

Na banca de qualificação do projeto desta dissertação, as palavras da professora Vivien Cardonetti me fizeram pensar ainda mais sobre esse objeto:

[...] as chaves raramente se encontram sozinhas, pois temos a tendência de juntar inúmeras chaves num mesmo molho. Dessa forma, poderíamos questionar, qual razão delas estarem unidas? Qual função de cada uma junto ao molho de chaves? Existem chaves que são mais usadas/acionadas que outras? Algumas estão mais gastas em função do seu uso? ... cada chave tem seu formato, tamanho, ranhuras, vincos... Nenhuma chave é igual a outra... a chave tem alguns objetivos: trancar, prender, esconder, não deixar à mão, controlar, conter, restringir, abrir, encontrar (CARDONETTI, 2019, p. 02).

Sua escrita me instigou a continuar compondo a investigação permeada pelos sentidos que fui produzindo a partir desse objeto. Esses movimentos há muito tempo compunham meu andejar, pois, quando cheguei ao Brasil, a língua portuguesa que aprendi foi a das ruas, a das gírias com seus discursos clandestinos. Nesse cenário, o termo 'chave' assume diferentes roupagens e

opera outros sentidos, como, por exemplo, ‘chave de cadeia’, indicando que a pessoa assim chamada é alguém que provoca situações embaraçadoras e problemáticas. Tal palavra também pode ser empregada em frases como “a menina da minha turma é ‘chavosa’”, fazendo referência a alguém que é muito estilosa em sua maneira de vestir, conversar e relacionar-se. Esses são fragmentos de lembranças de quando cheguei ao Brasil, ‘tempos-chave’.

Essas chaves dispararam pensamentos que me auxiliam na escrita desta investigação, de maneira que as vejo como parte da minha trajetória – lugares onde entro, lugares que já não me apeteçam e lugares onde ainda quero entrar, de modo a *pasearme* por caminhos pelos quais vou (me) compondo.

Em outras palavras (chaves), abriram-se múltiplas portas pelas quais fui transitando e produzindo um *pasearse* atravessado pelos mais variados fragmentos das coisas que me afetaram e mobilizaram nesse percurso. Ao estar em um *pasearse* do agora, criando territórios móveis que desconhecem a firmeza do concreto, em que escrita e imagem se atravessam em um tear artesanal de pesquisa e em que múltiplas vozes me afetam e desaceleram ante o imediatismo que a vida contemporânea nos exige, produzi um caminho ao *pasearme*, esboçando problemas que me movem em diferentes planos, os quais não se encaixam, mas movimentam-se e se justapõem.

No corpo desta dissertação, o/a leitor/a encontrará, após este esboço de início, o capítulo '*Pasearse*', em que é desenvolvida a noção de *pasearse*, que se configura como método desta pesquisa friccionado pela roda de escritas e composto de um emaranhado de linhas. Apresento-o desde sua captura/roubo e da forma como é pensado e operado na pesquisa. Apresento também, no capítulo '*Sobre a instituição e os lugares onde me proponho a pensar a diferença*', o local onde a pesquisa foi desenvolvida e as escolhas e os impulsos que movimentam o pesquisar no âmbito da educação e das artes, justaposto e atravessado pelas materialidades do estudo, assim como o local onde estas foram desenvolvidas – que é a UFSM, primeira universidade federal construída no Brasil fora de uma capital. Trago, ainda, dados históricos acerca do PPGE, em especial da LP4 - Educação e Artes.

Em seguida, no capítulo '*Agenciamentos coletivos: tecendo linhas entre escritas*', foco as formas dos discursos e documentos que foram utilizados no andejar da pesquisa e que permitiram criar aberturas para o pensamento e os sentidos atribuídos aos movimentos criados com as materialidades. Discorro, também, sobre as composições que surgiram ao analisar/pensar as produções das teses, dissertações e trabalhos de pós-doutorado produzidos em meio aos EOCs. Nesse trajeto, explano acerca da metodologia com que operei para trabalhar com as materialidades trazidas neste estudo, a qual é uma fricção da noção de *pasearse* junto à roda de escritas.

No capítulo 'Escritas e imagens a n-1: composições de um bando', produzo linhas acerca dos modos de produção singular do grupo dos EOCs, explorando as maneiras como são pensadas as imagens em composição com o texto, imagens essas que não se subordinam ao texto. No decorrer de toda a dissertação, são exploradas e postas em movimento as escritas dos/as egressos/as que produziram suas dissertações, teses e trabalhos de pós-doutorado, os/as quais comportaram a roda de escritas que organizei no espaço virtual do *Google Drive* e do *Formulário Google*, intitulado 'Um convite: não escrevo só, escrevo com vocês...'. Essa foi a maneira que encontrei para adentrar os mundos dos/as autores/as das dissertações e teses, sendo afetada por cada um/uma em suas escritas singulares e seus modos de pensar e investigar aliados às filosofias da diferença, às filosofias pós-críticas e à cultura visual ou, situadas no limiar dessas vertentes teóricas...

Na sequência, o/a leitor/a encontrará o capítulo '*Consideraciones al afirmar la diferencia*', em que são esboçadas algumas das linhas inconclusivas sobre este processo que vivenciei, abordando algumas escritas acerca das impossibilidades de ver o todo e da incapacidade de finalizar quaisquer que sejam as experiências que vivi neste processo.

Em continuação, são trazidas as referências que me acompanharam e, finalmente, a roda de escritas dos/as doutores/as e mestres/as.

*Pasearse...*

Claviculario dos jazigos do cemitério. Rivera/Uruguai, 2019.

Ao pensar o *pasearse*, faço referência a uma passagem em que Agamben (2000) cita a obra 'Compendium Grammaticae Linguae Hebraeae' (1925), do filósofo Espinosa. Em seus escritos, explica que tal terminologia faz menção a um sentido imanente, explanando-a como

"[...] uma ação em que agente e paciente são uma única e mesma pessoa", sendo possível "[...] 'constituir a si visitante', 'mostrar a si visitante'", expressões "[...] nas quais a potência coincide com o

ato e a inoperosidade com a obra: a vertigem da imanência é que ela descreve o movimento infinito da autoconstituição e auto-apresentação do ser: o ser como *pasearse* (AGAMBEN, 2000, p. 185-187).

Trata-se de potência, de produção de problemas/caminhos a transitar em si, *pasear, pasearse*. Esse termo aparece, assim, como um verbo reflexivo que expressa uma ação operada no sujeito, o qual recebe e faz a ação em questão, sendo agente e paciente. Nessa passagem, fala-se de uma ‘autoconstituição’, uma construção de si, um processo que ocorre por arranjos coletivos e composições. O prefixo *autós* (que compõe a palavra ‘autoconstituição’) provém do grego, e um dos seus significados é ‘si mesmo e próprio’, de modo que faz menção a algo que se constitui por si. Penso que nos constituímos com o mundo, juntamente com realidades e com o que nos acontece e afeta a partir do que nos mobiliza a pensar e a viver. Tendo em vista essa etimologia da palavra, desconsidero-a em parte ao apropriar-me dos sentidos e das musicalidades que atribuo ao *pasearse*, pois neste estudo essa noção está em fricção com agenciamentos que se dão no coletivo e ressoam em nossos caminhos e em nossas escritas.

Agamben (2000) escreve em seu texto que o termo ‘*pasearse*’ provém do idioma ladino (ou judeu-espanhol). Por fazer-se breve ao escrever sobre o ladino, senti a necessidade de realizar uma investigação sobre o tema. Foi então que me deparei com um antigo idioma falado pelos judeus-espanhóis, também conhecidos

como 'sefarditas', expressão utilizada para designar os judeus descendentes de Espanha e Portugal, ou seja, da Península Ibérica.

O ladino, em vários aspectos, é similar ao espanhol *castellano*<sup>4</sup> – coincidentemente, o idioma do meu país de origem, que, majoritariamente, fala o *castellano uruguayo*, o qual é uma vertente do *castellano* rioplatense, que é mais falado ao sul do Uruguai e sudoeste da Argentina. Em ambos países a língua espanhola (*castellano*) está carregada de fragmentos de uma língua menor<sup>5</sup>, o lunfardo, uma mutação dialetológica criada pelos imigrantes que chegavam ao Uruguai e à Argentina, abrangendo gírias provindas da mistura de idiomas como italiano, francês, espanhol e português. Resquícios e fragmentos do lunfardo são comumente falados como idioma coloquial nessas regiões, estando presentes também nas letras de músicas de tango (TODO TANGO, 2019).

E foi atualizando memórias que me encontrei com algumas palavras do lunfardo, as quais me ajudaram a pensar a noção de *pasearse*, assim como de *paseandero/a*, que diz daquele/a que andarilha com frequência. A partir disso, consigo potencializar essa noção para *pasearme* e estar *paseandera* em meio às materialidades que me propus a investigar.

---

<sup>4</sup> Castelhana em português.

<sup>5</sup> Entendo a língua menor como uma das características da literatura menor citada na obra 'Kafka por uma literatura menor' (DELEUZE; GUATTARI, 1977).



Desse modo, mesmo havendo predominância do *castellano* (coexistente e composto com o lunfardo) no Uruguai, existem, na parte norte do país, mais de dois conjuntos linguísticos, que se entrelaçam, originando um bilinguismo não homogêneo. Nessa região, Brasil e Uruguai, português brasileiro e espanhol castelhano (com lunfardo), entrefalam-se, e a cada frase faz-se um portunhol com pitadas de gírias de ambos os lados, coisas de fronteiras, fronteiras movediças. É lá que eu nasci, e, pensando nessas coincidências, pergunto-me: seria possível escrever os sentidos que dou às coisas que vou experimentando e vivendo? Pensar em um idioma e escrever em outro não é uma tarefa fácil. Nem sempre escrevemos aquilo que pensamos ou queremos dizer. Parece que há sempre um intervalo entre o desejo e o fato.

E me peguei a pensar contigo nesse movimento, e na potência desse desajuste. Não seria esse o movimento que experimentamos ao afirmar um dever no pensamento e na escrita? Isso que escapa e mantém o movimento operante? Talvez experimentamos esse movimento também quando pensamos e escrevemos no 'mesmo idioma' afirmando os devires, fluxos que atravessam esse intervalo entre pensar e escrever, como se pensássemos em uma língua e escrevêssemos em outra, sendo o desajuste, o que convida/arrasta pensamento e escrita a *paseareense*, nos produzindo estrangeiros da nossa própria língua (GARLET, 2019, p. 03).

Comungo das palavras de Garlet presentes no parecer da minha banca de qualificação, pois, ao *pasearme*, capturo o que é do

meu interesse, enjambrando, arranjando e desfazendo-me, assim como atualizando vestígios de vivências.

Esta dissertação não tem a intenção de explicar uma realidade e/ou produzir resultados reproduzíveis, mas de mostrar parte de uma multiplicidade que se esboça, concomitantemente, enquanto componho meu caminho. Desta maneira, não invento uma verdade fixa e/ou receito métodos, vou *tartamudeando* palavras e sentidos e garatujando movimentos minoritários possíveis, que foram criados com o intento de “[...] fazer da nossa própria língua um uso menor” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 04).

Assim, posso compor e *pasearme* pelas dissertações e teses, bem como afirmar outras vontades que se fazem a cada momento de sinergia, como quando encontro um texto, uma imagem, leituras que me atravessam ou conversas, produzindo em mim movimentos. Nestas linhas escritas, tracei registros do que me aconteceu, tendo meu entorno como possibilidade de deslocamentos e intensidades.

Posso dizer que, ao pensar o *pasearse* como metodologia, estou cometendo um roubo, estou dando-lhe outros sentidos, que aos poucos vão sendo produzidos e pensados nesta escrita. Deleuze e Parnet, no livro ‘Diálogos’, assim se expressam:

[...] encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um roubo duplo, e é isso que se faz, não algo de mútuo, mas

um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre 'fora' e 'entre' (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 06).

Trata-se de uma captura provisória, a qual não aprisiona o conceito em uma gaiola, mas o nomeia, sem confundir a palavra com o conceito, pois este não se faz existir apenas pela escrita.

Assim, componho o *pasearse* colocando-me em movimento de *pasearme* e percebendo *paseos* mediante escritas, falas e conversas. Como viajantes nos *paseamos* por nós mesmos/as em processos sinérgicos, nos pensamos e nos percebemos ao estarmos no coletivo, nos contatos e nas conversas; tomamos as mais variadas rotas, inventamos caminhos em um *pasearse* andejante, sem previsões e sem hábitos, embarcados/as no próprio corpo, que é o que temos.

Segundo o veredicto nietzschiano, você não conhecerá nada por conceitos se você não os tiver de início criado, isto é, construído numa intuição que lhes é própria: um campo, um plano, um solo, que não se confunde com eles, mas que abriga seus germes e os personagens que os cultivam (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13-14).

Conectar a escrita com o *pasearse* nesta dissertação possibilitou-me estar estrangeira e inserir fragmentos que surgiram durante capturas e sulcos transitórios que marcaram meus *paseos*, abrindo espaços desconhecidos ainda por mim, espaços que me potencializaram, que fazem parte de mim e de

muitos/as, espaços que criamos, sozinhos/as e acompanhados/as, em especial na pós-graduação, nessa singular experiência, em que a criação nos perpassa, “[...] toda criação é singular, e o conceito como criação propriamente filosófica é sempre uma singularidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13).

A escritora Eliane Brum, em seu texto ‘Espelho, espelho não meu...’, assim escreve:

Não visitamos Roma, Nova York ou Paris, as pirâmides do Egito, o deserto do Saara, as savanas africanas, o Rio de Janeiro, a Amazônia ou o outro lado da rua. O que fazemos é revisitar a nós mesmos no contato com diferentes culturas e percepções de mundo. A mudança de paisagem ilumina os cantos escuros dos precipícios e as profundezas dos lagos que nos habitam. Sempre esperamos que exista em nós um belvedere, é esta a nossa expectativa ao viajar. E nem sempre é um belvedere o que encontramos. Por isso toda viagem é subjetiva e, possivelmente, quando detestamos um lugar ou um povo é porque não gostamos do que vimos em nós (BRUM, 2010, s/p).

Muitas das imagens que compõem esta pesquisa foram fotografadas em lugares que visitei e revisitei, lugares que me constituem, os quais atualizo a cada viagem ou, em outras palavras, revisito-me em cada lugar. Neles capturei fragmentos que me ajudaram a construir planos justapostos de conexões, em que, estando à espreita, fui cativada e pude *pasearme* pela pesquisa, tornando esses momentos prazerosos, como se fosse uma sede, uma sede que não é de água.

Com essa atitude investigativa, percorri as dissertações, teses e trabalhos de pós-doutorado que me propus a estudar e aos poucos fui nutrindo o plano móvel da noção de *pasearse*. Muitas vezes me questioneei sobre como uma noção vai se constituindo, vindo 'ser' o que é. Porém, percebi meu equívoco ao querer dar uma forma à noção de *pasearse*, ao querer explicá-la e dizer o que acho que seja. Assim, apresento por ora apenas os movimentos neste plano, território de pesquisa. Portanto, o que posso dizer do *pasearse* é que não posso mensurar o que ele pode vir a ser, pois, desse modo, estaria fechando-o em uma concepção somente minha e configurando um equívoco na tentativa de validar essa noção a partir de uma experiência particular.

A experiência posta em questão diz respeito, ainda a outro desdobramento criado junto à problemática desta dissertação em meio às dissertações, teses e trabalhos de pós-doutorado produzidos nos períodos de 2009 a 2020 em um grupo de orientação, EOCs, do qual também faço parte: como olhar esses escritos sem me contaminar e cegar por um deslumbre e uma admiração?

Nesse emaranhado caótico, a possibilidade de criação foi central para dar seguimento à dissertação. As colocações da banca de qualificação do projeto foram pontuais, fator que me possibilitou criar caminhos (mesmo que os Tateando) para *pasearme* embrenhada nas veredas da pesquisa. À medida que fui

escrevendo, lendo e fotografando, o *pasearse* foi adquirindo formas provisórias, moveções e ainda desconhecidas.

*[- A escuta me parece algo muito importante nesse sentido. Uma escuta (SKLIAR, 2014) que nos permita ser arrastados/as pelo que ainda não sabemos, pelo que ainda não tem forma... (e digo isso tanto no momento de leitura dos referenciais que utilizamos, quanto a leitura do trabalho do colega, e também no momento de ouvir suas considerações sobre nosso trabalho). Escuta que possa acionar um modo de escrita e de pesquisa que ainda não sabemos fazer e que ainda está por se fazer, a ser inventado... uma escuta ao que ainda é cheia de ruídos e ao que, por vezes, não nos é confortável ouvir... Uma escuta em que algo possa brotar no 'entre' (aliás, não seria ali que a singularidade nasce e ganha potência, no entre?!).]*

Em algumas oportunidades que tive de falar e/ou apresentar a pesquisa em processo, fui questionada de modo a explicar o que é o *pasearse*. Esses momentos foram muito potentes para notar o que parte das pessoas e dos/as colegas do PPGE percebiam acerca da criação de noções, conceitos e problemas. É compreensível que sejamos condicionados a esperar respostas, verdades, métodos e modos de fazer, pois somos educados/as e escolarizados/as para isso.

Esse preconceito é social (pois a sociedade, e a linguagem que dela transmite as palavras de ordem, 'dão'-nos problemas totalmente feitos, como que saídos de 'cartões administrativos da cidade', e nos obrigam a 'resolvê-los', deixando-nos uma delgada margem de liberdade). Mais ainda, o preconceito é infantil e escolar, pois o professor é quem 'dá' os problemas, cabendo ao aluno a tarefa de descobri-los a solução. Desse modo, somos mantidos em

escravidão. A verdadeira liberdade está em um poder de decisão de constituição dos próprios problemas: esse poder, 'semidivino', implica tanto o esvaecimento de falsos problemas quanto o surgimento criador de verdadeiros (DELEUZE, 1999, p. 11).

Em parte, concordo que nossa existência está embebida em problemas já prontos, com supostas receitas de soluções colocadas *a priori*, e que muitos/as de nós compartilhamos tais problemas e acreditamos fielmente que devemos solucioná-los (talvez como salvadores/as). Porém, penso que aí está o germe do que seria uma prisão: pensar que o problema é uno e precisamente só lhe cabe uma resposta. Um problema é um conjunto, uma multiplicidade que está intimamente em sinergia e em conexão com conceitos que podem (ou não) colaborar nos trajetos que escolhemos pesquisar.

Retomo aqui a ideia de que problema, conceitos e noções estão em um mesmo plano móvel, podendo provocar o movimento de *pasearse*. Assim, o/a aventureiro/a, o/a artista e/ou o/a filósofo/a imerge no próprio pensamento, expurgando quaisquer caminhos já explorados, inventando a si e constituindo-se a cada impulso do pensar.

*[- Produzir uma dissertação operando conceitos advindos de uma base pós-estruturalista, das filosofias da diferença, não foi para mim um movimento fácil ou de rápida aproximação. Compreender que estudar, no caso mais especificamente, Deleuze e Guattari, requer não apenas ler, mas reler, pensar, pensar novamente e novamente levou um certo tempo. As aproximações com as leituras não acontecem num primeiro momento, até mesmo porque penso que o que se prima estudando as filosofias da*

*diferença é estar constantemente com o pensamento em movimento. Não há nessas leituras respostas prontas, ou prontas a serem aplicadas na sua escrita. Estas não irão lhe dar 'uma fórmula', modelo, ou lhe dizer que resultados você poderá ou deverá obter em sua pesquisa. Encontre você mesmo! Pense, mas pense possibilidades, possíveis, não verdades. Coloque-se em pesquisa, ela é sua, mesmo que seja feita de processos coletivos, de partilhas oriundas de muitos lugares...]*

Assim, procurei, por meio das palavras, letras e orações, outro modo de me perceber na pesquisa e na criação, tanto dos problemas quanto dos conceitos, os quais tratei aqui 'com' as leituras, os estudos e as aproximações aos conceitos de Deleuze e Guattari, e não a partir deles.



Nascer pelo meio  
(PRECIOSA, 2010, p. 37).  
2019.



## **Sobre a instituição e os lugares onde me proponho a pensar a diferença**

Neste capítulo, explano sobre a história do PPGE da UFSM, o qual possui um caminho de constituição singular, sendo um dos primeiros Programas de Pós-Graduação do interior do Brasil, constituído nos anos de 1970 a 1977 (GUTERRES; RAYS, 2005). Sua inauguração aconteceu em um contexto político ditatorial, em que vários países da América Latina padeciam, tais como Argentina, Peru, Uruguai, Chile, Paraguai e Brasil. Não é do meu interesse adentrar as questões que caracterizam esse momento histórico, mas aponto aqui alguns fatos referentes ao contexto mais geral da educação no Brasil que, a meu ver, não podem ser olvidados.

Antes de comentar acerca do PPGE da UFSM, assim como o conhecemos atualmente, vale rememorar sua constituição. Sendo o primeiro programa que teve por interesse a especialização e formação continuada de professores/as latino-americanos/as de ensino médio (GUTERRES; RAYS, 2005), desenvolveu demandas de aperfeiçoamento e capacitação em nível de Pós-Graduação. Também a partir da necessidade de descentralizar os polos de educação das grandes cidades do país, foi então criada na cidade de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul, a Faculdade Interamericana de Educação (FIE), um dos primeiros cursos de Mestrado do interior do país. As aulas eram realizadas no atual Centro de Ciências Naturais e Exatas (CCNE), localizado no *campus* principal da UFSM, que fica no bairro Camobi. Essa

iniciativa estava inserida em um projeto denominado Projeto Multinacional de Aperfeiçoamento de Pessoal Especializado em Educação, o qual foi concebido mediante a demanda e colaboração da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Ao acessar essas informações, um fator chamou minha atenção: saber que a FIE contava com a presença de estudantes brasileiros e estrangeiros, pois o projeto contemplava 18 países da América Latina, atendendo a um total de aproximadamente 228 estudantes, dos 120 eram brasileiros e 108 eram estrangeiros (GUTERRES; RAYS, 2005). Essa informação tocou zonas que, enquanto docente, pesquisadora e imigrante uruguaia, fizeram-me pensar sobre o lugar que ocupo e sobre as fronteiras fixas a partir das quais podemos forçar uma diluição, lutando por um lugar onde toda diferença possa ser acolhida. Assim percebo o lugar de formação onde atualmente me encontro.

Dessas peculiaridades, decorreu o atual PPGE da UFSM. Pode-se dizer que esse singular trajeto se tornou importante para o reconhecimento da instituição.

Expostas essas informações, as quais considero interessantes para inserir nesta dissertação, realizo uma explanação sobre a inserção da Arte no PPGE da UFSM, que teve início nos anos 1980. Na época, tratava-se somente de dissertações voltadas ao âmbito da arte, sem a presença de uma linha específica de pesquisa como existe hoje. Evidencio, ainda, que o campo da Educação e das Artes foi duramente forjado e por muito tempo não

foi acolhido como área científica de estudos relevantes. A esse respeito, vale a menção a uma das pioneiras da Educação e Arte no Brasil, a professora Ana Mae Barbosa<sup>6</sup>, que em 1987 inaugurou o primeiro programa voltado aos estudos da Educação e Arte na Universidade de São Paulo (USP), sendo ela a primeira brasileira a se doutorar em Arte-Educação nos Estados Unidos.

A Linha de Pesquisa em Educação e Artes do PPGE da UFSM começou a ser esboçada a partir do IV Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG), que data do ano de 1990 e apresentou pautas importantes para a constituição do curso de Mestrado em Educação. A partir de então, foram compostos dois eixos temáticos de pesquisa: 1- Fundamentos da Educação e 2- Implicações na Prática e Práticas Educativas nas Instituições. No final do mesmo ano, foram credenciados/as professores/as que trabalharam nos eixos mencionados realizando interfaces com assuntos oriundos das Artes Visuais e do Teatro (BELLOCHIO et al., 2012). Aponto que o contexto do país no que se referia à área de Educação ainda era bastante precário e que as Artes Visuais aos poucos conquistavam um espaço importante na área.

Passados treze anos, em 2003, foi novamente reformulada a matriz curricular, e os eixos do Mestrado com interfaces nas Artes

---

<sup>6</sup> Ana Mae Barbosa é a autora responsável pela elaboração da Abordagem Triangular no ensino de Artes no Brasil, trabalho esse que colaborou amplamente com o cenário da educação das Artes Visuais no país. Atualmente é professora aposentada da Universidade de São Paulo e atuante na Universidade de Anhembi, em São Paulo.

Visuais e no Teatro foram alterados para serem reorganizados em uma linha de pesquisa no PPGE, que na época foi denominada Linha de Pesquisa 5, Educação e Artes (LP5), composta das áreas de Artes Visuais e Educação Musical, já que o professor João Pedro de Alcantara Gil<sup>7</sup>, da linha de Teatro, foi transferido para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Outra reformulação ocorreu no ano de 2006, com a instauração do curso de Doutorado, e provocou mais mudanças que culminaram em 2008 em novos credenciamentos de professores/as, fazendo com que a LP5 passasse a ser denominada LP4 Educação e Artes, como permanece até os dias de hoje. Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) do PPGE de 2007, a linha

Desenvolve investigações sobre o campo da educação em artes tendo como foco de análise as Artes Visuais e a Educação Musical na história da educação, na formação e nas práticas educativas de professores. Busca perspectivas de compreensão da relação educação e artes em dimensões formais e não formais do ensino e da aprendizagem, considerando o movimento das sociedades em sua constituição histórico-cultural (UFSM, 2007, p. 30).

---

<sup>7</sup> Na atualidade é professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde foi coordenador da Comissão de Graduação em Arte Dramática e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (2013-2014).

Desde então, com o passar dos anos, a LP4 foi sendo ampliada com novos credenciamentos de docentes oriundos/as de outras áreas das Artes que não somente as Artes Visuais e a Música. O PPP do PPGE foi reformulado em 2018, apresentando a seguinte descrição da linha:

Desenvolve pesquisas sobre o campo da educação em artes tendo como foco de análise as artes visuais, a educação musical, os estudos do corpo e da performance. Busca interlocuções com a formação de professores especialistas e não especialistas e sua docência em espaços formais e não formais. Investiga a educação e a cultura visual em processos formativos, metodologias artísticas de pesquisa e transdisciplinaridades. Estuda as narrativas de si, as identidades profissionais em cursos superiores, assim como a educação estética e as filosofias da diferença (PPGE, 2018, p. 35).

Concomitante às mudanças comentadas anteriormente sobre a criação da LP4, pesquisadores/as atuantes nos campos acadêmicos da Educação conquistaram gradativamente espaços no que se refere às pesquisas em Educação e Artes, tanto que, no ano de 2007, na comemoração do 30º aniversário da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)<sup>8</sup>, foi criado o Grupo de Estudos em Educação e Artes (GE 24), que em

---

<sup>8</sup> A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação foi criada em 1978 e é uma organização que tem por comprometimento as lutas e o desenvolvimento da educação no país. Focada no ensino da pós-graduação, acompanha as investigações científicas realizadas em diversas instâncias da educação brasileira, tornando-se, assim, uma das principais organizações voltadas à educação.

2009 foi consolidado como Grupo de Trabalho – GT 24, tendo como primazia a aglutinação e socialização de saberes produzidos pelos/as pesquisadores/as do âmbito da Educação.

Após essas considerações sobre a construção da LP4, a qual me ocupo em investigar parte de suas produções, interessa-me olhar as dissertações e teses produzidas no período dos anos 2009 a 2020, permeada pelo que me alcança dessas produções. A escolha do recorte temporal deve-se ao intuito de abordar as dissertações e teses produzidas sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marilda Oliveira de Oliveira, que inaugurou na LP4 os estudos voltados inicialmente à cultura visual e posteriormente ao escopo teórico pós-estruturalista, mais especificamente aos/às autores/as associados/as às filosofias da diferença.

Penso que é interessante abordar os modos de criação no que refere ao que foi e é produzido, pois tais modos podem manifestar alguns dos efeitos acionados no grupo, como também os possíveis contágios em seus leitores e leitoras, tendo em vista que toda escrita é um agenciamento, coletivo. Dessa forma, as dissertações e teses constituem uma multiplicidade, da qual se exprimem singularidades produzidas em um coletivo que pensa junto, no qual podemos nos encontrar com nós mesmos/as durante esse processo, assim como produzir estados sinérgicos com os/as colegas, em matilha.





Se faz parte de você, faz parte de mim.  
2020.



Pausas, desaceleramentos e respiros em meio às coisas, às imagens, aos fragmentos de poemas e de letras de música, às chaves e às composições que aparecem no decorrer do texto e me inspiraram a pensar e operar, de maneira conjunta com as materialidades escolhidas: assim produzi outras conexões com o que estudei, outros modos de me expressar ao *pasearme* pelas escritas das dissertações e teses e com os estudos das filosofias da diferença. Este estudo difere, portanto, de investigações que seguem instâncias epistemológicas e metodológicas que focam produções destinadas a representar uma realidade ou dar voz a uma comunidade, por meio de técnicas e mecanismos que apanham determinados resultados, os quais, sendo calculáveis, podem tornar-se aplicáveis e consumíveis, assim como reproduzíveis.

Nesse sentido, desenvolvi modos de transitar em territórios que me compõem, bem como em territórios que são comuns a mim e a outras pessoas. Ambos são faces do mesmo plano, um plano justaposto, onde uma voz fala com muitos/as, um discurso fala de muitos/as, onde há produção de uma escrita sobre muitos/as.

Esse plano não apresenta identidades e/ou proposições direcionadas a um questionamento conciso, mas funde-se mesmo que provisoriamente por conexões e relações que, segundo Deleuze e Parnet, comportam

[...] muitos termos heterogêneos, e que estabelece ligações, relações entre eles, através das épocas, dos sexos, dos reinos – naturezas diferentes. Por isso a única unidade do agenciamento é de funcionamento: é uma simbiose, uma ‘simpatia’. O que é importante não são nunca as filiações, mas as alianças e as ligas; não são os hereditários, os descendentes, mas os contágios, as epidemias, o vento (1998, p. 56-57).

Com essa passagem consegui me aproximar mais das materialidades, de modo que pude vasculhar escritas, leituras e discursos produzidos no âmbito singular do grupo inserido na LP4, em específico as produções dos/as integrantes/pesquisadores/as que por determinado período ocuparam esse espaço e compartilharam saberes.

*[- Somos um grupo, um coletivo, que se contagia? Sim, se contagia. Partilhamos de uma mesma perspectiva de estudos, de leituras em comum, partilhamos da docência, sim... mas cada um de nós é uma multiplicidade. As respostas que damos aos nossos disparadores de pensamentos nunca serão as mesmas. Há estruturas das quais não nos desfazemos? Sim, há, mas o que vazamos delas não é igual, nem repetição do mesmo.]*

Os EOCs são espaços de multiplicidades, em que enunciados são produzidos e criados mediante agentes coletivos, com os quais estudamos, conversamos, discordamos e escrevemos para desafiar-mos a extrair o singular das nossas pesquisas. É um exercício que nem sempre nos afeta com alegrias e/ou tranquilidade, podendo por vezes até constranger nossa potência,

impulsionando-nos a imergir nas brechas que criamos em busca de possíveis...

Um enunciado sempre representa uma emissão de singularidades, de pontos singulares que se distribuem num espaço correspondente. As formações e transformações desses mesmos espaços levam, como veremos, problemas topológicos que não se exprimem adequadamente em termos de criação, começo ou fundamento. Por uma razão ainda mais forte, num espaço considerado, pouco importa que uma emissão esteja sendo feita pela primeira vez ou seja uma repetição, uma reprodução. O que conta é a regularidade do enunciado: não uma média, mas uma curva (DELEUZE, 2005, p. 16).

Assim, penso como o coletivo funciona aliado às multiplicidades de enunciados que estão e são produzidos na instituição e no grupo. Lembro que o que é produzido no grupo que compõe a LP4, as dissertações e teses, não está na ordem do novo, mas do acontecimento e do seu retorno à diferença.

No Brasil, existe apenas um PPGE *stricto sensu*<sup>9</sup> (Mestrado e Doutorado) com linha de pesquisa específica em Educação e

---

<sup>9</sup> *Stricto sensu* é uma expressão em latim que, traduzida ao português, significa 'em sentido estrito', o que, em outras palavras, quer dizer algo que é compreendido e pesquisado de modo mais aprofundado e específico. Essa expressão é adotada para caracterizar os cursos de Pós-Graduação e Graduação no Brasil. Assim, enquanto a expressão *lato sensu*, que significa 'em sentido mais amplo', faz referência aos cursos de Graduação e Especialização, a expressão *stricto sensu* remete aos cursos de Mestrado e Doutorado. Mais informações sobre o tema podem ser consultadas no site do Ministério da Educação (MEC, 2018).

Artes, que é o da UFSM. As linhas de pesquisa desse PPGE são nomeadas do seguinte modo: LP1 – Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional, LP2 - Práticas Escolares e Políticas Públicas, LP3 - Educação Especial e LP4 - Educação e Artes.

Considerando as especificidades da LP4, assim como as produções advindas do singular grupo aqui tratado, por perceber as diferenças nos modos de produzir pesquisa, desdobre a questão inicial que move esta dissertação em outras indagações: como as imagens têm sido tratadas nas dissertações e teses estudadas? Como foi para o/a autor/a desenvolver sua pesquisa em um coletivo?

Para tratar de tais questionamentos, busquei inicialmente realizar uma roda de conversa com autores e autoras egressos/as do PPGE que fizeram parte desse grupo nos últimos onze anos, de maneira a *pasearme* pelas conversações, pelos sentidos atribuídos ao grupo, pelos modos de desenvolver pesquisas e pelas relações que pude estabelecer nesse processo. Trata-se de exercícios de aprender com o outro, de se produzir com os signos e de estar à espreita desses, de modo a transitar por caminhos movediços oriundos da pesquisa e da docência, a partir dos quais escrevo permeada pelos discursos de outros/as e com outros/as.

Em um intercâmbio de experiências e aprendizados com colegas de grupo, ainda pergunto-me: de que maneiras resistimos às lógicas universalizantes de produzir pesquisa em Educação? Como subverter exercícios de identificação, significação e

racionalização e suas constantes tentativas de captura, que nos envolvem ao nomear nossas experiências, vivências, modos de afetar e ser afetados/as?

Barthes (2012) auxilia-me a pensar a escrita e a autoria e em como esses trajetos não são exclusivamente produzidos no âmbito da pessoalidade, pois abarcam vias compostas de multiplicidades que colaboram na articulação de sentidos, de costuras de percursos em territórios movediços, em que se faz possível esboçar caminhos. Nesse sentido,

[...] o escritor só pode imitar um gesto sempre anterior, jamais original; seu único poder está em mesclar as escrituras, em fazê-las contrariar-se umas pelas outras, de modo a nunca se apoiar em apenas uma delas [...] o escritor não possui mais em si paixões, humores, sentimentos, impressões, mas esse imenso dicionário de onde retira uma escritura que não pode ter parada: a vida nunca faz outra coisa senão imitar o livro, e esse mesmo livro não é mais que um tecido de signos, imitação perdida, infinitamente recuada (BARTHES, 2012, p. 62).

Entendo meu processo de indagação enleado à pesquisa como intimamente ligado às vivências e percepções sobre os terrenos movediços que ocupo, colocando-me à espreita, atenta aos contágios e respingos das dissertações e teses. Pensar em como essas linhas traçadas por outros/as me compõem como pesquisadora e professora de Artes Visuais tem sido meu desafio.

*[- Tecer um percurso de escrita e pesquisa singular junto a um coletivo me parece, assim, um esforço de escuta, de atenção e de abertura que cada*

*corpo/pensamento talvez precise forjar para si a cada vez a cada encontro...]*

Estando à espreita...

Estar

à

espreita...

Deleuze, em entrevista a Parnet (1988, p. 04), menciona que “O escritor está à espreita, o filósofo está à espreita. É evidente que estamos à espreita. O animal é... observe as orelhas de um animal, ele não faz nada sem estar à espreita, nunca está tranquilo”. Esse fragmento me provoca a pensar nesse estado de inquietude que se apodera do/a pesquisador/a ao estar imerso/a em mundos-pesquisa, ao mesmo tempo que me encontro realizado sobrevoos e *paseos* nas produções investigativas de colegas, encontros que me contaminam, pensando em como nos produzimos e somos permeados/as por falas, leituras e imagens que podem se tornar potências à medida que as visitamos e lhes atribuímos sentidos. Uma passagem de Deleuze em conversa com Parnet (1988) inquietou-me a pensar nos encontros e nas leituras realizadas nos EOCs, assim como nas investigações realizadas outrora.

GD: Quando se escreve, não se trata de história privada. [...] Escrever não é assunto privado de alguém. É se lançar, realmente, em uma história universal e seja romance ou a filosofia, e o que isso quer dizer...

CP: É escrever 'para' e 'pelo', ou seja, 'para uso de' e 'no lugar de'. [...] O escritor é um bruxo, pois vive o animal como única população frente à qual é responsável (DELEUZE, 1988, p. 05).

Quando escrevemos, não falamos de nós. Falamos e escrevemos sobre os/as outros/as que nos habitam, sobre as vozes que nos permeiam e os silêncios que residem em nós, sobre as músicas, as pinturas, as publicidades, os poemas e as conversas das quais não participamos... Assim como aquelas em que falamos enfaticamente.

Damos ênfase ao processo e ao que criamos em meio a ele, escrevemos com as coisas que nos aproximam, coisas que 'garimpamos' (NEUSCHARANK, 2019) das nossas vivências, escrevemos e produzimos imagens, tornando-nos sensíveis às intensidades que nos atravessam; estudamos, lemos e criamos para libertar a vida. Somos matilha. "Num devir animal, estamos sempre lidando com uma matilha, um bando, uma população, um povoamento, em suma, com uma multiplicidade" (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 20).

São pessoas com suas singularidades, convivendo, estudando e investigando, a fim de libertar a vida e contagiar outras. É uma matilha, não da ordem do hereditário ou da

reprodução de características e/ou comportamentos, mas da ordem de povoamentos por contágios, pandemias de vida, movimentos sinérgicos e heterogêneos, afeitos na processualidade do que nos acontece, do que nos toca e do que é possível produzir nesses 'entres'.

É quando logramos rachar algumas estruturas que residem em nós (dos mais variados aspectos) que abrimos lugares desconhecidos e criamos sulcos, de onde extraímos potências, *paseamos* pela pesquisa e criamos nosso estilo. E é nesses lugares que pode residir a magia da criação.

O estilo em filosofia é o movimento do conceito. Certamente, este não existe fora das frases não tem outro objetivo senão o de dar-lhe vida, uma vida independente. O estilo é uma variação da língua, uma modulação, e uma tensão de toda linguagem em direção a um fora. Em filosofia é como um romance: deve se perguntar 'que vai suceder?', 'o que se passou?'. Só que os personagens são conceitos, e os meios, as paisagens, são espaços-tempos. Escreve-se sempre para dar a vida, para libertar a vida aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga. Para isto, é preciso que a linguagem não seja um sistema homogêneo, mas um desequilíbrio, sempre heterogêneo: o estilo cava nela diferenças de potências entre as quais alguma coisa pode passar, pode se passar, surgir um clarão que sai da própria linguagem, fazendo-nos ver e pensar o que permanecia na sombra em torno das palavras, entidades que cuja existência mal suspeitávamos (DELEUZE, 2013, p. 180).



Admiro a maneira como se produzem as arguições, em que os/as autores/as esboçam sentidos ao seu entorno produzindo seus caminhos, os quais não são excludentes, mas marcados pelas diferenças advindas das singularidades das vivências de cada um/uma e dos sentidos atribuídos às coisas. Admiro o que brota em suas escritas...

*[- O grupo é um momento de encontro importante, fundamental, mas não pode ser o único de construção de uma pesquisa/escrita. Essa trajetória individual é o que dará sustentação para que quem escreve produza argumentos para se posicionar, diante de si e dos outros, em relação ao que almeja com seu estudo. O que quero dizer é que o grupo não pode ser um lugar para homogeneizar o pensamento, mas para discutir ideias, e isso passa por nem sempre todos concordarem com tudo. Suportar os paradoxos e as dissonâncias também faz parte do que considero um coletivo saudável em termos de pesquisa.]*

Sob fronteiras movediças e  
conceitos. 2019.



## Agenciamentos coletivos: tecendo linhas entre escritas

Nesta seção, trato de algumas das relações e conexões que pude elencar com as materialidades desta investigação. Ao referir-me aos documentos, abordo-os como materialidade aberta ao movimento, desligo-me da operação de tomá-los como matéria inerte do passado, a qual seria consultada para operar certos modos de julgar e cronometrar o presente, e encontro em Foucault (2016) um mobilizador para afirmar que

É preciso desligar a história da imagem com que ela se deleitou durante muito tempo e pela qual encontrava sua justificativa antropológica: a de uma memória milenar e coletiva que se servia de documentos materiais para reencontrar o frescor de suas lembranças; ela é o trabalho e a utilização de uma materialidade documental (livros, textos, narrações, registros, atas, edifícios, instituições, regulamentos, técnicas, objetos, costumes etc.) que apresenta sempre em toda a parte, em qualquer sociedade, formas de permanências, quer espontâneas quer organizadas. O documento não é o feliz instrumento de uma história que seria em si mesma, e de pleno direito, *memória*; a história é, para uma sociedade, uma certa maneira de dar *status* e elaboração à massa documental de que ela não se separa (p. 08, grifo do autor).

Ao *pasearme* pelas dissertações, teses e trabalhos de pós-doutorado dos últimos onze anos, voltei meu olhar ao que me afetou das produções, assim como ao que me alcançou destas. Desse modo, tracei caminhos e desvios que anunciam linhas para

*pasearme* pelos documentos em questão; relações, tramas e redes que fui produzindo e compondo nesta escrita dissertativa.

Parece-me pertinente expor que a materialidade não está situada como massa homogênea para ser dissecada em suas teorias, fechadas em suas formas, em seus discursos e/ou em suas metodologias. Considero as dissertações e teses enquanto materialidades que são produzidas em meio às multiplicidades, às coisas, aos lugares, aos agenciamentos coletivos, aos pensamentos e às vivências singulares. Essas materialidades são oriundas de um grupo que produz junto, coletivamente, que partilha, que agencia conceitos e que produz dados. Nesse sentido,

[...] as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso num sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede. [...] Por mais que o livro se apresente como um objeto que se tem na mão; por mais que ele se reduza ao pequeno paralelepípedo que o encerra: sua unidade é variável e relativa (FOUCAULT, 2016, p. 28).

O discurso presente em um documento não cabe inteiramente em escritos, páginas cheias, capítulos e letras; um discurso pode fazer-se presente de diversas formas, tais como na configuração interna de um livro, na escolha de suas imagens e palavras e dos modos de ser formatado. Essas características

apresentam por vezes sutilezas capturadas que, antes, têm de ser produzidas/criadas e que são agenciadas coletivamente.

Das dissertações, teses e trabalhos de pós-doutorado produzidas no grupo, cabe ressaltar o arranjo visual de cada pesquisa, as quais se diferenciam entre si, pois cada capa, contracapa e diagramação estão em composição com a escrita e as imagens, assim como com os conceitos e as propostas investigativas.

*[- A cada leitura da minha pesquisa, em processo, feita pelo grupo, as considerações eram diversas, diferentes de colega para colega. Nesses momentos podemos escolher, selecionar, elencar o que nos parece pertinente, considerando que a pesquisa de cada um carrega uma singularidade. Mesmo que nos contagiemos, que por vezes possamos acabar por fazer algumas coisas semelhantes às pesquisas dos colegas, ainda assim, haverá a singularidade de cada um. Assim penso, percebo, as considerações que foram feitas por cada colega e orientadora como disparadores para o pensamento, pois a pesquisa de cada um se difere. Difere em materialidade, difere em conceitos a operar. Podemos ter alguns conceitos em comum sendo operados, mas como operamos se diferencia, e é aí também que entendo a singularidade de cada pesquisa.]*

Reconheci a potência da roda de escritas, pois pude *pasear* pelos sentidos que ressoam de outros tempos e pelos estudos realizados em meio aos EOCs, em matilha, percebendo os escritos, discursos formulados, pensamentos e agenciamentos coletivos produzidos entre/neste grupo.





Composições de organismos. 2020.

A seguir, apresento uma tabela contendo informações sobre as dissertações e teses produzidas no grupo no período selecionado para análise. Nela delimito as informações dos anos de defesas, os nomes dos/as pesquisadores/as, os títulos das dissertações e teses e as principais temáticas trabalhadas pelos/as autores/as. Esses indicadores foram reunidos por mim ao estudar tais trabalhos.

Tabela 1 - Dissertações, teses e trabalhos de pós-doutorado produzidos no grupo

<b>Ano Defesa</b>	<b>Pesquisador/a</b>	<b>Título da Dissertação, Tese ou Trabalho de Pós-doutorado</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Principais Temáticas</b>
2009	Juliano Reis Siqueira	Aprendizagem da Arte e formação de educadores (D) <sup>10</sup>	Investigação baseada nas Artes (IBA) e cultura visual.	Arte, aprendizagem, formação do artista e formação de educadores.
2009	Ana Claudia Machado Paim	A cultura visual no âmbito escolar: uma viagem a Dilermando de Aguiar/RS. (D)	Abordagem qualitativa e investigação baseada nas Artes (IBA).	Cultura visual e viagem.
2010	Leila Adriana Baptaglin	Construindo projetos, arquitetando ideias, analisando dados: a reforma curricular do Curso de Licenciatura em	Entrevistas e análise de dados.	Formação inicial, Artes Visuais e organização curricular.

---

<sup>10</sup> Dissertação de Mestrado.

		Artes Visuais 2004/UFSM. (D)		
2010	Aline Nunes da Rosa	Narrativas fílmicas e educação das artes visuais, percursos, afetos e bricolagens na formação inicial de professores. (D)	Bricolagem.	Narrativas fílmicas, bricolagem, formação de professores e educação das Artes Visuais.
2010	Cristian Poletti Mossi	Possíveis territorialidades e a produção crítica da arte, suturas e sobrejustaposições entre vestes sem corpos e corpos sem vestes. (D) <sup>11</sup>	Sobrejustapo- sições.	Produção crítica da arte, território, subjetividade, corpo, veste.
2011	Silvia Guareschi Schwaab	Sobre a formação continuada em artes visuais: experiências narrativas a partir da cultura visual (D)	Investigação baseada em Artes (IBA).	Narrativas, formação continuada e cultura visual.
2011	Maria Goreti Cortes Mendonça	Visualidades do espaço escolar: uma interlocação com a cultura visual (D)	Investigação baseada em Artes (IBA).	Grafite, cultura visual e espaço escolar.
2012	Daniela Medeiros	Diferença e subjetividades do corpo: que educação é essa? (D)	Investigação baseada em Artes (IBA).	Educação, corpo, diferença e subjetividade

---

<sup>11</sup> Esta dissertação foi incluída nos estudos por tratar do mesmo escopo teórico, tendo sido realizada no mesmo período e orientada pela mesma professora, embora tenha sido desenvolvida em outro Programa de Pós-Graduação da UFSM, o Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART). Nesse momento, a orientadora atuava em dois programas na instituição.



2012	Lutiere Dalla Valle	Miradas y direccionalidades en el cine en torno a los sentidos de ser docente - una investigación narrativa desde la educación de la cultura visual. (T) <sup>12</sup>	Pesquisa narrativa.	Cine, enseñanza, cultura visual y investigación narrativa.
2013	Thais Raquel Da Silva Paz	Processos de subjetivação e narrativa autobiográfica de uma professora de Artes visuais. (D)	Pesquisa narrativa.	Narrativa autobiográfica, Artes Visuais, docência e processos de subjetivação.
2013	Tamiris Vaz	Encontros e esperas de uma professora em percurso. (D)	Investigação baseada em Artes (IBA).	Percursos, intensidades, esperas, professora e encontros.
2014	Francieli Regina Garlet	Pesquisar andarilho: cintilâncias e transbordamentos de uma docência. (D)	Andarilhagem, método andarilho.	Deleuze e Guatarri, método andarilho, Educação e arte.
2014	Cristian Poleti Mossi	Um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições. Quem a pesquisa [em educação] pensa que é? (T) <sup>13</sup>	Sobrejustaposições.	Corpo-sem-órgãos, sobrejustaposição e pesquisa em educação.

---

<sup>12</sup> Esta orientação de tese de doutorado não ocorreu no PPGE, mas no Programa de Doctorado: arte y educación de la Universidad de Barcelona, Espanha. Na época, a professora Marilda Oliveira estava credenciada em tal programa para a coorientação da tese em companhia de Fernando Hernández como orientador.

<sup>13</sup> Tese de Doutorado.

2014	Vivien Kelling Cardonetti	Experiências educativas: ressonâncias de intercessões fílmicas. (T)	Autoetnografia.	Experiência educativa, intercessões fílmicas, ressonância, multiplicidade, acontecimento e devir criança.
2014	Marli Simionato	Percurso, fragmentos e encontros: singularidades na docência. (T)	Cartografia.	Singularidades, encontros, docência, subjetividade e potência de agir.
2015	Angélica Neuscharank	Uma docência pela garimpagem: encontros com signos. (D)	Cartografia garimpeira e garimpagem.	Docência, aprendizagem, encontros, signos e Proust.
2015	Ana Cláudia Barin	Afetos de um mundo secreto: Fabulações de uma formação docente. (D)	Fabulação.	Fabulação, formação docente, Coraline e afetos.
2016	Alice Copetti Dalmaso	Fiandografia: experimentações entre leitura e escrita numa pesquisa em educação. (T)	Fiandografia.	Fiandografia, leitura, escrita, (de)formação e Educação.
2017	Carin Cristina Dahmer	Apropriações nos territórios curriculares: cartografando deformações na história da arte. (D)	Cartografia.	Docência em Artes Visuais, apropriação, currículo e filosofias da diferença.
2017	Francieli Backes	A matrioska em mutação: processos de subjetivação na docência em artes visuais. (D)	Bricolagem.	Processos de subjetivação, complexidade, Matrioska e bricolagem.

2017	Daniela Grieco Nascimento e Silva	Corpo - escrita no balé: para repensar o corpo doce da bailarina da caixinha de música em uma pesquisa em educação e arte. (T)	Autoetnografia, corpo-escrita.	Corpo-escrita, ballet, corpo doce e bailarina da caixa de música.
2017	Juliana Zanini Salbego	Sobre atravessamentos e visualidades em ambientes educativos: aproximações com o PIBID Artes Visuais. (T)	Etnografia pós-moderna.	Educação, cultura visual, visualidade e atravessamentos .
2018	Sara Beatriz Huppés	Educação e diferença: uma experiência docente em artes visuais na comunidade surda. (D)	Biografemática.	Diferença, surdez e experiência.
2018	Francieli Regina Garlet	Entre o visível e o enunciável em educação: o que pode uma docência que cava a si mesma? (T)	Andarilhagem.	Docência menor, devir-traça, pesquisar andarilho, vazio, imagem e escrita.
2018	Daniela Minello Manzoni	Dançografia em processo de criação: uma docência artista em dança. (T)	Dançografia.	Processo de criação e docência artista.
2018	Vivien Kelling Cardonetti	Leitura e escrita: repercussões e ressonâncias propagadas em um coletivo. (PD) <sup>14</sup>	Biografemática.	Leitura, escrita, coletivos.

<sup>14</sup> Trabalho de Pós-Doutoramento. Todas as dissertações e teses aqui nomeadas estão disponíveis para consulta no site da UFSM (2019).

2019	Cristine Schüssler de Vasconcellos	'Entre' multiplicidades de um coletivo: sobre a produção de diários da prática pedagógica. (D)	Autoetnografia.	Agenciamento coletivo, Bando, encontro com signos, Multiplicidade, docência em Artes Visuais e diários de prática pedagógica.
2019	Rosenara da Silva Soares Maia	Artegrafar uma docência menor. (D)	Artegrafia.	Menor, educação menor, docência menor e artegrafar.
2019	Angélica Neuscharank	Coextensividade: Sobre as noções de tempo na educação. (T)	Garimpagem.	Coextensividade, tempo, garimpagem, imagem e Educação.
2019	Ana Cláudia Barin	Invento-me: potências do devir - criança- uma educação pela fabulação. (T)	Fabulação.	Devir-criança, memória infante, literatura e fabulação.
2020	Cláudia Aparecida dos Santos <sup>15</sup>	Desvio-escrita-pensamento: para traçar possíveis na educação e na pesquisa. (T)	Desvio-escrita-pensamento.	Educação, Arte, pesquisa e desvio-escrita-pensamento.

Ao acessar esses 30 trabalhos de 25 autores/as que realizaram suas pesquisas em um passado que se atualiza e ressoa no coletivo, percebo-os em meu andejar e visualizo-os em outros. Tais pesquisas comungam autores e autoras, assim como se

---

contaminam, sendo atravessadas pelas nossas vivências ao estarmos em um coletivo no qual nos reunimos para estudar e pesquisar.

As imagens estabelecem conversas com a escrita, incitando-nos a pensar e a produzir outras conexões e articulações. Vale ressaltar, ainda, as metodologias elencadas pelos/as autores/as para transitar pelas veredas investigativas, de maneira que em alguns casos foi necessária a criação de um método próprio para que assim fossem capturados e esboçados os caminhos escolhidos pelo/a investigador/a.

*[- O processo de criação de uma metodologia junto à pesquisa não me é exclusivo, sendo bastante comum no grupo de orientação da professora Marilda. Esse processo de criação enleado à pesquisa educacional já é uma realidade nesse grupo, havendo, portanto, um caminho percorrido nesse sentido. Não como uma exigência, mas como uma liberdade, isso acontece porque, muitas vezes, não avistamos metodologias que comportem o que gostaríamos de falar e/ou fazer. Assim, a criação de uma metodologia é como um achado de algo que não está em outra parte a não ser na própria pesquisa.]*

Em um primeiro momento, antes da qualificação do então projeto de dissertação, a ideia era reunir os pesquisadores e pesquisadoras para uma roda de conversa, porém essa ideia foi se modificando à medida que o tempo passava. Alguns empecilhos eram iminentes, tais como a distância, pois reunir um grupo tão grande em um mesmo lugar e horário tornou-se algo improvável e improdutivo. Muitos dos/as autores/as em questão se encontram em estados, cidades e países diferentes.

Diante disso, a solução foi realizar o que se denominou ‘roda de escritas’ em um ambiente virtual, com o propósito de reunir autores e autoras convidados/as a responder um questionário acerca de suas vivências e de seus estudos na Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa Educação e Artes e nos EOCs. Interessava-me que escrevessem sobre seus processos e os sentidos lhes atribuíam. Pensando nisso, foram organizadas questões que abrangiam pontos que me interessavam sobre as produções, de maneira a conhecer os processos de cada um/uma. Durante a qualificação do projeto de pesquisa, fui orientada acerca de algumas indagações a serem repensadas, o que resultou na formulação das seguintes perguntas, as quais foram lançadas ao grupo para a produção dessa roda de escritas:

- Sobre o que tratou sua dissertação, tese ou trabalho de pós-doutoramento? Mencione pelo menos os cinco principais autores/autoras (ano) da sua pesquisa. Caso você tenha feito mestrado e doutorado (ou pós-doutorado), por favor, fale-nos de ambas as pesquisas.
- Em relação aos autores utilizados por você no estudo, diria que eles compõem uma base estruturalista ou pós-estruturalista de pensamento? E o que faz com que você tenha essa compreensão?
- Qual foi a metodologia do estudo? Fale um pouco sobre ela.

- Como eram os encontros de orientação quando você realizou sua pesquisa?
- Quando se produz junto a um coletivo, como não cair no comodismo de trilhar os mesmos caminhos que outros já experimentaram? Como deixar-se contagiar pelo outro, sem fazer das escolhas deles as nossas?
- Você usou imagens na sua pesquisa? Como se deu a relação das imagens com a pesquisa? Como elas foram selecionadas e que espaço ocuparam no trabalho?
- Em sua opinião qual a principal contribuição do seu estudo para o campo da Arte e da Educação? A pesquisa que você realizou respingou no que você faz atualmente ou em estudos futuros? Conte-nos um pouco sobre isso.

Dessas sete questões lançadas aos/às 25 pesquisadores/as convidados/as a participar da roda de escrita, nenhuma era de resposta obrigatória, pois o intuito consistia justamente em encorajar a escrita dos/as participantes.

Acerca do uso da plataforma *online*, primeiramente experimentei colocar as questões na plataforma *Google Drive*, onde foram criadas pastas para cada participante acessar o questionário caso tivesse interesse em respondê-lo e acessar as respostas dos/as demais pesquisadores/as, caso tivesse interesse, como modo de partilha. Porém, por complicações de acesso e validação na plataforma, foi necessário mudar de estratégia, o que levou à criação de um *Formulário Google* com as sete questões. O *link* do

formulário foi então enviado aos/às participantes convidados/as com o título: 'Um convite: não escrevo só, escrevo com vocês...'. O formulário contou com locais de resposta para as sete perguntas elaboradas, assim como com uma apresentação acerca desta dissertação, que no momento estava em andamento. A apresentação trazia o seguinte texto:

*Olá, meu nome é Marcela Bautista Nuñez e sou discente do curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação, linha de pesquisa 'Educação e Artes' LP4, da Universidade Federal de Santa Maria, orientanda da professora Marilda Oliveira de Oliveira, lugar este de morada provisória, assim como foi de vocês no período de mestrado, doutorado e/ou ambos. Nas seguintes linhas explano sobre o convite que aqui lhes faço. Estou desenvolvendo uma pesquisa que têm por materialidade inicial as Dissertações e Teses desenvolvidas e produzidas nos Encontros de Orientação Coletiva (EOCs), durante o recorte de tempo dos anos 2009 a 2020, bem como materialidades outras que estão surgindo neste andejar investigativo. Os EOCs, atualmente assim denominados, são e foram todos os encontros onde orientandos/as da professora Marilda, de mestrado e/ou doutorado, participaram para discutir, estudar e conversar sobre suas pesquisas. Tais encontros são centrais para a produção das pesquisas já finalizadas e para as que estão em andamento. Este convite tem por propósito realizar o que denomino como uma roda de escritas; para isso, produzi uma conta na plataforma Google, a fim de que possamos utilizar o Drive. Nessa conta produzi pastas, as quais estão identificadas com seus respectivos nomes. Meu*



*desejo com este convite é de poder lê-los/as, permeados/as por algumas das questões disparadoras para dar início a esta roda de escritas. Gostaria, se for possível, que tomem um tempinho para rememorar alguns dos seus processos investigativos, assim como escrever para pensar sua trajetória investigativa. A seguir você encontrará as sete questões disparadoras aqui elencadas. Se não se sentir à vontade para escrever sobre todas elas, não há problema; fique à vontade para escrever o que quiser.*

Experiências educativas:  
ressonâncias de intercessões filmicas

Tese de Doutorado

Acadêmica: Vivien R. ...  
Orientadora: Marilda C. ...

lografia: experimen  
crita numa pesquisa

Quando um poema se faz imagem.  
2020.

TRANSPORTAÇÃO  
SOBRE

UNIVERSIDADE FEDERAL  
CENTRO DE  
PROGRAMA DE

Com esse convite, iniciei meu contato com os/as autores/as, que outrora se encontravam como mestrandos/as e/ou doutorandos/as no Programa em que até o momento me encontro, no intuito de que as questões elencadas sensibilizassem os/as autores/as a escrever sobre um breve retorno temporal.

Como escrito na carta-convite direcionada aos/às participantes da pesquisa, a resposta às questões era facultativa. Dos/as 25 pesquisadores/as envolvidos/as, obtive respostas de 13, o que equivale a 52% do público-alvo. Essas contribuições foram sendo diluídas/apresentadas de maneira justaposta nesta dissertação, como uma voz imanente que atravessa os estudos, incitando a pensar o movimento de estar a *pasearse*.

Entre as aproximações que produzi com as 30 pesquisas, estão presentes filiações com o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, com obras que permeiam conexões entre filosofia, educação e arte e que colocam o caos em movimento, operando e criando linhas em meio ao que estava dado. São investigações que cunharam realidades possíveis e deram passagem às coisas que até o momento de sua produção ainda não se sabiam e que estavam por vir.

Outro autor presente em parte das dissertações e teses, principalmente nos primeiros anos dos EOCs, é o professor espanhol Fernando Hernández<sup>16</sup>, um dos precursores da cultura

---

<sup>16</sup> Fernando Hernández dirige o Programa de Doutorado em Artes Visuais na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona na Espanha, é

visual, autor com o qual a professora Marilda iniciou os estudos sobre as imagens em terreno educacional. Embora o modo como estudamos as imagens nas dissertações e teses tenha se afastado do escopo da cultura visual, a importância das obras de Hernández nos processos de investigação foi e é cara para o grupo, pois continuamos a realizar leituras de textos do autor no GEPAEC.

Durante o período de doutoramento na Espanha, a professora Marilda trabalhou com Hernández, sendo sua bolsista de iniciação científica. Marilda assim se refere ao autor em seu memorial: “O Fernando foi uma pessoa muito importante na minha vida acadêmica, mas me ensinou muito mais sobre a vida do que sobre a arte e a educação” (OLIVEIRA, 2019, p. 10).

Dessa maneira, pego-me pensando em como relações coletivas podem nos atravessar e potencializar em diversos aspectos, em como a fala e o ato de escuta podem nos afetar no decorrer da vida e no quanto eles podem nos potencializar e/ou constranger. Ao aproximar-me dessas questões, procuro visualizar como os discursos se movimentam de forma transversal, constituindo discursos que se contagiam ao serem atravessados por diferentes experiências, de modo que cada pessoa os toma de maneira singular, lhes atribui um sentido e lhes faz morada, mesmo que provisória, assim como por vezes o descarta.

---

professor Titular do Departamento de Dibujo e coordena o curso de Mestrado em Estudos sobre Cultura Visual.

Ainda sobre minhas aproximações e meus *paseos* com o trajeto formativo da professora Marilda, ressalto meu encontro com a iniciação dos seus estudos voltados à cultura visual. Essa abordagem iniciou nos Estados Unidos na década de 80 e na Espanha na década de 90, e o grupo que se dedicou a pensar e produzir essa abordagem era composto pelas professoras Kerry Freedman e Juana Maria Sancho e pelo professor Fernando Hernández. Marilda estudou com esses/as professores/as em Barcelona na década de 90, de modo que essa ebulição respingou em seu processo formativo.

Os movimentos de estudos da cultura visual iniciaram no Brasil nos anos 2000 com Raimundo Martins e Irene Tourinho na Universidade Federal de Goiânia (UFG), Belidson Dias na Universidade de Brasília (UnB), Erinaldo Alves do Nascimento na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Marilda Oliveira de Oliveira na UFSM. Trata-se de uma área de estudos que

[...] nasce como um campo transdisciplinar que tenta explorar as diferentes imagens e suas potencialidades com intuito de indagar práticas culturais do olhar e os efeitos desse olhar sobre quem vê. [...] A cultura visual como posicionamento epistemológico e político acolhe a problematização como uma forma de inquirir as imagens, permitindo assim, revisar os efeitos das narrativas hegemônicas que se apresentaram e ainda se apresentam, como formas de verdade sobre nós e nossas maneiras de ver o mundo. A problematização favorece que nossas histórias se cruzem, proporcionando outras formas de diálogos que não nos excluem, nem nos

coloquem em uma posição subordinada de não saber (OLIVEIRA, 2019, p. 13).

Durante dez anos, Marilda pesquisou e orientou trabalhos na perspectiva teórica da cultura visual. Em 2011, foram orientados os últimos trabalhos nessa linha, começando lentamente uma ruptura e uma rota de fuga que levou os trabalhos a outros caminhos, mais alinhados às filosofias da diferença pela abertura investigativa e pela proposição enquanto processos de criação.

Com o olhar voltado a essas produções discursivas do grupo, observo como as escritas das dissertações e teses criam, explicitam e verbalizam realidades, nas quais estamos inseridos/as em parte e onde por vezes compartilhamos pensamentos, autores/as, experiências e visualidades. Por intermédio do discurso, as materialidades são reorganizadas e dessacralizadas, concomitante ao tempo em que tais discursos são repensados, anunciados e produzidos.

Percebo que as investigações não se concentram em produzir verdades e realidades fixas, mas discorrem por possíveis que vão se apresentando no decorrer das investigações. Esses possíveis nascem no entre, abertos e resistentes, inquietos em nossos desejos e diferenças,

[...] visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo; visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que

traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar. [...] o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo [...] (FOUCAULT, 1996, p. 10).

O discurso atravessa a escrita e a materialidade, fazendo-se corpo que explora mundos e expõe desejos, anseios e vontades que, dentro de estruturas rígidas, só são possíveis se o/a pesquisador/a puder respirar, criar e transbordar vida. Para isso, penso que há possibilidade quando intentamos capturar algo. Foucault (1996, p. 41) sinaliza que “[...] todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”, com rituais de escrita, metodologias, condutas e bibliografias específicas, procedimentos que cercam e significam os discursos, saberes e poderes.

Foucault (1996, p. 42) assim escreve sobre os “procedimentos de sujeição do discurso”, pois sabemos que nem sempre podemos falar tudo o que desejamos em qualquer circunstância. A escrita como linguagem está ligada a concepções de sujeição, pois faz parte de ritos associados a diversos tipos de discurso. Tanto o transbordamento de vida, contusões, prisões,

curas, todos diferentes, porém no mesmo plano imanente, sobrejustapostos (MOSSI, 2017).

É um plano sobrejustaposto que está em contínuo movimento e em relação com outros planos. Reitero que não pretendo produzir uma verdade acerca dos desdobramentos e caminhos de pesquisa, porém aventuro-me a desenhar respostas provisórias, que, ao *pasearme*, fazem-se passagem entre as distintas materialidades desta dissertação.



Disseração de Mestrado  
por  
Carla Cristina Dahmer  
Pinheiro

LINHA DE PESQUISA  
PROJETO

APROPRIAÇÕES NOS TERRITÓRIOS CURRICULARES: CARROGANDO DE TOMAÇAS E  
PARA SEMINAR?

Estar perto é valioso.  
2019.

## Escritas e imagens a n-1: composições de um bando

*É uma sede que não vem da água, que me instiga da cabeça aos pés...  
Desconfio dos hábitos e boto fé no viver ávido...  
(Boogarins, 2019)*

Ao produzir este percurso investigativo, tenho pensado e estado intensamente envolvida nas questões do pesquisar, estabelecendo relações propositivas com trajetos da docência e da escrita. Nas situações da vida, assim como ao estar pesquisadora, encontramos-nos imersos em um mar de fragmentos heterogêneos e, mesmo embriagados nessa imersão, mantemos e extraímos nossa singularidade e o que se cria em nós.

Neste caso, a gente já não aprende as mesmas coisas, os objetos se transformam, quando são vistos no detalhe, em um vazio elíptico... Creio que era Leonardo Da Vinci que se comprazia em distinguir o procedimento do pintor que consiste em acrescentar matéria e a do escultor que, pelo contrário, consiste em desbastar a matéria. Em ambos os casos, elabora-se uma obra: no primeiro, por acúmulo; e no segundo, por depuração, subtração. Poderíamos aplicar tal método a escrita, entre aqueles que constroem sistemas por sucessivos aditamentos e aqueles que, pelo contrário, procedem à depuração até o fragmentário. Na verdade, trata-se de duas formas de escrita: uma aglomera e constrói conjuntos; enquanto a outra, mais atenta aos detalhes (BAUDRILLARD, 2003, p. 35).

No processo de escrita, deparei-me com ambas as situações, desde a necessidade de extrair e recortar até a necessidade de operar e compor uma escrita costurada por

fragmentos de outras vozes, experiências, sentidos e lembranças. Penso que a noção do *pasearse* foi forjada no 'entre' dos mais diversos fragmentos que me compõem e compõem o grupo de estudos. Vivenciei as volubilidades das coisas em seus estados efêmeros, assim como os afetos que fui atribuindo à materialidade que escolhi operar em composição com as imagens, as noções e os conceitos tratados aqui. Em cada parágrafo, existe um intento de extrair a singularidade, de modo que esta esteja diluída na escrita. O detalhe faz-nos criar um plano movente materializado por meio da escrita, onde podemos ir atribuindo-lhe as mais variadas ideias e conexões rizomáticas.

O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que devém de dois, nem mesmo o que deriva diretamente três, quatro ou cinco etc. Ele não é múltiplo que deriva do Uno, nem o qual o Uno se acrescentaria ( $n+1$ ). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções moveidças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a  $n$  dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consciência e do qual o Uno é sempre abstraído ( $n-1$ ). Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linhas de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a

multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 31-32).

Encontramos diferentes aforismos acerca das mais variadas coisas, a exemplo do que foi pra mim o encontro com o termo ‘chave’, que sempre me vinha a mente com uma veste de algum significante, tais como “a economia é a chave da prosperidade” ou “[...] trancá-lo a sete chaves...”. São sentenças e frases de efeito que ouvimos em diferentes contextos e momentos e que, de certo modo, sempre estiveram aí. Foi, assim, um encontro com as ‘chaves’, em que, estando à espreita, pude pensá-las de outro modo, extraíndo-lhes o que me afetou, assim como o que produzi com elas ao *pasearme* por caminhos onde me vi estrangeira de mim.

*[- Coube a mim, pesquisadora, perceber as nuances que ocorrem nestes processos de subjetivação, que se inauguram nos encontros que tive, produzindo algumas singularidades. Assim, a tese que desenvolvi com este percurso foi a de que uma experiência docente só se faz presente no encontro entre singularidades que se colocam abertas umas às outras, para permitirem ser afetadas por elas e produzirem novas singularidades ou novas conexões. É na abertura a esses múltiplos encontros que podemos criar docências em percursos, feitas não para perdurar, mas que abrem caminhos para novas possibilidades, que vão se modificando a cada nova composição de corpos.]*

Em meio a 30 trabalhos de dissertações, teses e trabalhos de pós-doutorado citadas anteriormente, indago-me sobre os movimentos de partilhas e vizinhanças produzidas nos EOCs, no que se refere aos processos de escrita, produção de imagens e composições oriundas de um bando que investiga junto e produz

intentos de escritas e imagens que escapam às capturas das estruturas que aprisionam o pesquisar em meio à vida, potencializando linhas de fuga adversas à totalidade.

Nossos pensamentos e desejos, tais como os que compelem a pesquisa e o pesquisar, movimentam-se transversalmente e produzem-se rizomaticamente. São rizomas que concomitantemente se deixam afetar por diversas intensidades e linhas, oriundas do desejar e dos trajetos de estar estudante, pesquisadora e professora, obrando conexões nunca iguais.

Na pesquisa, ao estarmos *paseanderos/as*, produzimos escritas/intentos de fazer o múltiplo e de encontrar nele o que nos une, criando assim esboços de escritas a n-1, escritas que afirmam a multiplicidade do 'Ser', que rompem com o universal e com uma ideia de *essência* das coisas, escritas e imagens, colocando o pensamento em movimento e não em repetição. É não ser, é estar; é agora, é instantâneo, para então libertar as palavras e imagens do significante e do que as aprisionam, dobrando-as e extraindo-lhes sopros de vidas de um bando que produz junto, em matilha.

É um grupo que escreve em processo de partilha, que trama e compõe planos moventes justapostos, permeados por diferentes instâncias do conhecimento, pela arte, pela educação e pela filosofia. A partir disso, instauram-se movimentos que instigam as escritas e os estudos elencados nas investigações em andamento, de modo a compartilhar dúvidas, anseios, caminhos e

problematizações, assim como exercícios contínuos de subtração da unidade para a abertura à multiplicidade, para dar a ver as singularidades que nos habitam.

O modo como os trabalhos investigativos são realizados nos EOCs potencializa o andejar de cada estudante-pesquisador/a, pois provoca-nos a pensar com o outro e não como o outro (DELEUZE, 2010), à guisa de operar nas escritas e investigações conexões com as filosofias da diferença, experienciando, assim, singularidades em meio à matilha. As pesquisas podem ser esboços de possibilidades passadas e/ou por vir, que potencializam o *pasearse* por territórios movediços, produzindo sentidos junto às imagens, às coisas e ao pesquisar e escrever em planos justapostos e em contínuo movimento.

*[- As imagens sempre entraram com o mesmo peso do texto em minhas pesquisas, no mestrado e no doutorado. Na dissertação apresentaram-se com fotografias desconstruídas dos meus diários visuais, que puderam se configurar outros, com outras formas e em outras evidências, após a revisita no processo de dois anos. Além dos antigos diários, as páginas da dissertação contavam com frames da animação Coraline (em preto e branco), sempre com diálogos do autor Neil Gaiman e outros invencionados por mim a partir de percepções ao experimentar essa narrativa fílmica diversas e diversas vezes. A dissertação foi concluída com imagens de um novo diário, que foi produzido em meio ao esquecimento (e perda) dos antigos diários visuais. Na tese, as imagens foram construídas a partir da experimentação e intervenção na UFSM, que resultou nas exposições a partir de fotografias e instalações com objetos-arte.]*

Nos planos moventes do pesquisar e escrever, parece

haver uma brecha entre o que desejamos e o fato, já que nem sempre escrevemos aquilo que pensamos ou queremos dizer. “A fórmula é ‘n menos 1’, eliminar a unidade, eliminar o universal” (DELEUZE, 1988 p. 76).

Escrevemos para, de algum modo, dobrar a língua. Escrevemos composições de sensações para sensibilizar as forças que nos arrebatam durante a pesquisa e durante a vida. Escrevemos e provocamos contágios entre heterogêneos, cortamos fluxos e produzimos fugas. Escrevemos, porém não somos os donos do que escrevemos. Toda escrita é um contágio de uma outra coisa, imagem, escrita, que nos tensiona e impulsiona a escrever. A esse respeito, recordo duas perguntas lançadas na banca de qualificação pela professora Vivien Cardonetti (2019, p. 02): “[...] como manter a singularidade da escrita quando se produz junto a um coletivo? Como deixar-se contagiar pelo outro, sem fazer das escolhas deles as nossas?”.

Tais questionamentos não somente nos desafiam e movimentam a pensar no específico espaço dos EOCs, mas também fazem com que criemos pontes com diferentes territórios e com que atuemos ao modo de máquinas, máquinas desejanter, que possuem um poder de criar conexões ilimitadas, linhas que avançam em infinitas direções, intensidades e estruturas (DELEUZE; GUATTARI, 2014).

*[- Acredito que muitas vezes as pesquisas faziam encontro, acabavam se batendo no limite das fronteiras e talvez nesses momentos nos mantemos mais atentos. No meu caso, a singularidade veio de algo que eu trazia desde a época da graduação e pesquisa com meus diários visuais (questões*

*sobre o fantástico, contos de fadas, produção de arte, invenções e fabulação).]*

Nossos desejos por determinados assuntos, ao nos lançarmos a pesquisar, contaminam os lugares em que provisoriamente fazemos morada. Somos, assim, como máquinas que desejam e não funcionam nem produzem sozinhas, pois toda máquina que deseja se alimenta de uma outra máquina desejante, sempre em contaminação. Instauram-se, a partir disso, esboços de fronteiras em movimento, palavras em vizinhança e conversas (DELEUZE; PARNET, 1998), em que o roubo mobiliza a criação pela aliança ou pelo avizinhamento com o outro, tornando-nos uma máquina posta em funcionamento ao escrevermos e provocando pandemias de vida ao *pasearse*.

*[- Mas, tenho certeza de que fui arrebatada, virada do avesso, e feliz concluo: eu mudei, eu mudei minha prática, mudei minha vida.]*

Produzimos escritas que rompem as ordens *a priori*, desarranjando territórios inabaláveis com suas linhas de desejos operantes, cortantes, afiados e intensos.

*[- Ao mesmo tempo em que cada um está focado em sua pesquisa, sabe qual caminho que seu colega está percorrendo, o que de certo modo auxilia pela troca de conceitos e autores de cada um. Às vezes percebíamos que o que um estava lendo poderia auxiliar mais na escrita do outro do que na nossa própria pesquisa. Por vezes, e como escrevi na tese, tive momentos em que a troca foi tão intensa que muitas vezes me perdi, não sabendo se o pensamento era meu ou de algum colega.]*



Nada é permanente, exceto a mudança.  
(Heráclito 535 a. C.)  
2020.



O fluxo, que é desejo e intensidade, nunca se detém na produção de acoplamentos contínuos, originando conexões que são sempre parciais. E nesse movimento são possíveis as conexões múltiplas, que possibilitam a criação. Nesses intentos de dobrar as palavras, a língua e as coisas, é que são produzidos os vazamentos, as rupturas e os desarranjos. Ao desejar, produzimos constelações sem fronteiras por onde nos *paseamos*, em devir, na tentativa de esquivar da invariabilidade, para criar o plural e romper com a centralidade.

Nesse esforço de sobrevivência, produzimos respiros, sulcos para o desconhecido, escritas e possíveis relações com as mais diversificadas instâncias, fazendo, quem sabe, existir modos outros de vida, pelas singularidades de cada acoplamento rizomático, ao *pasearse* em existências a n-1.

Criamos escritas e imagens, deslocando olhares do previsível e do representado. As imagens são potências de olhares estrangeiros, capturas de coisas que estão em nós, *paseando* e compondo moradas provisórias que se fazem existir no momento de encontro com olhares outros, ocupando, assim, espaços inventados no entre, estando atravessadas, justapostas, fazendo existir o que nos inquieta, abrindo espaços e múltiplas relações para quem se depara com elas... Portanto,

Escolher imagens para a composição de uma investigação, não é um trabalho fácil, requer tempo e paciência, e mesmo assim elas não 'surgem' após um e outro parágrafo, é necessária uma digestão da

investigação, tornando-a visceral e mesmo assim estando atentos/as a não cairmos na armadilha da representação como fachada da escrita. Imagens estão sempre no meio, não têm ponto de chegada nem de partida, nem origem nem finalidade fixas, somente uma atmosfera onde matérias não formadas e moléculas microscópicas ganham consistência e velocidade, possibilitando afectos diversos, emanando efeitos incorporais (MOSSI, 2017, p. 188).

Alio-me ao pensamento de Mossi sobre as imagens, pois, assim como elas, os pensamentos altos presentes nesta dissertação são parte do plano movente que criei nos andejares que fiz durante a pesquisa, como uma flechada que transversalmente sobrepassa a escrita e a mim. Nesse processo, não volto meu interesse ao início e/ou surgimento dessas imagens, mas ao que me provocaram a pensar e em como com elas forjei desaceleramentos nesse plano em que me encontro em um *pasearse*.

Nas dissertações e teses produzidas no grupo, as imagens fazem-se presentes e atravessam os processos investigativos de cada autor/a; a arte faz-se presente em cada processo, de maneira que ocorre,

[...] conforme Deleuze (1981), para além da invenção de formas transcendentais, a captura de forças imanentes. O músico ou alguém que se envolve com música, por exemplo, capturaria - fazendo uso de meios específicos que ele domina - forças inaudíveis, assim como o pintor ou alguém envolvido com pintura (fotografia, desenho, vídeo ou qualquer outra produção imagética) captura as forças não visíveis e as apresentaria na condição do que o autor chama de blocos de sensação (*perceptos e afectos*). Quando Deleuze propõe tal definição, se

distancia de certa concepção de artista como ser genial, ou especial, colocando em xeque a possibilidade de que a arte seja configuração de formas plenamente originais. É um erro dizer que o pintor está diante de uma superfície branca. [...] O pintor tem muita coisa na cabeça, ou à sua volta, ou no atelier. Portanto, tudo o que há na sua cabeça ou à sua volta já está na tela, mais ou menos virtualmente, mais ou menos atualmente, antes que ele comece a trabalhar (OLIVEIRA; MOSSI, 2018, p. 117-118).

Desse modo, os/as pesquisadores/as, ao produzirem suas pesquisas, fazem escolhas e vizinhanças para acolher o que lhes apetece em seu processo e o que lhes potencializa. Pude perceber esses movimentos nos textos da roda de escritas quando os/as participantes anunciam que as imagens foram pensadas como potência para disparar o pensamento.

Conforme refere Mossi (2017, p. 187-188), as imagens são incorporadas “[...]junto ao texto e aos percursos de pesquisa como ‘arsenais, substâncias de experimentação, e não códigos de interpretação’”. Essas composições permitem romper com a ideia que conhecemos e fomos ensinados desde muito cedo, a ‘máxima’ que diz: ‘uma imagem vale mais que mil palavras’, pois uma imagem vale por uma imagem.

Trabalhar nessa perspectiva impulsiona uma pesquisa em Educação em que imagens podem ganhar maior abertura e porosidade ao assumir possibilidades e potências, atuando

[...] como potência discursiva que tensiona, amplia, estabelece outras vias de acesso e de vazão ao texto, o qual por sua vez, ao receber imagens que tomam essa outra posição, acaba se tornando também mais poroso, aberto, permeável a outros sentidos e, por sua vez, passível de conexões diversas, as quais podem vir a ser feitas singularmente por cada leitor que se relaciona com ele (OLIVEIRA; MOSSI, 2018, p. 122).

### *Consideraciones al afirmar la diferencia*

Tomando os problemas como propulsores, assumimos nas nossas investigações a potência da criação de problemas, assim como vivenciamos as filosofias da diferença e a criação de imagens como um exercício de acolher a multiplicidade e de operá-la. Estamos abertos às possibilidades e sabemos que as respostas são provisórias e que só nos cabe criar trajetos a serem experimentados provisoriamente, bem como os modos pelos quais vamos a *pasearnos* por esses caminhos – também eles não servem de balizas definitivas.

Ao produzir esta escrita, pude dar-lhe forma; compondo planos justapostos por conceitos e imagens, fui criando um plano móvel constituído de múltiplos heterogêneos em contínua conexão. Essas escolhas se deram a cada instantâneo em que fui capturada e afetada ao deparar-me com as produções da roda de escritas, os lugares por onde transitei levando no pensamento esta pesquisa...

Ao estarmos à espreita, logramos movimentarmo-nos por meio das metodologias que criamos, esboçamos linhas que provisoriamente traçaram sentidos durante o processo, escrevemos sobre as experiências e os sentidos atribuídos aos passos que damos. Assim, vamos afetando os caminhos da pesquisa ao mesmo tempo que somos afetados por ela, assumindo-nos como *paseanderos/as* pelos planos móveis da investigação, sem fecharmo-nos em conceitos, representações e/ou identidades.

É preciso, assim, estar à espreita dos possíveis estados de nós mesmos/as, com os quais vamos nos deparando no decorrer de uma investigação, motivados/as por desejos e atentos/as aos desvios e abismos por onde podemos *pasearnos*. É preciso desacelerar frente aos detalhes e frente a nós mesmos/as, para assim estar a *pasearse* e fazer-se *paseanderos/as* de si, para poder continuar a transitar pelos caminhos descontínuos de uma existência, de uma vida.

Quando penso no meu trajeto ao cunhar esta investigação e ao me deparar com os mais descontínuos caminhos movediços, onde me desafiei a *pasearme* pelas dissertações, teses e trabalhos de pós-doutorado, percebo que me tornei maleável para poder transitar e criar sentidos ao que me alcançava dessas produções, ao que me alcançou e alcança ao estar estudante e pesquisadora que investiga em matilha, em grupo, por meio de contágios e singularidades.

Procurei extrair, por meio da escrita, os fluxos que entranham meu corpo ao estar estrangeira de mim, sem perder os/as outros/as que me habitam. Desacelerei para poder sentir. Os conceitos elencados na investigação, assim como os molhos de chaves, proporcionaram a abertura de lugares que ainda me eram desconhecidos, possibilitando-me propor a noção de *pasearse*, a qual mobilizou o trânsito e a criação das linhas descontínuas deste estudo, que tanto me inquietaram, inquietam e potencializam.

Esse plano movente e fragmentado com o qual me deparei foi alegremente desconfortável, pois por muitos momentos me posicionou no entre, onde a necessidade de orientar-me se deu avidamente. E mais uma vez me encontro em um entre, em um abismo que me assalta: escrever de modo a concluir este trajeto, *pasearse* tentando esboçar linhas ‘finais’. Com dois anos da minha vida voltados a esta dissertação, a este estudo, pergunto-me se é possível concluir estando “vestida de inacabamentos” (PRECIOSA, 2010, p. 04). Mais uma vez, estou inventando modos e fragmentos, à espreita de chaves para *pasearme* em esboços das continuidades porvir.



Que a terra lhe seja leve.  
(ditado grego)  
2020.



## Referências

AGAMBEN, Giorgio. A imanência absoluta. In: ALLIEZ, Éric (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 169-192.

BACKES, Francieli. **A matrioska em mutação: processos de subjetivação na docência em artes visuais**. 2017. 91 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

BAPTAGLIN, Leila Adriana. **Construindo projetos, arquitetando ideias, analisando dados: a reforma curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais-2004/UFSM**. 2010. 112 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

BARIN, Ana Cláudia. **Afetos de um mundo secreto: fabulações de uma formação docente**. 2015. 76 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

\_\_\_\_\_. **Invento-me: potências do devir – criança- uma educação pela fabulação**. 2019. 173 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

BAUDRILLARD, Jean. **De um fragmento ao outro**. São Paulo: Zouk, 2003.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro et al. A linha Educação e Artes e as pesquisas em educação musical no contexto do Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSM. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 37, n. 1, p. 13-30, jan./abr. 2012.



BOOGARINS. **Sombra ou dúvida**. 2019. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=jd25m3DbgN4&ab\\_channel=Boogarins-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=jd25m3DbgN4&ab_channel=Boogarins-Topic). Acesso em: 21 out. 2010.

BRUM, Eliane. Espelho, espelho não meu. **Revista Época**, Rio de Janeiro, 25 out. 2010. Disponível em:  
<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI181755-15230,00-ESPELHO+ESPELHO+NAO+MEU.html>> Acesso em: 20 dez. 2019.

CARDONETTI, Vivien. **Experiências educativas: ressonâncias de intercessões fílmicas**. 2014. 172 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

\_\_\_\_\_. **Leitura e escrita: repercussões e ressonâncias propagandas em um coletivo**. 2018. 89 p. (Pós-Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

\_\_\_\_\_. **Parecer da banca de qualificação de Projeto de Mestrado de Marcela Bautista Nuñez**. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSM, 2019.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). **Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura**. Brasília, 2020.

Disponível em:  
<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3458093319997219>.  
Acesso em: 21 out. 2020.

DAHMER, Carin. **Apropriações nos territórios curriculares: cartografando de-formações na história da arte**. 2017. 113 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

DALMASO, Alice C. **Fiandografia: experimentações entre leitura e escrita numa pesquisa em educação**. 2016. 99 p. Tese

(Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988.

\_\_\_\_\_. **Bergsonismo**. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. **Diferença e repetição**. São Paulo: Editora Graal, 2009.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

\_\_\_\_\_. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka por uma literatura menor**. [Tradução Júlio Castañon Guimarães]. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1977.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1.

\_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 4.

\_\_\_\_\_. **O anti-Édipo**. Tradução Luiz B. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2014.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2015. v. 3.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Tradução de Eric Nepomuceno. 9a edição. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GARLET, Francieli. **Pesquisar andarilho: Cintilâncias e Transbordamentos de uma docência**. 2014. 90 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

\_\_\_\_\_. **Entre o visível e o enunciável em educação: o que pode uma docência que cava a si mesma?** 2018. 133 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

\_\_\_\_\_. **O parecer da banca de qualificação de Projeto de Mestrado de Marcela Bautista Nuñez**. Programa de Pós Graduação em Educação, UFSM, 2019.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolíticas: cartografia do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUTERRES, Clovis Renan Jacques; RAYS, Oswaldo Alonso. A Faculdade Interamericana de Educação na expansão da pós-graduação no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 82-94, set./out./nov./dez. 2005.

HUPPES, Sara. **Educação e diferença: uma experiência docente em Artes Visuais na comunidade surda**. 2018. 108 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

MANZONI, Daniella Minello. **Dançografia em processo de criação: uma docência artista em dança**. 2018. 153 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

MEDEIROS, Daniela. **Diferença e subjetividades do corpo: que educação é essa?** 2012. 115 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Santa Maria, 2012.

MENDONÇA, Maria Goretti C. **Visualidades do espaço escolar: Uma Interlocação com a cultura visual**. 2011. 110 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Lato-Sensu - Saiba Mais**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pos-graduacao/pos-lato-sensu>. Acesso em: 21 out. 2010.

MOSSI, Cristian Poletti. **Possíveis territorialidades e a produção crítica da arte, suturas e sobrejustaposições entre vestes sem corpos e corpos sem vestes**. 2010. 80 p. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

\_\_\_\_\_. **Um corpo sem órgãos, sobrejustaposições**. Quem a pesquisa [em educação] pensa que é? Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

\_\_\_\_\_. **Um corpo sem órgãos, sobrejustaposições.** Quem a pesquisa [em educação] pensa que é? Santa Maria: Editora UFSM, 2017.

NEUSCHARANK, Angélica. **Uma docência pela garimpagem:** encontros com signos. 2015. 80 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

\_\_\_\_\_. **Coextensividade:** sobre as noções de tempo na educação. 2019. 141 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; MOSSI, Cristian. Variações em torno das pesquisas em educação e arte com imagens. **Revista Leitura:** Teoria e Prática, Campinas, São Paulo, v. 36, n. 72, p. 115-131, 2018.

\_\_\_\_\_. **Memorial de professora titular.** Defendido em junho de 2019. Universidade Federal de Santa Maria.

PAIM, Ana Claudia Machado. **A cultura visual no âmbito escolar:** uma viagem a Dilermando de Aguiar/RS. 2009. 122 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

PAZ, Thais Raquel S. **Processos de subjetivação e narrativa autobiográfica de uma professora de Artes Visuais.** 2013. 95 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2010.

PREVE, Ana. **O parecer da banca de qualificação de Projeto de Mestrado de Marcela Bautista Nuñez.** Programa de Pós Graduação em Educação, UFSM, 2019.



ROSA, Aline Nunes. **Narrativas fílmicas e educação das artes visuais, percursos, afetos e bricolagens na formação inicial de professores**. 2010. 163 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

SALBEGO, Juliana. **Sobre atravessamentos e visualidades em ambientes educativos: aproximações com o PIBID Artes Visuais/UFSM**. 2017. 252 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

SCHWAAB, Silvia Guareschi. **Sobre a formação continuada em artes visuais: experiências narrativas a partir da cultura visual**. 2011. 98 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

SILVA, Daniela G. **Corpo – escrita no balé: para repensar o corpo doce da bailarina da caixinha de música em uma pesquisa em educação e arte**. 2017. 225 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

SIMIONATO, Marli. **Percursos, fragmentos e encontros: singularidades na docência**. 2014. 174 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

SIQUEIRA, Juliano Reis. **Aprendizagem da arte e formação de educadores**. 2009. 92 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, 2009.

SOARES, Rosenara Da Silva. **Artegrafar uma docência menor**. 2019. 145 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

TODO TANGO. Dicionário Lunfardo. Uruguay, 2019.

Disponível em:

<https://www.todotango.com/comunidad/lunfardo/>>. Acesso em: 02 jul. 2019.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM).

**Projeto Político Pedagógico do Programa de Pós-Graduação em Educação.** Santa Maria, 2018. Disponível em:

[≤https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/ppge/pagina-inicial/projeto-pedagogico/](https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/ppge/pagina-inicial/projeto-pedagogico/)>. Acesso em: 02 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. **Manancial - Repositório Digital da UFSM.** Santa Maria, 2019. Disponível em: [≤https://repositorio.ufsm.br/](https://repositorio.ufsm.br/)>. Acesso em: 18 maio 2019.

VASCONCELLOS, Cristine. **‘Entre’ multiplicidades de um coletivo:** Sobre a produção de diários da prática pedagógica. 2019. 138 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

VAZ, Tamiris. **Encontros e esperas de uma professora em percurso.** 2013. 90 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.



## **Roda de Escritas**

### **Tamiris Vaz**

*Sobre o que tratou sua dissertação ou tese? Mencione pelo menos os 5 principais autores/autoras (ano) da sua pesquisa. Caso você tenha feito mestrado e doutorado, por favor, nos fale de ambas pesquisas.*

Em minha pesquisa de mestrado, defendida no início de 2013, tratei de vivenciar ações que possibilitassem fissuras nos papéis atravessados, especialmente naqueles que definem a docência. A partir de uma ação artística realizada por mim junto ao Coletivo (Des)Esperar no evento arte#ocupaSM, ocorrido em 2012, fui traçando aprendizagens imprevisíveis junto aos cães, às rachaduras e à chuva, movendo devires de uma docência em percurso, aberta às aprendizagens dos universos atravessados. O que me instigava enquanto pesquisadora era a potência de criação na educação e na arte que encontrei quando vivi processos de produção coletiva na escola e em um grupo de artistas, por isso passei todo o primeiro ano focando no conceito de arte relacional. Foi nesse período que tive um contato mais intenso com as filosofias da diferença e alguns conceitos me ajudaram a entender que não era a arte relacional em si que me interessava, mas os movimentos que encontros com o mundo provocavam em minhas potências professora, promovendo fissuras em tempos e lugares do saber. Deleuze e Guattari foram o principal referencial para

pensar os devires que atravessavam meus pensamentos da docência. Para pensar nos fatores de afetivação, utilizei Suely Rolnik. O romance *A Náusea*, de Jean Paul Sartre, foi um referencial literário que instigou minha escrita através de relações sensíveis e de diferentes intensidades e estranhamentos com o cotidiano. Sandra Corazza foi ainda uma referência para pensar a escrita como investigação do próprio conhecimento, 'artistando a educação'.

*Qual foi a metodologia do estudo? Fale um pouco sobre ela.*

Na época, a Investigação Baseada nas Artes (IBA) me trouxe provocações que ancoraram meu envolvimento com encontros inesperados, questionando formas hegemônicas de pesquisa através de procedimentos (e não apenas temas) artísticos. Meu principal referencial para esses processos foi Fernando Hernández. Hoje não vejo mais a necessidade de utilizar essa nomenclatura metodológica, pois a pesquisa que desenvolvi possuía caminhos muito próprios para além do que a IBA propunha. Mas entendo que, talvez, a IBA tenha me encorajado a produzir esses caminhos.

*Como eram os encontros de orientação quando você realizou sua pesquisa?*

Os encontros de orientação envolviam muito comprometimento de todos, pois líamos os textos de cada colega e tecíamos comentários e sugestões em encontros periódicos. Isso nos fazia entrar em contato com inúmeros conceitos e possibilidades de articulá-los. Em suas orientações, a professora Marilda enfatizava muito o desejo de que produzíssemos visualidades singulares. O uso da imagem era uma preocupação constante que perpassava as discussões sobre nossas pesquisas.

*Como manter a singularidade da escrita em um grupo de orientação que é coletivo?*

No período em que fiz o mestrado uma leitura que permeou nossos estudos coletivos foi a série de livros Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, de Deleuze e Guattari. Foram estudos muito importantes porque eles não tratavam especificamente dos temas de nossos trabalhos, mas nos ajudavam a constituir modos de nos posicionar no mundo e na pesquisa de maneira inventiva em um mundo em constantes mutações. Esse estudo provocador e o esforço coletivo de acioná-lo em nossas vidas e pesquisas foi imprescindível para evitarmos comodismos.

*Quando se produz junto a um coletivo, como não cair no comodismo de trilhar os mesmos caminhos que outros já experimentaram? Como deixarse contagiar pelo outro, sem fazer das escolhas deles às nossas?*

Esse processo autoral não é simples e, muitas vezes, especialmente no início das pesquisas, pode ser confundido com a busca de soluções 'bonitas'. Nesse momento há o risco da cópia de modos de fazer, pois são processos que resultam em escritas e visualidades muito encantadoras. Mas na medida em que a pesquisa adquire consistência, vamos percebendo que essas estéticas são consequência de processos singulares irreproduzíveis. Ao entender o que de fato nos interessava, as imagens e escritas autorais iam se fazendo presentes de maneira muito viva naquilo que produzíamos. Inevitavelmente cada trabalho ia ganhando um formato único. Não há como você se apropriar de algo que é tão singular aos caminhos de um colega mesmo quando utilizados autores e conceitos em comum.

*Você usou imagens na sua pesquisa? Como se deu a relação das imagens com a pesquisa? Como elas foram selecionadas e que espaço ocuparam no trabalho?*

Em minha pesquisa busquei modos de não trazer as imagens como registros do acontecimento de um trabalho artístico, mas como provocadoras de pensamentos nascidos dos devires que eu movimentava. As rachaduras (um desses devires) não rachavam apenas a parede, mas rachavam a própria página impressa; as pessoas apareciam disformes para tratar daquilo que eu chamei de náusea, a partir da literatura de Sartre. Foram exercícios que acredito ter conseguido trabalhar melhor

posteriormente no doutorado, pois as imagens ainda apareciam tímidas e pequenas. O exercício de uma escrita mais literária não se separava do uso da imagem, pois ambas nasciam no intuito de serem complementares e, ao mesmo tempo, produzirem alguns ruídos, deixando caminhos para dúvidas e desvios por parte do leitor. A existência de uma ação artística demarcada no mapa e no tempo se misturava com divagações sobre docência atravessada por cãs, chuvas e rachaduras e as imagens foram muito importantes na construção dessa atmosfera de presença do acontecimento no ato da leitura e não apenas na memória lembrada pela autora. Minha pesquisa de mestrado ganhou outros rumos durante o doutorado, realizado na UFG, no PPG em Arte e Cultura Visual, onde intensifiquei as relações entre meus percursos e aprendizagens, dessa vez passando do foco do aprender-se docente para o aprender a si no mundo. Acredito que seja por essa via que sigo com minhas pesquisas atuais enquanto docente em um curso de licenciatura em Artes Visuais, pensando a docência, a coletividade, a escrita, a arte como processos de vida produtores de afectos. Aprender, viver, artistar, pesquisar, ensinar como percursos 'de vida' e não 'sobre a vida' ou 'sobre a arte' - é um pouco do que aprendi com minha pesquisa e que tenho tentado construir junto aos estudantes que acompanho hoje.

*Na sua opinião qual a principal contribuição do seu estudo para com o campo da arte e da educação? A pesquisa que você realizou respingou no*

*que você faz atualmente ou em estudos futuros? Conte-nos um pouco sobre isso.*

Minha pesquisa de mestrado ganhou outros rumos durante o doutorado, realizado na UFG, no PPG em Arte e Cultura Visual, onde intensifiquei as relações entre meus percursos e aprendizagens, dessa vez passando do foco do aprender-se docente para o aprender a si no mundo. Acredito que seja por essa via que sigo com minhas pesquisas atuais enquanto docente em um curso de licenciatura em Artes Visuais, pensando a docência, a coletividade, a escrita, a arte como processos de vida produtores de afectos. Aprender, viver, artistar, pesquisar, ensinar como percursos 'de vida' e não 'sobre a vida' ou 'sobre a arte' - é um pouco do que aprendi com minha pesquisa e que tenho tentado construir junto aos estudantes que acompanho hoje.

**Angélica Nescharank**

*Sobre o que tratou sua dissertação ou tese? Mencione pelo menos os 5 principais autores/autoras (ano) da sua pesquisa. Caso você tenha feito mestrado e doutorado, por favor, nos fale de ambas pesquisas.*

Dissertação: a investigação procurou pensar sobre a aprendizagem a partir do conceito de encontros com signos (DELEUZE, 2010), bem como, da noção de memória involuntária (DELEUZE, 2010) e (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Como objeto de estudo trabalhamos com a literatura de Marcel Proust, mais



especificamente com a obra "Em busca do tempo perdido" (PROUST, 2006a; 2006b; 2008; 2011; 2013), junto desta foi realizada uma cartografia de signos que foram afetando à mim como docente pesquisadora e nessa trama outros objetos compuseram o estudo: diário de um estudante, experiências docentes, fotos de família...

Tese: a pesquisa de doutorado se propôs a operar com a noção de coextensividade, problematizando as ideias de tempo em educação, pensando-a a partir de um tempo aiônico, com os conceitos de duração (BERGSON, 2005; 2010), coexistência (DELEUZE, 1999; 2005; 2006a) e eterno retorno (NIETZSCHE, 2004; 2011). Ao longo da investigação outros conceitos foram atravessando a escrita, como o de devir e involução criadora no livro de Deleuze e Guattari (2012) e evolução criadora (BERGSON, 2005). Também pela materialidade da investigação o conceito de imagem (DIDI-HUBERMAN, 2015) (DELEUZE, 2010) (BERGSON, 2010).

*Em relação aos autores utilizados por você no estudo, diria que eles compõem uma base estruturalista ou pós-estruturalista de pensamento?*

*E o que faz com que você tenha esta compreensão?*

Pós-estruturalista. Em decorrência das escolhas teóricas, dos autores que convoquei para a pesquisa, dos conceitos e da desconstrução de algumas ideias prévias às investigações, também diria pelos modos como operei os conceitos e produzi as pesquisas.

*Qual foi a metodologia do estudo? Fale um pouco sobre ela.*

Dissertação: agenciamento entre cartografia e garimpagem. Quando arrançadas, cartografia e garimpagem podem combinar seus elementos díspares, e se transformar, fazendo surgir algo novo, que já não se resume a nenhum dos elementos isolados que as compõem. Potencializar os agenciamentos e fazer multiplicidade. Tentativa desses dois modos entrarem em um novo rizoma. Enquanto performance pensada por Deleuze e Guattari (1995), que busca acompanhar um processo e não representar um objeto, a cartografia tem sido utilizada em pesquisas de campo no estudo da subjetividade e se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras para serem aplicadas. Ela não estabelece um caminho linear para atingir um determinado fim. Todavia, nada impede que o cartógrafo estabeleça algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência (KASTRUP, 2015).

Na intenção de mapear os movimentos que vínhamos realizando na docência, tanto nos espaços da escola como na universidade, a fim de exercitar o que Kastrup (2015) propõe como atenção cartográfica, passamos a pensar sobre as escolhas de algumas experiências em relação á outras. Ao longo da pesquisa, fomos percebendo que a maioria delas se detinham a contar situações cômodas e assertivas que vivenciávamos como docente, a saber: o estudante que produzia, a aula que rendia, a temática

que tinha aceitação pela turma, entre outras questões que nos traziam comodidade na escrita.

Buscamos, ao contrário, diz sobre um movimento de pensamento-escrita produzido em uma situação de incerteza em sala de aula, que nos fez pensar no que fazer diante do que fugia do padrão, ou do tão aclamado controle. Parecia ser o início de uma escrita suscitada pelo agenciamento cartografia-garimpagem. É disto, ou pelo menos isto, que trata uma cartografia agenciada a garimpagem: não estar calcada em resultados ou valores das vivências, mas de escolhas da ordem das heterogeneidades – daí a importância do informe, do pedregulho que potencializará o pensamento. Ao adotar essa proposta metodológica, assumimos a intenção de não fazer dos dados um decalque, isto é, não procuramos pelo aprofundamento do objeto para desvelar uma essência do que investigamos, não olhamos para uma realidade apenas como possibilidade de representá-la, reproduzi-la. Ao contrário, tratamos da produção dos dados e da captura por realidades as quais estamos imersos e que, sobretudo, compomos: compomos realidades, redes, tramas.

Tese: garimpagem, um método criado junto à produção escrita da tese, tendo em vista que diz respeito a uma docente pesquisadora que se pôs a experimentar com a docência e pensar nas relações de forças do campo que traçou, do que a fez escapar, e do que a coextensividade pode produzir como efeitos nas noções de tempo. Na investigação, o/a pesquisador/a está em constante

movimento, produz uma escrita dos percursos, sempre em vias de se fazer e desfazer-se, pois não encontra um ponto fixo, nem apenas um local para garimpar. Trata-se de uma possibilidade metodológica que está atenta a um movimento de seleção-criadora dos modos de existência de uma pesquisadora-docente em espaços-tempos provisórios, contando sobre as recolhas afetivas de leituras, imagens, objetos, falas e demais heterogêneos que a capturaram, para compor com eles uma escrita. Capturada pelas palavras de Preciosa (2010) e pelas intenções de problematizar os modos como naturalizamos o pensamento que julga, que analisa, que sistematiza e que ignora as incalculáveis surpresas que nos surgem como rumores. Penso que seja disso que trata a garimpagem: dissolver esse modo de existência que desqualifica o informe, o imprevisto, o incerto e o instável da vida, os quais denomino de heterogêneos; coisas que ainda não tomaram forma e sentido, e que talvez nem tomem, que não são classificadas em certas ou erradas, preciosas ou descartáveis, binarismos pueris que nos levam a juízos de valor.

*Como eram os encontros de orientação quando você realizou sua pesquisa?*

Eles sempre ocorreram de modo coletivo. Realizávamos a leitura das pesquisas dos colegas de grupo e um parecer contributivo para as mesmas, com o tempo passamos a criar novos arquivos com apontamentos e correções junto ao texto. Havia um

calendário organizando o dia de apresentação e discussão da pesquisa, onde no máximo eram pensadas duas pesquisas para cada turno. Em um segundo momento, optamos por não mais produzir pareceres e novos arquivos, mas ir passando no dia do encontro pelas páginas onde cada colega realizava apontamentos, caso tivesse. Além desses encontros em que focávamos nas pesquisas, aconteceram encontros mensais de estudo dos livros escritos pelo filósofo Deleuze, e em parceria com Guattari, que contribuíram para o adensamento teórico dos conceitos das pesquisas.

*Como manter a singularidade da escrita em um grupo de orientação que é coletivo?*

Acredito que ampliando o estudo para a obra de outros autores, dentro da perspectiva pós-estruturalista ao qual a orientadora está, por ora, filiada. O grupo 'Sábados com Deleuze' trouxe um grande contributo para as pesquisas, e dessa forma foi contaminando as escolhas conceituais. Talvez se fossem realizadas outras leituras coletivas, até de outras pesquisas e artigos de outros autores, o grupo seria oxigenado com outros conceitos e modos de produzir pesquisa. Olhar para fora do grupo para ver o que está sendo feito em outros grupos de pesquisa, linhas, universidades.

*Quando se produz junto a um coletivo, como não cair no comodismo de trilhar os mesmos caminhos que outros já experimentaram? Como deixar-se contagiar pelo outro, sem fazer das escolhas deles às nossas?*

Talvez seja preciso alguns momentos solitários junto a pesquisa, de afastamento do olhar coletivo, para que sua artesanania seja tramada apenas por duas ou a quatro mãos. Ter sempre em vista qual o contributo da pesquisa, também pode nos fazer pensar quais as granulações da investigação em relação ao grupo, linha de pesquisa, e para o campo da educação.

*Você usou imagens na sua pesquisa? Como se deu a relação das imagens com a pesquisa? Como elas foram selecionadas e que espaço ocuparam no trabalho?*

Na Dissertação e na Tese as imagens são apresentadas como materialidade da pesquisa, as quais denominei de heterogêneos. Fui capturada por escritas, por experiências docentes, pelo registro de falas de estudantes, as imagens foram sendo produzidas, por isso, grande parte delas são de minha autoria. "A maneira como vai compondo com as palavras e com as imagens diz muito das relações entre as linguagens, do modo de conceber o caráter discursivo da imagem e dos textos que podem materializar-se nas mesmas. Um não substitui o outro, não anula, não reforça, mas em relações de aproximação ou sobreposição, produz-se sentidos a partir das experimentações do/a próprio/a

pesquisador/a, das conexões que vai realizando, ainda, do que tenciona, amplia e estabelece como outras vias de acesso e de vazão ao texto, o qual, 'ao receber as imagens que tomam essa outra posição, acaba se tornando também mais poroso, aberto, permeável a outros sentidos' (MOSSI; OLIVEIRA, 2018, p. 122)" - fragmento da tese. "As imagens, a partir da perspectiva anunciada e assumida, foram pensadas enquanto potência inventiva que pudessem disparar o pensamento (DELEUZE, 2006a), como possibilidade de olhar para a educação sob outras relações e temporalizações. Imagens e palavras como blocos de naturezas diversas. Palavras que não comportam em si, os efeitos provenientes das imagens. Imagens que não conseguem envolver tudo o que podem as palavras (MOSSI, 2017). Tratam-se de 'superfícies que nada escondem, nada disfarçam, nada camuflam e, portanto, nada está para ser lido, desvelado, decodificado' (MOSSI; OLIVEIRA, 2018, p. 123)" - fragmento da tese. Me detive a escrever na Tese sobre as imagens, como nas duas passagens recortadas.

*Na sua opinião qual a principal contribuição do seu estudo para com o campo da arte e da educação? A pesquisa que você realizou respingou no que você faz atualmente ou em estudos futuros? Conte-nos um pouco sobre isso.*

Quando penso em quais/qual contributo, penso que trata-se de duas pesquisas que partiram de inquietações da ordem do

menor, e foram sendo produzidas dessa forma, agenciando minhas experiências com outros signos, territórios que mapiei, e por isso, ela respingou mais em mim do que talvez em outras pessoas, em outros contextos. Embora, ambas as escritas foram produzidas com a intenção de afetar o leitor, de convidá-lo a pensar comigo, pelo fato da escolha conceitual em que um "Eu" gordo não seria conivente com o escopo pós-estruturalista. Por isso, são pesquisas que dizem muito de mim, mas na tentativa de não pessoalizar, a escrita parte de mim para contar sobre outros encontros, até mesmo do leitor e de seu pensamento, que por ora pudesse ganhar velocidade quando seu olho tocasse algumas linhas da pesquisa. Na docência, as pesquisas afetaram meu modo de estar, ver, me posicionar e me relacionar em sala de aula, e outros espaços educativos, até mesmo espaços não institucionalizados.

### **Ana Cláudia Machado Paim**

*Sobre o que tratou sua dissertação ou tese? Mencione pelo menos os 5 principais autores/autoras (ano) da sua pesquisa. Caso você tenha feito mestrado e doutorado, por favor, nos fale de ambas pesquisas.*

A dissertação de mestrado, por mim escrita, sob a orientação da professora Dra. Marilda Oliveira (sob a forma de narrativa, com personagens e suas discussões) foi intitulada "A CULTURA VISUAL NO ÂMBITO ESCOLAR: UMA VIAGEM A DILERMANDO DE AGUIAR/RS" (2009). Concebeu como objetivo



geral investigar como as educadoras percebem a cultura visual no universo da E. M. E. F. Valentim Bastianello (escola-núcleo), no município de Dilermando de Aguiar/RS. O marco teórico da pesquisa foi construído a partir do diálogo com autores como Efland; Freedman e Sthur (2003); Freedman (2006); Hernández (2000; 2006; 2007; 2008); Mirzoeff (2003); Brea (2005); Martins (2008) e Dias (2008).

*Em relação aos autores utilizados por você no estudo, diria que eles compõem uma base estruturalista ou pós-estruturalista de pensamento?*

*E o que faz com que você tenha esta compreensão?*

Pós-estruturalista, principalmente, pois rompem com análises de pesquisas "engessadas", estruturadas, fechadas; instigam múltiplos olhares (macro e micro) sobre uma mesma questão; propõem interpretações abertas, amplas, tendo os sujeitos como colaboradores ativos das pesquisas e, não, como participantes passivos.

*Qual foi a metodologia do estudo? Fale um pouco sobre ela.*

A metodologia caracterizou-se por uma abordagem qualitativa, balizada pela Investigação Baseada nas Artes (IBA). Os dados foram agrupados por meio de entrevistas semiestruturadas e narrativas a partir de imagens, além do diário de campo.

*Como eram os encontros de orientação quando você realizou sua pesquisa?*

Recordo-me de ter os encontros juntamente como meu colega de mestrado, Juliano Siqueira, e nossa orientadora, Marilda. Tive, também, encontros individuais de orientação.

*Como manter a singularidade da escrita em um grupo de orientação que é coletivo?*

Acredito que é muito enriquecedor conhecer a pesquisa dos outros colegas, as etapas, reflexões, desafios e conquistas pelos quais os mesmos estão passando, pois podemos traçar um paralelo com a pesquisa a qual estamos construindo. A Marilda soube muito bem nos orientar, coletiva e individualmente, instigando tanto ao estilo particular de escrita, quanto aos autores aproximados com a temática de cada orientando.

*Quando se produz junto a um coletivo, como não cair no comodismo de trilhar os mesmos caminhos que outros já experimentaram? Como deixar-se contagiar pelo outro, sem fazer das escolhas deles às nossas?*

Na medida em que mantemos um vínculo mais edificado com a nossa pesquisa, os interesses, questionamentos e caminhos distintos vão sendo trilhados como consequência. A Marilda me advertiu sobre possíveis percalços e desafios, principalmente,

quanto ao formato da investigação que eu estava propondo, como também me apoiou nas minhas escolhas.

*Você usou imagens na sua pesquisa? Como se deu a relação das imagens com a pesquisa? Como elas foram selecionadas e que espaço ocuparam no trabalho?*

Trabalhei as imagens como forma de balizar as interpretações da pesquisa e, não, como meras ilustrações.

*Na sua opinião qual a principal contribuição do seu estudo para com o campo da arte e da educação? A pesquisa que você realizou respingo uno que você faz atualmente ou em estudos futuros? Conte-nos um pouco sobre isso.*

A pesquisa que eu realizei ressaltou a importância da discussão da cultura visual nos currículos (em especial, das escolas rurais), da discussão desta relação nos planejamentos de ensino e, finalmente a relevância das imagens e as interpretações das representações visuais. Como sou professora, até hoje, em uma escola rural, continuo trabalhando estas questões com professores e alunos, tanto neste âmbito, quanto em mini cursos os quais ministros em outros municípios.

### **Daniela Minello**

*Sobre o que tratou sua dissertação ou tese? Mencione pelo menos os 5 principais autores/autoras (ano) da sua pesquisa. Caso você tenha feito mestrado e doutorado, por favor, nos fale de ambas pesquisas.*

Dançografia em processo de criação: uma docência artista em dança. Kincheloe e Berry (2007); Greiner (2005); Fernandes (2006, 2013); Baldi (2017); Salles (2009); Rocha (2016), Ostrower (1977) e Corazza (2012).

*Em relação aos autores utilizados por você no estudo, diria que eles compõem uma base estruturalista ou pós-estruturalista de pensamento?*

*E o que faz com que você tenha esta compreensão?*

Pós-estruturalista por conter traços de uma geração fortemente marcada pelos acontecimentos de maio de 1968, que propunham dentre outras coisas, a reavaliação do lugar social do sujeito e da prática social por meio de um pensamento que valorizava a ação.

*Qual foi a metodologia do estudo? Fale um pouco sobre ela.*

Utilizei-me do método da bricolagem assumindo uma postura ativa, muitas vezes abrindo mão de algumas diretrizes e roteiros preexistentes, criando processos de investigação no decorrer do surgimento das demandas. Fui então percebendo, que na escrita da tese, a dançografia figurava como uma licença poética para falar de uma escrita com a dança, noção concebida neste estudo como o que se inscreve no corpo que dança, e um corpo que dança é performado pela escrita.

*Como eram os encontros de orientação quando você realizou sua pesquisa?*

Este é o desafio de todos os integrantes. A cooperação no grupo proporciona um caminho único em cada pesquisa em que o olhar de cada integrante instiga e reverbera no estudo do outro, abrindo margens para a liberdade de escolha ao passo que contribui no coletivo.

*Quando se produz junto a um coletivo, como não cair no comodismo de trilhar os mesmos caminhos que outros já experimentaram? Como deixar-se contagiar pelo outro, sem fazer das escolhas deles às nossas?*

Acredito muito na singularidade do indivíduo mesmo em grupo. Neste caso específico, do GEPaec, os integrantes têm consciência do potencial do grupo e do individual. São o tempo inteiro despertados ao novo. Essa consciência e esse disparo vem das diversas leituras que o coletivo têm na liberdade de propor no decorrer dos estudos.

*Você usou imagens na sua pesquisa? Como se deu a relação das imagens com a pesquisa? Como elas foram selecionadas e que espaço ocuparam no trabalho?*

Sim... as imagens são a tese e a tese é o corpo registrado o tempo todo pelas imagens. Elas tencionam, impulsionam e colocam todos os sentidos a funcionar no leitor que tem contato com a mesma.

*Na sua opinião qual a principal contribuição do seu estudo para com o campo da arte e da educação? A pesquisa que você realizou respingou no que você faz atualmente ou em estudos futuros? Conte-nos um pouco sobre isso.*

Desejo que este estudo tenha instigado outros pesquisadores a encontrarem a sua singularidade no fazer pesquisa. Que o sentido da escrita perpassasse por outros sentidos que não apenas o tato. Que o pesquisador acredite no seu potencial e crie caminhos em que ele possa descobrir à si próprio antes mesmo de seguir seus referenciais teóricos. Assim, tudo virá como complemento. Atualmente trabalho na formação de professores no ensino superior com uma disciplina que aborda a aprendizagem do corpo. Um novo projeto que estou desenvolvendo atualmente é a criação de um canal no *Youtube* onde o corpo e sua expressividade dão margem para o foco da abordagem na educação.

### **Daniela Grieco Nascimento e Silva**

*Sobre o que tratou sua dissertação ou tese? Mencione pelo menos os 5 principais autores/autoras (ano) da sua pesquisa. Caso você tenha feito mestrado e doutorado, por favor, nos fale de ambas pesquisas.*

Tanto minha dissertação quanto minha tese tiveram como foco central investigar ações desenvolvidas pela ONG Royale Escola de

Dança e Integração. A dissertação objetivou verificar a influência da prática do Ballet Clássico, tal como desenvolvida na ONG Royale Escola de Dança e Integração Social, nos processos de inclusão social, construção e manutenção da cidadania de jovens da periferia da zona oeste da cidade de Santa Maria - RS. Os principais autores trabalhados foram Paulo Freire (1976, 1985, 1996), Judith Hanna (1998), José de Souza Martins (2002, 2008), Alberto Melucci (1999, 2004), Pierre Bourdieu (2008). Pesquisa realizada em outro programa de graduação.

Na tese procuramos perceber como as ações artísticas e educativas realizadas pela ONG Royale Escola de Dança e Integração Social atuam, por meio de um processo de criação coletiva, sobre o empoderamento feminino no balé contradizendo o corpo doce perpetuado pela figura da bailarina da caixinha de música. Ou seja, na tese me voltei mais para as questões de gênero e ao feminismo. Na tese os principais autores trabalhados foram Michel Foucault (2010, 2013, 2014), Guacira Louro (2000, 2008, 2013), Paulo Freire (1977, 1985, 1996), Simone de Beauvoir (1980), Pierre Bourdieu (2015).

*Em relação aos autores utilizados por você no estudo, diria que eles compõem uma base estruturalista ou pós-estruturalista de pensamento?*

*E o que faz com que você tenha esta compreensão?*

Acredito que os autores utilizados são de uma vertente estruturalista, pois procuram analisar a realidade social a partir da ampla teia de relações que a envolvem.

*Qual foi a metodologia do estudo? Fale um pouco sobre ela.*

Na dissertação utilizei a História de Vida, que procurou investigar, registrar e analisar a vida de duas jovens estudantes da ONG Royale. Na tese a metodologia utilizada foi a autoetnografia, envolvendo um processo de criação coletiva com as bailarinas e o bailarino da Royale Cia de Dança sobre a vida de mulheres que militaram contra a Ditadura Militar brasileira.

*Como eram os encontros de orientação quando você realizou sua pesquisa?*

Como em meu doutorado ocorreu uma troca de orientação, foi bem complicado e muito sofrido participar de um grupo de orientação que não trabalha os mesmos autores que eu. Embora tenha tido sempre todo apoio e compreensão da professora Marilda, não foram boas as experiências que tive nos grupos de orientação. Me sentia muito solitária e, às vezes, infeliz.

*Como manter a singularidade da escrita em um grupo de orientação que é coletivo?*



Na verdade, nunca gostei de estudar em grupo. E como minha experiência foi diferenciada nos grupos de orientação da professora Marilda, acredito que minha escrita manteve sua singularidade.

*Quando se produz junto a um coletivo, como não cair no comodismo de trilhar os mesmos caminhos que outros já experimentaram? Como deixar-se contagiar pelo outro, sem fazer das escolhas deles às nossas?*

Acredito que o coletivo tem destas armadilhas, por isso gosto de estudar e produzir solitariamente. No caso do grupo, eram praticamente todos das artes visuais e somente eu da dança. Foi complicado e bem difícil.

*Você usou imagens na sua pesquisa? Como se deu a relação das imagens com a pesquisa? Como elas foram selecionadas e que espaço ocuparam no trabalho?*

Utilizei registros fotográficos do processo de criação e do espetáculo de dança que foi seu resultado. Procurei fazer com que as imagens dialogassem com o texto.

*Na sua opinião qual a principal contribuição do seu estudo para com o campo da arte e da educação? A pesquisa que você realizou respingou no que você faz atualmente ou em estudos futuros? Conte-nos um pouco sobre isso.*

Penso que tanto minha dissertação quanto minha tese, afirmaram a importância do trabalho do Terceiro Setor no desenvolvimento dos processos artísticos e educativos das classes populares. Na verdade, foram a confirmação do trabalho que faço e acredito. Principalmente minha tese me inspirou a continuar estudando as questões de gênero e a literatura feminista. E vai ser com eles que farei meu Pós Doutorado.

### **Aline Nunes**

*Sobre o que tratou sua dissertação ou tese? Mencione pelo menos os 5 principais autores/autoras (ano) da sua pesquisa. Caso você tenha feito mestrado e doutorado, por favor, nos fale de ambas pesquisas.*

A dissertação foi realizada entre os anos de 2008 e 2010, e tratou sobre os atravessamentos entre a formação inicial em artes visuais e o cinema. Buscava pensar acerca de como o cinema se constituiu enquanto um fator de afetivação, capaz de produzir modos de subjetivação e, assim, conhecer justamente os processos vivenciados por um grupo de estudantes no curso de licenciatura em Artes Visuais da UFSM, que foram convidados a compor um momento de partilhas, de experimentações e produções poéticas, pensando sobre seus próprios processos de constituírem-se docentes. Os autores que contribuíram para a produção desta pesquisa foram: Jorge Larrosa (2002; 2004; 2006), Fernando Hernández (2005; 2007; 2009), Marilda de Oliveira (2009); Alice

Martins (2007); Sueli Rolnik (2006) e Raimundo Martins (2007, 2008, 2009).

*Em relação aos autores utilizados por você no estudo, diria que eles compõem uma base estruturalista ou pós-estruturalista de pensamento?*

*E o que faz com que você tenha esta compreensão?*

Creio que os autores citados compõem uma base de pensamento pós-estruturalista, uma vez que enxergam a educação, as artes visuais, a formação docente e a imagem enquanto territorialidades construídas a partir de múltiplas narrativas, sempre endereçadas e situadas em um dado contexto sociocultural, marcados muito mais pela provisoriidade e condição de não fixidez, do que o oposto disso.

*Qual foi a metodologia do estudo? Fale um pouco sobre ela.*

A metodologia utilizada foi a Bricolagem. Uma abordagem qualitativa, na qual são possíveis diferentes estratégias e procedimentos para construir os caminhos da pesquisa. A abordagem é cunhada por Kincheloe e Berry (2007), autores que nos falam sobre um modo particular de se construir/elaborar um caminho metodológico. A pesquisa ainda foi realizada a partir de alguns preceitos da Investigação Baseada em Artes, a partir dos aportes de Hernández (2009).

*Como eram os encontros de orientação quando você realizou sua pesquisa?*

Os encontros de orientação aconteciam em sua grande maioria de modo individual, para tratar das questões da pesquisa, incluindo os direcionamentos metodológicos, no sentido de realizar novos direcionamentos e analisar os andamentos das ações empreendidas na pesquisa. Aconteciam alguns momentos de orientação coletiva, mas estes eram mais raros, realizávamos a leitura de algum material teórico específico, ou mesmo diálogos sobre os trabalhos dos colegas (mais raros). É importante mencionar, que a própria lógica de orientação neste período era diferenciada, uma vez que tínhamos como apoio os estudos realizados no grupo GEPAEC (que na época tinha um outro formato, suprimindo muitas das necessidades de estudo dos autores e temas problematizados na dissertação) e também o contato com a orientadora durante as disciplinas realizadas com ela sempre foram fundamentais para o andamento da pesquisa.

*Como manter a singularidade da escrita em um grupo de orientação que é coletivo?*

Naquele momento (2008/2010), como mencionei acima, o formato das orientações era bastante distinto do que vejo agora. Talvez isso fosse um dos pontos que favorecessem a multiplicidade de temas e mesmo a gama de autores utilizados por cada orientando. Haviam possibilidades de diálogos e trocas entre nós, porém,

existia um tempo e espaço bastante alargados para que cada um buscasse aquilo que lhe parecia interessante ou conveniente.

*Quando se produz junto a um coletivo, como não cair no comodismo de trilhar os mesmos caminhos que outros já experimentaram? Como deixar-se contagiar pelo outro, sem fazer das escolhas deles às nossas?*

É uma questão bastante complexa. Hoje como professora, orientando trabalhos de TCC, realizando pesquisa e participando como membro em diferentes bancas, me questiono também acerca disso. Talvez um dos caminhos seja seguir acolhendo aquilo que vem dos estudantes/orientandos, instigando os a seguir buscando outras fontes e referências (não necessariamente acadêmicas) por conta própria e, deste modo, convidá-los a estabelecer os diálogos entre aquilo que é comum no grupo: os autores de referência; as linhas de investigação do orientador; os temas abordados no grupo de colegas...

*Você usou imagens na sua pesquisa? Como se deu a relação das imagens com a pesquisa? Como elas foram selecionadas e que espaço ocuparam no trabalho?*

Sim, esta foi uma pesquisa que falou sobre imagens, e que se produziu a partir delas. As imagens trazidas pelos estudantes colaboradores em diálogo com as imagens das narrativas fílmicas trabalhadas foram apresentadas no corpo da dissertação, criando espaços e momentos para elucidar parte do processo realizado

(durante a pesquisa de campo), bem como se inserindo enquanto elementos fundantes da pesquisa, experimentando o conceito de Bricolagem também visualmente. Tanto as imagens cedidas pelos participantes quanto as imagens realizadas por mim no decorrer do processo foram usadas para compor com o texto.

*Na sua opinião qual a principal contribuição do seu estudo para com o campo da arte e da educação? A pesquisa que você realizou respingou no que você faz atualmente ou em estudos futuros? Conte-nos um pouco sobre isso.*

Penso que a contribuição de minha pesquisa consista não especificamente no que ela aborda sobre as relações entre cinema e artes visuais (algo já bastante comum), mas penso que foi justamente esse diálogo com aquilo que estava "fora" (no caso pensar a narrativa fílmica como um fator de afetivação) e que era acolhida para o campo dos estudos sobre formação inicial em Artes Visuais. Algo que se mantém presente em minha atual pesquisa e na minha atuação como docente de uma IES (e de certo modo, esteve presente em meu percurso de doutorado) É justamente a possibilidade de compor com aquilo que não é próprio do campo, ou daquilo que aparentemente nos soa como inútil, como banal, que me move a pensar numa formação docente que seja marcada por nomadismos, por escapes, por deslocamentos. Me parece muito potente conhecer as narrativas trazidas pelos estudantes em formação inicial, seus percursos, e descobrir justamente aí, as

sutilezas daquilo que os compõem, do que os move. Seguir conhecendo e pensando a partir daquilo que singulariza as narrativas autobiográficas dos estudantes, e também as minhas, contribui (talvez) para construirmos uma docência mais aberta, mais plural, menos formatada ou condicionada a um modelo.

### **Cristian Poletti Mossi**

*Sobre o que tratou sua dissertação ou tese? Mencione pelo menos os 5 principais autores/autoras (ano) da sua pesquisa. Caso você tenha feito mestrado e doutorado, por favor, nos fale de ambas pesquisas.*

Na minha pesquisa de mestrado, intitulada POSSÍVEIS TERRITORIALIDADES E A PRODUÇÃO CRÍTICA DA ARTE: SUTURAS E SOBREJUSTAPOSIÇÕES ENTRE VESTES SEM CORPOS E CORPOS SEM VESTES, trabalhei especialmente com os conceitos de território (DELEUZE & GUATTARI, 1995) e produção crítica da arte (BASBAUM, 2003, 2007), a fim de discutir relações entre corpo (DELEUZE & GUATTARI, 1996) e processos de subjetivação (CANCLINI, 2007; VILLAÇA, 2007) na contemporaneidade. Para tanto, imagens de duas obras de arte foram disparadoras do pensamento em meio ao discurso teórico: uma instalação sem título (2005) da artista Claudia Casarino e uma performance intitulada vb45 (2001) da artista Vanessa Beecroft. Na minha tese de doutorado, intitulada UM CORPO-SEM-ÓRGÃOS, SOBREJUSTAPOSIÇÕES: QUEM A PESQUISA [EM

EDUCAÇÃO] PENSA QUE É?, busquei na prática do Corpus sem Órgãos - que em sua produção filosófica Deleuze e Guattari (1996) resgatam do dramaturgo Antonin Artaud (1947) - subsídios para propor (através de texto e imagens) outros modos de ler/escrever (CORAZZA, 2008) uma pesquisa em educação. Outros autores como Spinoza (2010), Barthes (2010) e até mesmo um filme de Martin Scorsese (2011), intitulado Ilha do Medo, foram importantes na construção teórico-metodológica da pesquisa.

*Em relação aos autores utilizados por você no estudo, diria que eles compõem uma base estruturalista ou pós-estruturalista de pensamento?*

*E o que faz com que você tenha esta compreensão?*

Entendo que são autores que transitam entre uma base estruturalista e pós-estruturalista, sem necessidade de se firmar em um lugar unívoco e identitário. Muitos deles, inclusive, como Deleuze & Guattari, fazem uso de recursos estruturalistas para produzir algo que lemos enquanto pós-estruturalista, em função de colocarem em suspensão noções tais como de sujeito (essencial), organismo (prévio) e de significado (intrínseco) - ação essa própria do que chamamos de pós-estruturalismo. Portanto, não vejo que ocupem um lugar em oposição a outro, mas sobrepõem e justapõem esses lugares a todo o tempo, nos convidando a fazer o mesmo.

*Qual foi a metodologia do estudo? Fale um pouco sobre ela.*



Na pesquisa de mestrado, desenvolvi um diário visual a partir do que as obras das artistas e as teorias com as quais eu estava operando me convidavam a pensar, sobretudo colocando em relação (de tensão e/ou diálogo) essas dimensões. Para isso trabalhei muito com a noção de diagrama proposta por Basbaum (2007). Na época eu chamava essa produção/ação de "suturas e sobrejustaposições". Na tese de doutorado, acabei selecionando apenas a palavra sobrejustaposições como metodologia do estudo. Trata-se de um neologismo/palavra-valise (DELEUZE, 2011) criado, portanto, ainda na dissertação de mestrado, contendo as expressões 'sobreposição', 'justaposição' e 'posição' e ele se destina a cunhar sensações e sentidos ao sobrepormos/justapormos/posicionarmos imagens/imagens, textos/imagens, textos/textos. A ideia era produzir uma pesquisa em que a própria escrita e a produção de imagens em paralelo fossem o 'campo', o 'laboratório'.

*Como eram os encontros de orientação quando você realizou sua pesquisa?*

Na época que iniciei o mestrado, a professora Marilda orientava em dois programas, o PPGART e o PPGE. Então, os encontros de orientação congregavam alunos desses dois programas e eram menos frequentes. Estávamos começando a estudar a obra de Deleuze e Guattari, que pelo que acompanho do que é realizado

atualmente pelo grupo, são referências constantes nos trabalhos. Estudávamos também referenciais da perspectiva da Cultura Visual e da Pesquisa Narrativa, bem como do Ensino da Arte. Havia encontros que um de nós era responsável por apresentar um seminário a partir dessas referências e vincular elas a outras materialidades, como vídeos, músicas, imagens, filmes. Estudávamos muito juntos. Como frequentei os encontros por muitos anos (de 2008 a 2013), acompanhei algumas transformações importantes na dinâmica dos EOCs ao longo do tempo, como por exemplo a solicitação para que todos lêssemos os trabalhos de todos e contribuíssemos no coletivo com as investigações. Aos poucos a parte dos estudos de referenciais, portanto, foi ficando destinada a outros espaços/momentos, já que a discussão dos trabalhos ocupava bastante tempo das reuniões.

*Como manter a singularidade da escrita em um grupo de orientação que é coletivo?*

Penso que cada um que participa do grupo faz trajetórias individuais na pesquisa e, portanto, vai construindo relações que não são as do grupo, mas as suas. O grupo é um momento de encontro importante, fundamental, mas não pode ser o único de construção de uma pesquisa/escrita. Essa trajetória individual é o que dará sustentação para que quem escreve produza argumentos para se posicionar, diante de si e dos outros, em relação ao que almeja com o seu estudo. O que quero dizer é que o grupo não

pode ser um lugar para homogeneizar o pensamento, mas para discutir ideias, e isso passa por nem sempre todos concordarem com tudo. Suportar os paradoxos e as dissonâncias também faz parte do que considero um coletivo saudável em termos de pesquisa. Porém, para que essa discussão de ideias seja possível, há um trabalho no 'avesso' do coletivo, que precisa ser mantido.

*Quando se produz junto a um coletivo, como não cair no comodismo de trilhar os mesmos caminhos que outros já experimentaram? Como deixar-se contagiar pelo outro, sem fazer das escolhas deles às nossas?*

Penso que de algum modo já respondi essa questão também no que coloquei como resposta à anterior. Os trabalhos que vieram antes precisam ser vistos como arsenais para a abertura e a continuidade de ideias. Suspender a 'verdade' dos trabalhos e entendê-los sempre localizados, contingentes, no tempo e no espaço, talvez seja uma forma de não cair na comodidade de repetir o que já foi dito. É importante estabelecer relações singulares com os textos, com os objetos de pesquisa, com as próprias palavras, com a escrita, com as metodologias. Não a singularidade de afirmar um "Eu", mas de compreender quais os pontos de contato, os arranjos que definem a necessidade de um trabalho em um determinado momento, quais as linhas que constituem aquele indivíduo que escreve naquele determinado agenciamento coletivo, sempre em mutação?

*Você usou imagens na sua pesquisa? Como se deu a relação das imagens com a pesquisa? Como elas foram selecionadas e que espaço ocuparam no trabalho?*

Em ambas as pesquisas eu utilizei imagens e elas foram fundamentais para as investigações que eu desenvolvi. Um exercício que sempre foi proposto pela Professora Marilda, sobretudo em função da sua ampla trajetória de estudos pela Perspectiva da Cultura Visual e que só veio a corroborar posteriormente com os estudos das Filosofias da Diferença, foi o de nos instigar a pensar a imagem como uma dimensão discursiva diversa da escrita, que não pode ser substituída ou explicada por essa última, mas que possui potencialidades que nos instigam a compor com ela, a partir dela, sem que ela ocupe um lugar secundário em relação ao texto (como anexo, ilustração, reforço de ideias, etc.). Esse exercício era solicitado inclusive quando preparávamos apresentações para congressos ou atividades de aula (os seminários de estudo que comentei anteriormente). Nesse sentido, a escrita do texto dissertativo ou tese e a seleção ou produção de imagens para compor o/a mesmo/a precisavam acontecer concomitantemente, deixando que uma dimensão afetasse a outra.

*Na sua opinião qual a principal contribuição do seu estudo para com o campo da arte e da educação? A pesquisa que você realizou respingou no*

*que você faz atualmente ou em estudos futuros? Conte-nos um pouco sobre isso.*

Penso que a maior contribuição está no modo de fazer pesquisa mesmo, aquém ou além da temática em si. Ou seja, poder entender a pesquisa como um ato de criação que convida a outras perspectivas para olhar um percurso teórico-metodológico. Às vezes sinto que especialmente minha tese continua ressoando de algum modo nas disciplinas que dou, nas pesquisas que me proponho a fazer, nos textos que escrevo. É como se ela tivesse deixando vários fios soltos que continuo amarrando e conectando a outras coisas, ainda que sejam outras perguntas que surjam hoje em dia e que, inclusive, me fazem até mesmo criticar em partes o que produzi na época. Mas acho que isso é que é bacana, perceber que nunca somos os mesmos, que vamos nos transformando e que se fôssemos produzir a mesma pesquisa hoje em dia, ela seria outra coisa. O próprio grupo seria outro, mesmo que formado pelas mesmas pessoas. Muito do modo de fazer pesquisa no coletivo, descentrando a figura do 'orientador' para olhar para o que pode um grupo, uma matilha, para abrir a escuta e qualificar a fala, aprendi nos EOCs. Tanto que hoje, orientando graduações e mestrados, dou continuidade a muitas das ações que me formaram naquela época.

**Vivien Kelling Cardonetti**

*Sobre o que tratou sua dissertação ou tese? Mencione pelo menos os 5 principais autores/autoras (ano) da sua pesquisa. Caso você tenha feito mestrado e doutorado, por favor, nos fale de ambas pesquisas.*

A tese teve a intenção de investigar como se deu, na experiência educativa, o encontro com três imagens fílmicas, e o que se produziu a partir/com desses/esses encontros. Em vista disso, o desafio da pesquisa foi pensar algumas relações entre as imagens fílmicas e a prática docente. Este tensionamento passou a ser propício para que fosse possível problematizar certas práticas docentes e se aventurar a ensaiar infinitas possibilidades de sermos diferentes do que somos. Principais autores: Gilles Deleuze, Gilles Deleuze e Félix Guattari, Péter Pelbart, Jorge Larrosa, Jorge Vasconcellos, Walter Kohan e Marilda Oliveira de Oliveira.

*Em relação aos autores utilizados por você no estudo, diria que eles compõem uma base estruturalista ou pós-estruturalista de pensamento?*

*E o que faz com que você tenha esta compreensão?*

Sim eles têm uma base pós-estruturalista. Esses autores encaram os discursos das linguagens como constituidores da realidade; abdicam e problematizam os pressupostos universalistas da racionalidade; desconstroem a ideia de que um elemento deve superar o outro e de que o novo é melhor do que antigo; abandonam a produção do discurso da consciência, da autonomia, da emancipação e dos significados transcendentais; colocam a

diferença em permanente discussão, a diferença pela diferença (diferença pura), sendo que a diferença relativa produz o discurso da inclusão, da tolerância e do respeito, posição esta revista pelos pós-estruturalistas; veem a arte como propulsora de criação e descentralização da verdade; e questionam o pensamento binário moderno antagônico (bem/mal, normal/anormal). (SILVA, 1993,1999; PETERS, 2000). SILVA, Tomaz Tadeu. Sociologia da educação e pedagogia crítica em tempos pós-moderno. In: \_\_\_\_\_. (Org.). Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos. Porto Alegre: ArtMed, 1993. SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. PETERS, Michael. Pós-estruturalismo e filosofia da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

*Qual foi a metodologia do estudo? Fale um pouco sobre ela*

Com a intenção de atender aos anseios da tese, optei por uma pesquisa autoetnográfica de cunho narrativo, presentificada na produção dos diários visuais e escritos. A principal autora convidada para o diálogo com a autoetnografia foi Daniela Gianna, Claudia Beccaccia Versiani. Autores do campo da antropologia e dos estudos literários utilizam a expressão autoetnografia há aproximadamente quatro décadas. Não é, portanto, um termo novo. O prefixo auto evidencia as singularidades de cada pesquisador, enquanto o radical etno situa esse mesmo sujeito em seu próprio grupo cultural e também no

contexto sociocultural dos indivíduos investigados. O abarcamento da experiência própria do pesquisador é o que caracteriza as investigações autoetnográficas e é o que as diferencia das pesquisas etnográficas. A autoetnografia desobriga de falar sobre ou pelos outros, exonerando-nos desse poder prepotente e ilusório. Passamos a falar com os outros, estabelecendo um compartilhamento de discursos e saberes, e facultando a incorporação da nossa própria cota de conhecimento, de experiências e de lembranças. A expressão da autoetnografia tem no prefixo auto sua relação com a noção de multiplicidade do sujeito que narra. A multiplicidade não é entendida como contínua permuta de máscaras para cada ocasião, e sim é vista como forma complexa e singular, como justaposições coextensivas de papéis. Por ser uma entidade vacilante, instável e implicada nos contextos em que se constituiu, apresenta-se em constante diálogo com todos os outros que narram (VERSIANI, 2005). Na perspectiva narrativa autoetnográfica não somente se recria a experiência, mas também se incorpora o olhar do outro. Neste cruzamento de olhares, granjeado através das ressonâncias propagadas e das problematizações suscitadas, é que a construção coletiva vai acontecendo durante o processo de investigação. É nesse tensionamento existente entre a produção de saber coletivo e a de saber particular que narrativas são partilhadas, sobrepostas e contaminadas, possibilitando que outras narrativas sejam engendradas.



VERSIANI, Daniela Gianna Claudia Beccaccia. Autoetnografias: conceitos alternativos em construção. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

*Como eram os encontros de orientação quando você realizou sua pesquisa?*

O grupo, sob a orientação da professora Marilda Oliveira de Oliveira, há alguns anos tem tentado criar outras possibilidades de vida no âmbito da educação menor, tem invencionado outras escritas no seu campo de atuação, tem investido em linhas de fuga e produzido pequenos sulcos e fendas na escrita acadêmica. Nos encontros de estudo, em que realizei meu doutorado (2012, 2013 e 2014), lemos e estudamos as obras de alguns autores como: Gilles Deleuze, Gilles Deleuze e Félix Guattari, Maurice Blanchot, Roland Barthes, Carlos Skliar, Jorge Larrosa e Sandra Corazza. Além de fazer a leitura e a discussão das obras desses autores, éramos convidados, a cada dois meses, durante todo o ano, a fazer a leitura dos projetos de pesquisa dos colegas e, também, a produzir uma escrita em forma de parecer contributivo que era lido e entregue no dia do encontro. Para cada encontro de orientação coletiva, todo o componente apresentava seu projeto e lia cerca de dois a quatro outros projetos. Esse cruzamento de leituras contribuiu para que pensássemos nas investigações dos outros, como também nas pesquisas pessoais, concorrendo para um profícuo jogo de intercâmbios. Ao ler a pesquisa do colega, era possível olhar para a própria investigação de forma deslocada, contribuindo para que

se repensasse algumas questões que estavam ainda naturalizadas em nossas pesquisas e escritas. Vale ressaltar que essa dinâmica era possível de ser realizada com qualidade devido ao número de componentes do grupo de orientação (cinco no total). Além dos encontros para a discussão das leituras de obras e dos projetos dos colegas, tínhamos também (no decorrer desse intervalo de dois meses) encontros individuais com a professora Marilda, com intuito de conversar sobre a escrita da nossa pesquisa. Dessa forma, quando o texto era enviado para os colegas do grupo, a escrita já havia passado por uma ou duas leituras da orientadora, com considerações e sugestões de melhoria.

*Como manter a singularidade da escrita em um grupo de orientação que é coletivo?*

Creio que é um grande desafio. Manter a singularidade em um grupo que lê as mesmas obras e autores, que frequenta os mesmos grupos de pesquisas, que participa dos mesmos eventos e que tem acesso às escritas dos colegas, exige que o pesquisador faça um exercício de isolamento para fazer outras leituras, para que possa escutar seus interesses, aquilo que lhe afeta e que faz seu coração bater mais forte. Por isso, creio que em determinados momentos da pesquisa, a solidão necessita se fazer presente.

*Quando se produz junto a um coletivo, como não cair no comodismo de trilhar os mesmos caminhos que outros já experimentaram? Como deixar-se contagiar pelo outro, sem fazer das escolhas deles às nossas?*

Quando se trabalha no coletivo é impossível não ser contagiado pelo outro e de se aproximar e investigar temáticas que o outro está pesquisando. O contágio pode ser propositivo quando conseguimos, nessa composição, singularizar, prática tão importante em uma pesquisa acadêmica. A noção de agenciamento (DELEUZE; PARNET, 1998) nos parece apropriada para trazer nessa discussão. Escóssia e Kastrup (2005, p. 303) colocam que "Agenciar é estar no meio, sobre a linha de encontro de dois mundos. Agenciar-se com alguém, com um animal, com uma coisa - uma máquina, por exemplo - não é substituí-lo, imitá-lo ou identificar-se com ele: é criar algo que não está nem em você nem no outro, mas entre os dois, neste espaço-tempo comum, impessoal e partilhável que todo agenciamento coletivo revela". Nesse sentido, o trabalho coletivo é propositivo em nossas pesquisas quando conseguimos explorá-lo como um plano de criação, como um espaço de abertura de inusitadas relações e possibilidades, quando ele nos impulsiona ao salto. E em relação ao salto, tem uma passagem de Machado e Almeida que vale a pena ser convidada para encerrar essa questão: "Uma gota vai se fazendo aos poucos, ela reúne mais água junto a si, ela se prepara para seguir adiante desacelerando seu curso. Só após ter reunido junto a si certa condição, a gota se entrega ao salto" (2016, p. 75).

ESCÓSSIA, L.; KASTRUP, V. O coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. *Psicol. Estud.*, v.10, n.2, p.295-304, 2005.

MACHADO, L. D.; ALMEIDA, L. P. de. Notas sobre escrever [n]uma vida. RIBETTO, A.; CALLAI, C. (Org.). *Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. p. 75-85.

*Você usou imagens na sua pesquisa? Como se deu a relação das imagens com a pesquisa? Como elas foram selecionadas e que espaço ocuparam no trabalho?*

As imagens utilizadas na tese, muitas delas oriundas do diário pessoal e dos diários dos acadêmicos envolvidos na investigação, tiveram a intenção de incitar o pensamento e gerar conhecimento. Na maioria das vezes, elas foram disparadoras para que eu pensasse e operasse com os conceitos desenvolvidos na pesquisa, reverberando singulares problematizações. Nesse sentido, a presença das imagens 'entre' os textos facultou o tensionamento que necessitei para me instigar a pensar aquilo que não era auspiciado, brindando-me com a possibilidade de ensaiar diferentes posições e de produzir outras narrativas na pesquisa. A imagem, quando não tem o propósito de representar a narrativa textual, possibilita a ampliação de significados, sinalizando outros elementos que talvez fossem imperceptíveis se tivessem sido apresentados de outra maneira. Em vez de servir de ilustração do

texto, as imagens podem nos desafiar a estabelecer outras pontes e inúmeros liames. Apesar de ter essa preocupação no decorrer da produção do projeto de tese, foi sinalizado por um dos componentes da banca de qualificação que ainda havia a presença de algumas imagens ilustrativas no trabalho. Isso me fez pensar que, apesar de todas as imagens terem sido disparadoras do meu pensar na pesquisa, não necessariamente elas necessitam estar na versão impressa. Foi um grande desafio desapegar das imagens que foram produzindo a pesquisa e que foram me constituindo no decorrer da investigação, entretanto, na versão final da tese mais da metade das imagens haviam sido suprimidas e outras poucas foram acrescentadas. Reconheço que ainda hoje a presença da imagem junto da escrita é uma questão delicada para mim, pois é muito fácil recair no uso representativo e ilustrativo da imagem ou oferecer um texto com uma conotação explicativa das imagens utilizadas. Como reforça Hernández (2013, p. 88), o desafio se encontra em “relacionar as imagens e a narrativa do texto para um lugar além do comentário ou da ilustração”. Busca-se, dessa forma, um diálogo entre imagem e texto, pois a imagem passa a ter um papel de tensor.

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO; Irene (Orgs.). Processos e Práticas de Pesquisa em

Cultura Visual e Educação. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013. pp. 77-95.

*Na sua opinião qual a principal contribuição do seu estudo para com o campo da arte e da educação? A pesquisa que você realizou respingou no que você faz atualmente ou em estudos futuros? Conte-nos um pouco sobre isso.*

Não consigo eleger uma contribuição principal, mas um conjunto de singelas contribuições, dentre elas: -Pesquisa e a continuidade de uma experimentação que a professora Marilda Oliveira de Oliveira já vinha realizando há alguns anos, ou seja, a problematização de imagens fílmicas nas aulas da Graduação e na Pós-Graduação em Educação, nas quais os filmes elegidos para trabalhar se distanciavam das experiências escolares, trazendo outros signos para a discussão, com intuito de acionar o pensar e a fazer outras relações com a docência; -A problematização do conceito Intersessão Fílmica para o campo da educação e da arte; - A publicação de artigos que tratam da imagem fílmica/docência e imagem fílmica/infância em periódicos e capítulos de livros; -Com a pesquisa da tese, foi possível compartilhar com os colegas de orientação determinadas temáticas, autores e conceitos, tais como: Temáticas: imagem fílmica e infância; Conceitos: intercessor; imagem-movimento; imagem-tempo, devir-criança; Autores: Péter Pelbart, Walter Kohan, César Donizetti Pereira Leite A pesquisa da tese continua ressoando, pois tenho sido convidada a

falar sobre essa temática em encontros e cursos junto aos professores do município e do estado, promovidos pelos projetos de extensão da UFSM.

### **Ana Claudia Barin**

*Sobre o que tratou sua dissertação ou tese? Mencione pelo menos os 5 principais autores/autoras (ano) da sua pesquisa. Caso você tenha feito mestrado e doutorado, por favor, nos fale de ambas pesquisas.*

A dissertação de mestrado defendida em 2015, com o título “Afetos de um mundo secreto: fabulações de uma formação docente”, tratou sobre a revisita aos diários de aula produzidos no momento de estágio supervisionado do curso de licenciatura em Artes Visuais. Além da materialidade dos diários (apresentados como fotografias), somou-se como materialidade da dissertação a animação *Coraline e o mundo secreto* (2009) e a literatura *Coraline* (2003), de Neil Gaiman. A escrita foi construída ao pensar os dilemas de formação docente, juntamente com a animação e o cotidiano vivido por Coraline no filme, e como essas adversidades se entre cruzavam. Os principais autores utilizados na dissertação foram: Gilles Deleuze, Félix Guattari, Henri Bergson, Davina Marques, Neil Gaiman, Ronald Bogue e Miguel A. Zabalza.

A tese de doutorado defendida em 2019, com o título “Invento-me: potências do devir-criança - uma educação pela fabulação”,

produziu-se a partir de produções artísticas e intervenções que resultaram na materialidade da tese. A partir da experimentação com garrafinhas, foram espalhados por alguns prédios da UFSM questionamentos que pudessem instigar a revisita a infância(s) de quem as encontrassem. Além disso, a materialidade que foi atravessada para a produção da escrita perpassou pela literatura do autor Lewis Carroll (e aproximadamente 50 versões diferentes de Alice no País das Maravilhas e Alice através do Espelho). A partir dessas experimentações, a tese reverberou nas seguintes exposições:

- - Projeto instiga a participação a partir de garrafas com fragmentos textuais (Reportagem)
- LINK: <http://site.ufsm.br/noticias/exibir/projeto-instiga-participacao-partir-de-garrafas-co>
- - Garrafinhas com fragmentos textuais são espalhadas pela Universidade (Reportagem)
- LINK: <http://site.ufsm.br/noticias/exibir/garrafinhas-com-fragmentos-textuais-sao-espalhadas>
- - LEIA-ME: fragmentos engarrafados de um devir-criança (Exposição Individual)
- - Experimentações fotográficas de uma produção de tese (Exposição Individual)
- - All in the golden afternoon: Clube de fãs de Alice no País das Maravilhas (Arte-Postal Internacional) – <https://that->



golden-afternoon.blogspot.com/2018/10/ana-claudiabarin-brasil.html

- - Imagens de um devir-criança (Exposição Individual)
- - Contos Malucos de Alice: Jogo Coletivo para Inventar Histórias (Oficina)
- - Duplica-me: Estilhaços imagéticos através do Espelho (Exposição Individual)

Os principais autores utilizados na dissertação foram: Gilles Deleuze, Félix Guattari, Ronald Bogue, Silvio Gallo, Walter Omar Kohan, César Leite e Lewis Carroll.

*Em relação aos autores utilizados por você no estudo, diria que eles compõem uma base estruturalista ou pós-estruturalista de pensamento?*

*E o que faz com que você tenha esta compreensão?*

Os autores utilizados nas pesquisas tem como mote o pós-estruturalismo.

*Qual foi a metodologia do estudo? Fale um pouco sobre ela.*

A metodologia da dissertação de mestrado foi centrada em uma experimentação com a fabulação, ainda não nomeada como método, mas como vivência atravessada com as leituras e materialidades, como os diários de formação docente e a animação Coraline.

No doutorado, este conceito (trabalhado por Bogue) ganhou nuances de metodologia, assim perpassando pela produção de pesquisa, escrita e artística da tese. Segue fragmentos da tese referente a metodologia, onde é explicada de maneira mais sintética.

“Ao operar com a fabulação: surge uma metodologia...

Os conceitos foram operados junto com as materialidades acolhidas na pesquisa, entrelaçando-se com a fabulação, os livros e as imagens produzidas para as exposições. A literatura de Lewis Carroll veio a engrenar com a memória e o devir-criança, percepções de um tempo não linear, que coexiste e é múltiplo, que se mistura com as linhas de um país das maravilhas, de possíveis fragmentos de uma história com personagens peculiares que aparecem e desaparecem em flashes inusitados, começam conversas e, mesmo antes dessas findarem-se no conto, outras ramificações já surgiram para produzir malucas narrativas insólitas.

Estive atenta ao que se enlaça aos movimentos de virar as páginas de cada versão da história de Alice, e não somente dela, mas a história inventada por Biancas, Lorenzos, Gabrielas, Isadoras... Operar a partir desses conceitos me fizeram deslocar alguns entendimentos sobre a infância e da própria criança. Que infância foi essa que rastreei ao esmiuçar os livros e produzir as fotografias? Que cenários são esses, de uma infância que é carregada de lembranças pessoais, mas que também pode ser atualizada pelos

espectadores que se aproximam de cada figura? Quando me propus à criação dessas materialidades, pensava em uma infância fabuladora, como elucida Deleuze (2013), estar em delito de fabular, onde dois ou mais se juntam, para assim formar uma expressão de minoria.

Fazer do encontro com as materialidades, esse delito, essa ação fabuladora. Desta forma, a fabulação perpassou por toda a escrita da tese, em alguns momentos mais visível, em outros mais nas fronteiras do que foi produzido, fabricado a partir dela. Mas de forma geral, a fabulação consolidou-se como metodologia, pois esteve presente no fazer, inventar e apresentar este percurso de tese.

A fabulação, que já vinha sendo explorada na dissertação de mestrado, mas de maneira tímida, ganha mais espaço neste percurso de doutorado. Pensada pelo campo da arte, como a literatura e o cinema, por Deleuze e Guattari, não foi tratada como conceito por estes autores justamente pelos conceitos estarem ligados ao campo filosófico. Segundo Bogue (2011), a fabulação pode ser dividida em cinco componentes: devir-outro, experimentação do real, 'mito', invenção de um povo por vir e desterritorialização da linguagem. A noção de devir-outro é explorado nos livros *Mil Platôs* vol. 1 (2011) e vol. 4 (2012), nos quais Deleuze e Guattari o ramificam como devir-mulher, devir-animal, devir-imperceptível, devir-criança etc.

Todos esses devires são de natureza política, rebatendo relações de poder como das categorias de homem, branco, europeu, adulto e humano em relação ao feminino, ao não-branco, ao não europeu, à criança e ao animal. O devir-outro, segundo Bogue (2011, p. 21), “envolve uma passagem entre categorias, entre formas de existência e entre corpos distintos, de modo que elementos estáveis sejam colocados em desequilíbrio metamórfico”.

Assim, explorar a fabulação enquanto método, possibilitou pensar nessas ramificações de devires, nessa mobilidade social/política/cultural.

Quando Bogue (2011) caracteriza a fabulação como experimentação do real, centra seus estudos em ambientes sociais, institucionais, políticos, naturais e materiais. Defende o processo como máquina dentro da máquina social, e este funciona de maneiras diferentes em cada contexto inserido. Escritores em fabulação constroem “máquinas dentro de máquinas que têm existência real em um mundo material que é inseparavelmente cultural, semiótico, biológico e físico em seu funcionamento” (BOGUE, 2011, p. 23). Ainda, a experimentação do real envolve um confronto entre o passado e o presente, pensando que o mundo vive o que foi moldado pela história, e como os acontecimentos passados configuram o presente.

O autor divide em três possíveis este trabalho com a história: diagnóstica, primeiramente, a crítica de forças, acontecimentos,

memórias e documentos que estruturam o presente; segundo, uma articulação com acontecimentos esquecidos, o não-dito ou aquilo que possa ter sido apagado; e terceiro, uma reconfiguração do passado que dispara transformações em potencial no presente.

Bogue segue elucidando as características da fabulação associando o mito e um povo por vir a partir da máquina de fabricar gigantes e o povo que falta.

Na dimensão do mito, o exercício de produzir personagens em fabulação assume identidades individuais e coletivas que são inseparáveis. Já o povo por vir trata daquele povo que fica à margem do que preexiste, que movimenta-se e produz-se para aludir uma coletividade potencial no âmbito sociopolítico. Não representam incompletude e sim um povo marginalizado que necessita da invenção para sobreviver, deslocando-se em uma sociedade de poder majoritário. Traduzem um não-modelo diferenciado de interação social, coletivamente constroem identidades que não podem ser previstas (BOGUE, 2011).

A quinta e última característica que Bogue apresenta sobre a fabulação é a desterritorialização da língua, que seria a extensão do conceito de fabulação. A desterritorialização seria a invenção de gaguejos e balbucios dentro de uma língua que muitas vezes se apresenta como maior, majoritária, como já citado. “Gaguejar é apenas outra forma de se referir à desterritorialização da língua em uma literatura menor” (BOGUE, 2011, p. 20). Tropeços sonoros não

estão fora da linguagem, mas são o seu fora, e que só a linguagem torna possível (DELEUZE, 2011).

Assim, foi se configurando a fabulação, como experimentação para Deleuze e Guattari, como conceito para Ronald Bogue e como metodologia para mim nesta pesquisa de doutorado.

Tratando-se de um trabalho que mergulha no campo da educação e da arte, pensei nesta arte que não é história. “Arte não se faz com memória, mas com fabulação, com devires, do presente, imanentes, acontecimentais, now-here” (ASPIS, 2011, p. 69).

Foi assim que me produzi em meio a fabulação, cometendo ‘delitos’ (DELEUZE, 2013), esbarrando em acontecimentos, atijando modos em educação, fabricando arte, atualizando-me em tempos inventivos. O desejo de movimentação segue, mesmo ao finalizar esta escrita. Segue ao experimentar Fragmentos de memória, capítulo também pertencente a esta tese.

Procurei trabalhar com as palavras, excluir significados já dados, remexer letras, cambaleiar nas pronúncias, só para divertir-me. Neste momento de abandono de uma pesquisa que segue na vida, misturei um caldeirão de letras, frases, contos, poemas, imagens e cantigas que me fizeram borbulhar por uma educação pela fabulação, em que pude experimentar anti-narrativas de tempos passados, temperados de futuros, de desconhecidos, de descobertas. Ansiei desmontar o ‘Era uma vez’ de contos, de histórias para construir diferentes retalhos de invenção. Recortar, colar, remontar finais, reconstruir os meios, afetar os inícios das

histórias para possibilitar a abertura de ‘eram muitas vezes’, infinitas, contínuas, sempre moventes. (BARIN, p. 25 – 29, 2019).”

*Como eram os encontros de orientação quando você realizou sua pesquisa?*

Quando ingressei no mestrado, em 2013, os encontros eram quinzenais e cada integrante do grupo escolhia um livro (ou capítulo de livro e/ou artigo) para apresentar e nortear um diálogo com os colegas. Esses textos normalmente eram escolhidos a partir de autores de interesse do responsável pela apresentação do encontro.

Com o ingresso no doutorado (2015), passamos com encontros mais espaçados, dependendo da necessidade do grupo e do número de orientandos. Foi assim que surgiu os encontros de partilha, onde todos liam as pesquisas do grupo e construíam um parecer contributivo com a pesquisa que estava sendo estudada em determinado encontro. Durante meus seis anos no grupo de orientação, vivenciei encontros tanto mensais, quinzenais e semanais, em diferentes formatos, como apresentação de pesquisas, dinâmicas, parecer em descrição e parecer página a página.

*Como manter a singularidade da escrita em um grupo de orientação que é coletivo?*

Acredito que muitas vezes as pesquisas faziam encontro, acabavam se batendo no limite das fronteiras e talvez nesses momentos nos mantemos mais atentos. No meu caso, a singularidade veio de algo que eu trazia desde a época da graduação e pesquisa com meus diários visuais (questões sobre o fantástico, contos de fadas, produção de arte, invenções e fabulação).

*Quando se produz junto a um coletivo, como não cair no comodismo de trilhar os mesmos caminhos que outros já experimentaram? Como deixar se contagiar pelo outro, sem fazer das escolhas deles às nossas?*

Penso que manter-se atento foi o que ajudava a escapar desses comodismos, que muitas vezes aconteceram e muitas vezes me obrigaram a buscar além das referências dadas no grupo. Mas confesso que a forma como as orientações eram apresentadas sempre me ajudaram muito, principalmente no momento de estudo de novos conceitos ou conceitos complexos demais para serem estudados 'solitariamente'. Para mim, a maneira que o grupo de orientações coletivas trabalhava e produzia sempre foi de suma importância para minhas pesquisas.

*Você usou imagens na sua pesquisa? Como se deu a relação das imagens com a pesquisa? Como elas foram selecionadas e que espaço ocuparam no trabalho?*



As imagens sempre entraram com o mesmo peso do texto em minhas pesquisas, no mestrado e no doutorado. Na dissertação apresentaram-se com fotografias desconstruídas dos meus diários visuais, que puderam se configurar outros, com outras formas e em outras evidências, após a revisita no processo de dois anos. Além dos antigos diários, as páginas da dissertação contavam com frames da animação *Coraline* (em preto e branco), sempre com diálogos do autor Neil Gaiman e outros invencionados por mim a partir de percepções ao experimentar esta narrativa fílmica diversas e diversas vezes. Assim, construiu-se relações de imagens e escrita que transbordavam as linhas do livro de Gaiman e do produção do filme de Selick. A dissertação foi concluída com imagens de um novo diário, que foi produzido em meio ao esquecimento (e perda) dos antigos diários visuais.

Na tese, as imagens foram construídas a partir da experimentação e intervenção na UFSM, que resultou nas exposições a partir de fotografias e instalações com objetos arte.

Segue trecho da tese com fragmentos sobre a materialidade:

“Sobre as materialidades da pesquisa

As materialidades da pesquisa consistiram nos livros de literatura escolhidos para traçarem conexões com o conceito de devir-criança: as 49 versões da história de Lewis Carroll (advindas de *Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do Espelho*), tanto versões nacionais, internacionais, versões completas, reduzidas como versões infantis; as garrafinhas que foram produzidas para

serem fotografadas e manipuladas; a intervenção realizada no ano de 2017 no campus da UFSM e as exposições realizadas a partir deste trabalho.

Para o ensaio desta intervenção, que foi construída no mês de maio de 2017, foram distribuídas 60 garrafinhas no campus da UFSM, nos prédios: 07 – Centro de Tecnologia, 16 – Centro de Educação, 40 – Centro de Artes e Letras e 74 – Centro de Ciências Sociais e Humanas. A escolha por estes espaços se deu a partir da seguinte sistemática: dois ambientes nos quais eu tinha acesso rotineiro e seus corredores me eram muito familiares, e dois prédios totalmente estranhos que frequentei pela primeira vez para realizar esta intervenção.

Ao andar por estes lugares, pude perceber o quanto o olhar fica naturalizado ao ponto de atentar aos detalhes de espaços mais frequentados. Foram lançadas 30 garrafinhas na semana de 08 a 12 de maio e 30 na semana de 15 a 19 de maio de 2017.

Já para apresentar o trabalho de produção visual, feito a partir dessa intervenção no campus, foram realizadas quatro exposições individuais, uma exposição coletiva internacional de fluxo contínuo, uma oficina sobre contos, apresentação de trabalhos, algumas reportagens e diversas falas e palestras sobre o processo de criação da tese. Além disso, em cada espaço expositivo coloquei à disposição do público um bloco de recados, no qual quem se sentisse à vontade para contar um pouco de sua experiência com meu trabalho estético pudesse escrever” (BARIN, p. 21 e 22, 2019).

*Na sua opinião qual a principal contribuição do seu estudo para com o campo da arte e da educação? A pesquisa que você realizou respingou no que você faz atualmente ou em estudos futuros? Conte-nos um pouco sobre isso.*

Acredito que tanto na pesquisa de mestrado quanto de doutorado tentei explorar o processo de como o docente se forma, como acontece essa formação, e como este docente nasce e se constitui no campo da educação.

Hoje trabalho diretamente com o que me propus investigar, principalmente em minha tese de doutorado. Atualmente atuo como professora dos anos iniciais da escola Marista de Santa Maria, onde trabalho com turmas de crianças com idades entre 05 e 10 anos. Também tenho produzido projetos para trabalhos com oficinas e ateliês de experimentação com crianças de 03 e 04 anos (ainda não alfabetizadas). Pensar a infância, apesar da minha tese não centrar-se na educação infantil (somente), é muito mais efetivo quando você transita por espaços que te forcem observar o que, no momento de produção de tese, foi invencionado com encontros mais pontuais, ou encontros programados com início - meio e fim. Com a atuação docente diária diante das crianças, a percepção atenta de conceitos como o devir-criança, o menor, fabulação entre outros tratados na escrita ficam mais evidentes, fazendo invencionar outros questionamentos, que se hoje, tivesse em processo de escrita de tese, construiria de maneira totalmente diferente.

### Claudia Aparecida dos Santos

A afirmação da pesquisa enquanto um experimento no próprio pesquisar, penso que é disto que tratou a tese intitulada DESVIO-ESCRITA-PENSAMENTO PARA TRAÇAR POSSÍVEIS NA EDUCAÇÃO E NA PESQUISA. Ao desviar por 'entre' os espaços da educação, da arte e da filosofia, compôs um traçado errático e um pouco mais livre. Uma vez que, as posições assumidas ao longo do estudo engendraram formas de organização provisória que suscitaram tentativas de fazer fugir à linearidade e naturalização do pensamento que o concebeu, conferindo à escrita um caráter de (re)existência frente aos modelos que a assediam. Junto aos autores Nietzsche, Deleuze, Guattari, Deligny, Foucault, buscou tramar relações entre produção de pensamento, educação, arte e vida. A aproximação com o campo da filosofia, sobretudo com autores citados, alocou a pesquisa em um quadro teórico pós-estruturalista, cujos ideais mobilizadores, tanto no campo prático quanto discursivo, dividem-se em uma multiplicidade de sujeitos e categorias, não podendo ser enquadrados. Seu ponto fulcral está na recusa às totalizações e na luta por modos de vida mais livres. Neste caso, por escritas mais livres.

A metodologia empregada na tese foi um grande desafio, uma vez que por seu descentramento, ou seu coeficiente de desterritorialização dos modos já consagrados de pesquisar, era difícil visualizar de maneira clara embora já estivesse lá, operando no texto, nos modos como ele era criado e organizado, mas ainda

sem um nome, e foi preciso criar um – ‘desvio-escrita-pensamento’: O processo de criação de uma metodologia junto à pesquisa não me é exclusivo, sendo bastante comum no grupo de orientação da professora Marilda. Esse processo de criação enleado à pesquisa educacional já é uma realidade nesse grupo, havendo, portanto, um caminho percorrido nesse sentido. Não como uma exigência, mas como uma liberdade, isso acontece porque, muitas vezes, não avistamos metodologias que comportem o que gostaríamos de falar e/ou fazer. Assim, a criação de uma metodologia é como um achado de algo que não está em outra parte a não ser na própria pesquisa. Assim o desvio-escrita-pensamento, insurge enquanto metodologia na pesquisa, uma vez que suscita/consente forjar este traçado errático e um pouco mais livre à pesquisa educacional, e isso por entender que a pesquisa acontece não apenas pelo que podemos falar/escrever a partir do que lemos, ou compreendemos, mas também e principalmente pelo que podemos criar em seus meandros.

Os encontros de orientação, os que pude participar do ano de 2016 ao ano de 2019, foram de grande validade em meu processo. Aconteciam em tom harmonioso, mas também de seriedade, em que discutíamos os textos dos colegas, um a um. Nesse período em que estive com o grupo, os encontros foram reformulados algumas vezes, na tentativa de dar-lhes maior dinamicidade. Inicialmente fazíamos pareceres de modo mais extensivo, a partir de nossas impressões, sugestões de leituras e

alguns apontamentos que julgássemos necessários. Após, optamos que esta aproximação com o texto se desse de forma mais pontual, com sugestões, apontamentos e correções na integralidade do texto. Não havia uma ordem para falar, ou uma regra sobre qual aspecto nos deteríamos, este momento coletivo se fazia potente justamente por estas aberturas que suscitava. O que em parte também nos lançava outro desafio, como manter a singularidade da escrita em um grupo de orientação coletiva. Já que nossos textos eram lidos e discutidos coletivamente, esta era uma questão latente. Contudo, penso que se tratava de ouvir.

Ouvir o que nos era imprescindível enquanto modos de existência. E em meio ao som ruidoso de um coletivo deixar as palavras entoarem na força que elas se apresentavam para nós. Também era preciso reconhecer a própria voz. Não tenho ilusão que esta voz fosse límpida, e que vociferasse sobre autoria, mas sim que ela tivesse um timbre distinto dos demais. E isto é bastante difícil, quando se produz junto a um coletivo, o problema maior talvez seja a admiração, admiramos, nos aproximamos, queremos estar juntos, pensar juntos. E justamente por isso era preciso estar atenta, para não se confundir completamente os 'vestígios vasculhados, com as vozes dos outros'.

De todo modo, ainda é necessário criar novos problemas, em pesquisas e na educação, que exijam de nós outras saídas, diferentes daquelas já traçadas. Desafiar-se ao novo e acreditar em

si, mas não a ponto de blindar-se dos contágios e trocas que são necessárias e desejáveis no trabalho em meio a um grupo. Afinal, há vezes que é preciso ceder, outras que é preciso negociar, e ainda, há vezes em que é preciso dizer não como um grande sim a si mesmo. Além de textos a pesquisa foi composta também por imagens. Produções artísticas, pinturas, fragmentos, garatujas, acasos que produzi e/ou capturei, experimentações visuais e táteis que brotaram de um pensamento. As imagens atuaram na pesquisa como formas de esquivas, os desvios que ela propôs, ao lançar o texto para a imagem, a imagem para o texto, um e outro para fora do texto... partes inseparáveis na pesquisa, muito embora mantenham sua singularidade, são potências que chamam o pensamento a desviar-se da sua obviedade, posto que as formas visuais que adentraram a pesquisa aludem unicamente ao ‘desmoronamento das coordenadas visuais’ que as imagens agenciaram (DELEUZE, 2016).

Neste sentido foram selecionadas pelo que convidaram a pensar, sem preencher e explicar coisa alguma ou ilustrar o que se diz ou pensa no texto, ao contrário, compuseram brechas, fagulhas de pensamento onde as palavras não alcançavam. Tanto com as imagens quanto com as escritas da tese se insinuou um meio de estar à espreita na educação, na arte e na vida, em que fluxos foram disparados.

Pensar a contribuição da pesquisa para o campo da educacional talvez passe muito tenuemente ao ponto em que ela

poderia ser criticada por muitos. Explico assim de modo paradoxal, uma pesquisa que não se destina a responder às grandes problemáticas elencadas pela e para a educação permite fazer nascer aquilo que ainda não existe, e este é um ponto importante a meu ver. Fazer nascer o que ainda não existe. Como professora/discente/pesquisadora percebo assim sua dimensão ética, e me sinto fortalecida ao afirmar com a pesquisa a possibilidade de uma educação que não se limita a uma função instrumental e utilitarista, uma educação que não se presta, portanto, a ser lugar de treinamento de habilidades, mas que engendra alegria e altivez nos processos formativos em meio à vida.

### **Cristine Schüssler de Vasconcellos.**

Minha dissertação, intitulada 'Entre' multiplicidades de um coletivo: sobre a produção de diários da prática pedagógica' tratou de problematizar os conceitos de multiplicidade e agenciamentos coletivos, pensados por Deleuze e Guattari (2011, 2012) operados em um pensar 'com' as produções desenvolvidas junto aos estudantes dos Estágios Supervisionados III e IV do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFSM.

Tais produções compuseram a materialidade da pesquisa na relação com os Diários da Prática Pedagógica, também materialidade da pesquisa, e no que as interlocuções e



contribuições dessa relação produziram de sentidos para pensar a produção docente e a pesquisa em educação e artes. As imagens utilizadas nessa dissertação são imagens dos Diários da Prática Pedagógica/ Diários Visuais dos estudantes dos estágios III e IV do segundo semestre de 2017 e primeiro semestre de 2018 do curso de Licenciatura em Artes Visuais, e também imagens de meu diário.

Esses diários foram produzidos no decorrer do processo de produção dessa dissertação. Foram consideradas para compor o corpo do texto imagens de três diários de três professores em formação, selecionadas pelos atravessamentos e afetos que potencializaram e movimentaram minha escrita, ocupando assim um espaço importante na pesquisa, compondo com a escrita. Por se tratarem de imagens dos diários dos estudantes, procurei preservar ao máximo sua autenticidade sendo pouco manipuladas digitalmente por mim. A intenção em manipulá-las foi apenas de salientar a cor e valorizá-las expondo-as, em sua maioria, em tamanho de página inteira.

Escolher que imagens seriam postas em meio as páginas dessa dissertação foi uma questão de captura, diria de dupla captura. São visualidades, foram afetos a disparar o pensamento.

As palavras-chave dessa pesquisa foram: Agenciamentos coletivos; Signos; Multiplicidade; Docência em Artes Visuais e Diários da Prática Pedagógica. Essas palavras-chave foram elegidas considerando os conceitos principais operados na

pesquisa, a materialidade, e ao campo de conhecimento a que pertence.

A problemática que envolveu a pesquisa foi: Como os agenciamentos coletivos, os signos e as multiplicidades de um 'bando' podem atravessar os diários da prática pedagógica e compor com a produção docente e a pesquisa em educação e artes? Essa problemática foi pensada por tratar do que atravessava a pesquisa, os conceitos principais, possibilidades para problematizações e produções a compor com a educação e as artes.

Os principais autores que compuseram essa pesquisa foram: Gilles Deleuze (2010), Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011, 2012), Gilles Deleuze e Félix Guattari, Marilda Oliveira de Oliveira (2011, 2011<sup>a</sup>, 2013, 2014, 2018), Daniela B. Versiani (2005), James Williams (2013).

Elenquei esses cinco autores /referências como os cinco principais autores que nortearam a pesquisa, considerando: os principais conceitos operados na pesquisa (Deleuze, 2010/ Deleuze e Guattari 2011/ 2012), dando maior fundamentação para a produção e escrita da mesma.

Sendo assim, o conceito de multiplicidade Deleuze e Guattari (2011,2012), foi operado no sentido de trazer para a pesquisa as singularidades desse percurso, os afetos, os acontecimentos que compõe a multiplicidade de um 'bando', do grupo dos estágios III e IV e que intensidades provocaram e dispararam o pensamento produzindo movimento,

agenciamentos, encontros. Os agenciamentos coletivos Deleuze e Guattari (2011), foram operados na escrita da dissertação ao trazer as relações/conexões produzidas em meu pensamento a partir dos signos que me afetaram, das produções junto ao grupo, dos Diários da Prática Pedagógica.

O conceito de signo Deleuze (2010), foi operado ao trazer as experiências, os afetos que deslocaram, violentaram meu pensamento produzindo sentidos para pensar a escrita da pesquisa e a produção docente junto ao coletivo.

Marilda Oliveira de Oliveira (2011, 2011<sup>a</sup>, 2013, 2014, 2018) é também uma das cinco principais referências, pois os Diários da Prática Pedagógica receberam essa denominação pela autora em questão, e estes compõem a materialidade da pesquisa. Os Diários da Prática Pedagógica, são diários compostos por agenciamentos coletivos, partilhas, problematizações, imagens, conceitos, sensações, são registros textuais e visuais do processo do estágio, do processo de produção docente em movimento. Oliveira (2011, 2011<sup>a</sup>, 2013, 2014, 2018) é também uma das principais referências por abarcar a docência em Artes Visuais.

Daniela B. Versiani (2005) foi a referência utilizada para tratar da proposta metodológica, a autoetnografia. Por se tratar de 'um modo de ver-se a partir de um coletivo', a autoetnografia possibilitou acolher processos em travessia, repletos de potencialidades, singularidades e multiplicidades que compõem

um grupo e que possibilitaram pensar a produção docente e a pesquisa em educação e artes. Sendo assim, considere também uma das principais referências.

A autoetnografia esteve presente na pesquisa na forma como me compus no espaço do grupo dos estágios, nos entrelaçamentos e deslocamentos provocados pelos agenciamentos coletivos que imbricaram uma relação de interação nesse espaço, participando das atividades que ali aconteciam e produzindo a escrita dessa pesquisa.

Considere também importante a referência Williams, 2013, que de modo particular contribuiu para que eu pudesse ter uma melhor aproximação com a perspectiva pós-estruturalista e com as filosofias da diferença do qual os autores dos conceitos operados compartilham. Nesse sentido, penso que os autores utilizados nessa dissertação compartilham sim de uma base pós-estruturalista, pois, acredito que as referências utilizadas possibilitaram que os conceitos e proposta metodológica fossem operados no sentido de movimentar o pensamento para outros possíveis, forçando-o a desacomodar-se. Desobrigando a quem escreve a seguir modelos pré-estabelecidos.

Produzir uma dissertação operando conceitos advindos de uma base pós-estruturalista, das filosofias da diferença, não foi para mim um movimento fácil ou de rápida aproximação. Compreender que estudar, no caso mais especificamente, Deleuze

e Guattari, requer não apenas ler, mas reler, pensar, pensar novamente e novamente, levou um certo tempo. As aproximações com as leituras não acontecem de primeiro momento, até mesmo porque penso que o que se prima estudando as filosofias da diferença é estar constantemente com o pensamento em movimento. Não há nessas leituras respostas prontas, ou prontas a serem aplicadas na sua escrita. Estas não irão lhe dar ‘uma fórmula’, modelo, ou lhe dizer que resultados você poderá ou deverá obter em sua pesquisa. Encontre você mesmo! Pense, mas pense possibilidades, possíveis, não verdades. Coloque-se em pesquisa, ela é sua, mesmo que seja feita de processos coletivos, de partilhas oriundas de muitos lugares.

Nesse sentido, entendo como de grande contribuição e importância os encontros de orientação coletiva realizados no Laboratório de Artes Visuais junto a professora orientadora Marilda Oliveira de Oliveira.

Esses encontros foram feitos com a participação de orientandos de mestrado e doutorado orientados pela professora Marilda, onde fazíamos a cada encontro a leitura das pesquisas em processo de um ou dois orientandos. As leituras eram feitas por cada um antes dos encontros para posteriormente serem partilhadas considerações, questões que nos pareciam pertinentes, contribuições que pudessem fazer pensar outras possibilidades para as pesquisas lidas, olhares outros para com a escrita, os conceitos operados, as imagens que dialogam com o texto.

Ler as pesquisas dos colegas, para mim, não serviu apenas para que eu pensasse formas de talvez contribuir em algo para as pesquisas deles, mas também contribuiu para que eu experimentasse outros conceitos, outras formas de pensar nossas leituras na relação com a escrita, mesmo que nesses momentos não ocorresse de forma aprofundada. Ler essas pesquisas provoca contágios, contágios esses que por vezes atravessaram minha pesquisa.

A cada leitura da minha pesquisa, em processo, feita pelo grupo, as considerações eram diversas, diferentes de colega para colega. Nesses momentos podemos escolher, selecionar, elencar o que nos parece pertinente considerando que a pesquisa de cada um carrega uma singularidade. Mesmo que nos contagiemos, que por vezes possamos acabar por fazer algumas coisas semelhante as pesquisas dos colegas, ainda assim, haverá a singularidade de cada um. Assim penso, percebo, as considerações que foram feitas por cada colega e orientadora como disparadores para o pensamento, pois, a pesquisa de cada um se difere. Difere em materialidade, difere em conceitos a operar. Podemos ter alguns conceitos em comum sendo operados, mas como operamos se diferencia, e é aí também que entendo a singularidade de cada pesquisa.

Somos um grupo, um coletivo, que se contagia? Sim se contagia. Partilhamos de uma mesma perspectiva de estudo, de leituras em comum, partilhamos da docência em artes visuais, sim... mas cada um de nós é uma multiplicidade. As respostas que

damos aos nossos disparadores de pensamento nunca serão as mesmas. Há estruturas a qual não nos desfazemos? Sim há, mas o que vazamos nelas não é igual, nem repetição do mesmo. Penso que por mais que pareça, e por mais que por vezes sintamos certa necessidade de abordar temas pertinentes para todo o grupo, pertinentes para nosso campo de atuação e que consideramos merecer atenção, ainda assim as pesquisas são singularidades, e são agenciamentos coletivos.

Então 'como não cair no comodismo de trilhar os mesmos caminhos que outros já experimentaram? Como deixar se contagiar pelo outro, sem fazer das escolhas deles às nossas?'

Não vejo uma fórmula para isso, o contágio de alguma forma sempre haverá, pouco acredito em comodismo para um grupo que estuda as filosofias da diferença. Acho que essa palavra não se encaixaria por muito tempo, saímos do lugar queiramos ou não, do contrário seria difícil produzir uma pesquisa com essa perspectiva de pensamento. Talvez elencamos escolhas semelhantes, interesses de pesquisa, conceitos, metodologias, leituras com certeza, mas o que fazemos com estes, como operamos, seria muito difícil de reproduzir entre nossas pesquisas.

Qual a principal contribuição do seu estudo para com o campo da arte e da educação? Vamos lá então...essa é uma questão que muitos fazem sobre nossas pesquisas, e que inevitavelmente nos perguntamos a nós mesmos. A tal da 'devolutiva' para a sociedade.

Quando iniciei o Trabalho Final de Graduação na Licenciatura em Artes Visuais, foi uma pergunta que me incomodou bastante, ainda não tinha aproximação com as leituras que fiz para o TFG e mais ainda para o mestrado. O que eu queria contribuir para o campo da educação e arte eram partilhas do meu processo de formação docente. Partilhas de experiências de mais de um lugar e de espaços que se diferenciavam nas formas de docência. Mas eram pensamentos, afetos, sensações, angústias, dúvidas, medos, alegrias, erros, acertos, de processos vivenciados no meu cotidiano como professora em formação.

Em muitos momentos do curso fiz leituras de experiências de outras pessoas, outros docentes das artes visuais e até mesmo de outros campos de atuação. Considero que essas leituras serviram de muitas coisas, alento para as horas difíceis, acolhida na hora em que sentia certa solidão em meio a esse processo, e principalmente de disparadores para o pensamento, necessários para manter-me em movimento e muitas vezes para não desistir frente as dúvidas e dificuldades.

Iniciando o mestrado, o que me atravessou e serviu de disparador inicial para produzir essa pesquisa, foi perceber que me produzo docente em meio aos coletivos, em meio as trocas, partilhas, coletivos de escritas, junto aos estudantes, aos colegas nas orientações de estágio quando o fiz, nas orientações dos estágios em que estive docente orientada, e também nas



orientações coletivas entre orientadora, mestrandos e doutorandos.

*Então, qual a contribuição da minha pesquisa para o campo da educação e artes?*

Acredito que a contribuição de minha pesquisa para o campo da educação e arte, assim como a contribuição das pesquisas dos colegas, é um devir...um devir para modos de existir na docência em artes visuais, atravessamentos que possam contagiar ou não, mas que possibilitem movimentar o pensamento de outros, desacomodar se possível.

Se respingou no que faço atualmente e /ou para estudos futuros?

Acho que minha resposta é simples. Me lembro de um dos momentos de orientação coletiva do mestrado, onde a colega Ana Cláudia Barin falando sobre os estudos que fazemos, sobre as leituras, disse “não consigo mais pensar da mesma forma que pensava antes’. Respinga constantemente, respinga nas minhas escolhas não apenas para estudos futuros ou trabalho. Respinga em um modo de ver a vida. Não sei daqui por diante que escolhas farei a cada momento, ainda tenho limites a vazar, e acredito que sempre os terei. Não é fácil colocar o pensamento em constante dobra, fuga. As vezes só o silêncio mesmo, e lentamente nos mexemos novamente, saímos do lugar onde paramos.

## Marli Simionato Possebon

*Sobre o que tratou sua dissertação ou tese? Mencione pelo menos os 5 principais autores/autoras (ano) da sua pesquisa. Caso você tenha feito mestrado e doutorado, por favor, nos fale de ambas pesquisas.*

A escrita da minha tese tratou dos percursos, fragmentos e encontros que tive com a docência. O objetivo não foi de propor uma ação que modificasse o fazer pedagógico. O que busquei foi problematizar as questões pertinentes que surgem no contexto educacional, pois, no espaço institucional, são vários acontecimentos que ocorrem ao mesmo tempo. Coube a mim, pesquisadora, perceber as nuances que ocorrem nestes processos de subjetivação, que se inauguraram nos encontros que tive, produzindo algumas singularidades.

Assim, a tese que desenvolvi com este percurso foi a de que uma experiência docente só se faz presente no encontro entre singularidades que se colocam abertas uma às outras, para permitirem ser afetadas por elas e produzirem novas singularidades ou novas conexões. É na abertura a esses múltiplos encontros que podemos criar docências em percursos, feitas não para perdurar, mas que abrem caminhos para novas possibilidades, que vão se modificando a cada nova composição de corpos. (SIMIONATO, 2014)

Ingressei no doutorado em 2011 concluindo o mesmo dia 16/12/2014. A pesquisa ocorreu nesse espaço/tempo, sendo que

destaco como autores: Gilles Deleuze; Félix Guattari; Baruch Espinosa; Suely Rolnik e Virgínia Kastrup.

*Em relação aos autores utilizados por você no estudo, diria que eles compõem uma base estruturalista ou pós-estruturalista de pensamento?*

*E o que faz com que você tenha esta compreensão?*

Minha pesquisa foi de base pós-estruturalista. A compreensão se deu a partir da escolha dos autores que seguem uma linha de pensamento que coloca em dúvida conceitos até então trabalhados pela teoria crítica, como emancipação, verdade, essência.

A base pós-estruturalista mantém uma singularidade no modo de pensamento e na forma de vida. Mantém o diálogo com a linguagem, porém desloca a preocupação com a estrutura, destaca os processos discursivos. Ainda, tem a subjetividade como um dos conceitos fundamentais.

*Qual foi a metodologia do estudo? Fale um pouco sobre ela.*

Por se tratar de uma pesquisa que foi sendo construída a partir de elementos que ia chegando, não obedecendo a uma ordem ou estrutura e, de como me constitui docente optei pela cartografia.

A cartografia nos permite iniciar pelo meio. Distinguindo do entendimento de uma construção de mapas geográficos, de uma forma estática, cartografar se referiu, fundamentalmente, à busca por novas estratégias de afetos que deram passagem aos

movimentos de intensidades produzidas pela docente-pesquisadora-viajante que fui.

O método cartográfico permitiu-me ainda, trabalhar outros conceitos que nomeiei de “Fragmentos e desvios de um percurso”, já que a ideia foi de desenvolver uma forma de escrita que me permitisse acompanhar os processos inventivos e de produção de subjetividade. Desse modo, utilizei os encontros a partir de Deleuze (1988-1989) aborda, na entrevista concedida à Claire Parnet “O abecedário de Gilles Deleuze. Assim, não pretendi definir critérios, pois não sabia que encontros teria. Esses poderiam ser com colegas, documentos, eventos ou mesmo situações que me proporcionariam o surgimento de fragmentos de fala e de escritas.

Também, utilizei a ideia de fragmentos, por esses arrastarem consigo o incômodo da incompletude (PRECIOSA). Os pensamentos fragmentados de fala e escrita foram apresentados em pedaços, descontínuos, dissipatórios. Os fragmentos que escolhi tiveram esse sabor de incompletude, para permitir ao leitor, mover sutilmente as afinidades. Ainda, roubei de Corazza a ideia de labirinto para definir os “desvios”. Corazza (2007, p. 105), em seu texto *Labirintos da Pesquisa, diante dos ferrolhos*, aborda que a visualidade dos labirintos na pesquisa é constituída por “repartimentos polimorfos, de disposição esteticamente enredada, tortuosa, intrincada, que nunca repetem sua própria forma [...] inextricável e admiravelmente emaranhados”.

O desvio se deu durante o percurso da travessia e não implicou um tempo que determinasse quando deveria acontecer. Foi composto por um desenho de linhas sinuosas e imprevisíveis, das quais, quando estive dentro, não tinha a mínima ideia para onde me levaria, tampouco onde estavam seus pontos de fuga ou mesmo de aprisionamento.

O desvio não significou apenas mudança de caminho, sinuosidade, descaminho, como definem os dicionários, mas atalho, pista, criando seu próprio percurso. O desvio permitiu que os fluxos de escrita deslizassem como um novo plano de consistência, que, afastado de qualquer modelo, promoveu uma linha transversal heterogênea.

Foram nessa confecção cartográfica – entre os desvios, os autores e os fragmentos de falas e de escritas – que a cartografia produziu um movimento próprio da escrita, composições que buscam criar territórios. Ao mesmo tempo em que desaparecem certos territórios, a cartografia me permitiu traçar as linhas intensivas das inquietações que foram apresentadas na tese.

*Como eram os encontros de orientação quando você realizou sua pesquisa?*

Tive muitos encontros e, como descrevi acima de certo modo seguiram o próprio conceito deleuziano de encontros, mas, com a orientadora professora Marilda foram inúmeros. Alguns momentos foram individuais, chegava no primeiro horário da

manhã e conversávamos a respeito da pesquisa até iniciar o horário da aula, em torno de uma hora. Dependendo da etapa da pesquisa, esses encontros se davam uma vez por mês.

Também tivemos muitas orientações no coletivo. Próximo a eventos como bancas de qualificações ou defesas cada colega liasse o trabalhos dos demais fazendo um parecer dos mesmos. Após fazíamos as apresentações simulando uma banca.

Sempre tive a orientação de professora Marilda muito presente, independente de ser presencial ou a distância.

*Como manter a singularidade da escrita em um grupo de orientação que é coletivo?*

Talvez esta seja uma das partes mais ricas do tipo de orientação que a professora Marilda propõe. Pois, ao mesmo tempo em que cada um está focado na sua pesquisa, sabe qual caminho que seu colega esta percorrendo. O que de certo modo auxilia pela troca de conceitos e autores de cada um.

Às vezes percebíamos que o que um estava lendo poderia auxiliar mais na escrita do outro do que na nossa própria pesquisa.

Por vezes e, como escrevi na tese, teve momentos em que a troca foi tão intensa que muitas vezes me perdi, não sabendo se o pensamento era meu ou de algum colega.

*Quando se produz junto a um coletivo, como não cair no comodismo de trilhar os mesmos caminhos que outros já experimentaram? Como deixar se contagiar pelo outro, sem fazer das escolhas deles às nossas?*

Acredito em momentos que até ocorreu certa acomodação, as vezes por saber que os colegas levavam tão a sério a proposta do coletivo e, que viriam com uma nova ideia.

No tempo em que realizei o doutorado tive um grupo de colegas muito maduro e sincero. Isso nos permitiu um amadurecimento tanto pessoal quanto de escrita. E, um foco muito grande em cada pesquisa.

*Você usou imagens na sua pesquisa? Como se deu a relação das imagens com a pesquisa? Como elas foram selecionadas e que espaço ocuparam no trabalho?*

Sim, utilizei imagens. No princípio da pesquisa não havia pensado. Mas quando foi se aproximando a qualificação percebi que o trajeto físico que eu fazia entre Panambi-Santa Maria-Três de Maio ia me constituindo como docente também. E, que todo o cenário fazia parte da pesquisa (frio, chuva, neblina, sol...). Assim, comecei a registrar algumas viagens e percebi que poderia usar essas imagens.

Utilizei as imagens fotográficas como abertura dos capítulos, seguida de mapas conceituais que davam um entendimento dos conceitos que seriam abordados naquela seção.

Também achei necessário criar uma capa que falasse desse trajeto, na qualificação usei um mapa destacando o percurso que eu fazia, mas para defesa só deixei linhas que davam o mesmo

entendimento. Acredito que as imagens qualificaram ainda mais minha pesquisa e, se entrelaçaram na teoria/imagem/texto.

*Na sua opinião qual a principal contribuição do seu estudo para com o campo da arte e da educação? A pesquisa que você realizou respingou no que você faz atualmente ou em estudos futuros? Conte-nos um pouco sobre isso.*

Pensar que a docência se faz em percursos, nos encontros e afetos que temos nesse trajeto. Que nunca estamos prontos, cada dia é novo e cheio de possibilidades.

Penso que uma das grandes mudanças em minha prática docente e na minha vida foi fazer o doutorado. Impossível passarmos por essa experiência e continuarmos os mesmos. Nesse processo, fui afetado por diversas situações, mas destaco: a dificuldade de conciliar trabalho e estudo, a dificuldade em adentrar no universo dos teóricos que escolhi, a perda do meu pai, ter conhecido o amor da minha vida.

Quando comecei o doutorado, acredito que como a maioria vai esbarrando aqui e ali, nos ajustando na pesquisa. Esse tempo passa tão rápido que muitas vezes olhamos para trás e nem conseguimos contabilizar os inúmeros artigos, resumos, eventos, que vão sendo solicitado nas mais diversas disciplinas, até nos depararmos na defesa e com ela um enorme vazio.

Doutorado concluído, e agora? O que fiz tem alguma 'utilidade'? Pergunta feita por várias pessoas. Sinceramente, não



sei para os outros, não sei se consegui atingir alguém. Penso que sim, pois seguidamente alguém comenta sobre algo que escrevi, meus colegas (alguns) leram minha tese. Mas, tenho clareza de que eu fui arrebatada, virada do avesso, e feliz concluo: eu mudei, mudei minha prática, mudei minha vida.

### Francieli Garlet

*Sobre o que tratou sua dissertação ou tese? Mencione pelo menos os 5 principais autores/autoras (ano) da sua pesquisa. Caso você tenha feito mestrado e doutorado, por favor, nos fale de ambas pesquisas.*

Ambas pesquisas, mestrado e doutorado buscaram pensar a docência movimentada pelas paisagens da educação, das filosofias da diferença e da arte.

Especificamente, na pesquisa de mestrado “**Pesquisar andarilho: Cintilâncias e transbordamentos de uma docência**” (2014), ocupei-me em dar consistência a noção de pesquisar andarilho, pensado a partir dos conceitos de **espaço liso (nômade)** e **espaço estriado (sedentário)** (DELEUZE & GUATTARI, 1997), e das memórias de um andarilho que visitava a casa de meus pais, na minha infância, memórias estas atualizadas junto desses conceitos, para pensar os movimentos de estar docente também a partir de outros lugares, que não somente os de uma atuação como docente...

Uma série de fotografias de casas abandonadas, lembranças do andarilho Vita (Vitalino), pedrinhas cintilantes recolhidas dos caminhos, poesias e uma instalação artística produzida com esses elementos, foi compondo com a docência e erguendo algumas névoas de [im]possibilidades nessa composição... a partir do encontro com esses elementos intentei no decorrer da pesquisa varrer uma figuração docente, para então trasborda-la em outras direções...

A dissertação buscou nesse sentido, operar com os conceitos de **arquivo** e **diagrama** (FOUCAULT, 1997), (DELEUZE, 1992; 2006b; 2007b) e (LEVY, 2011), **atual e virtual** (BERGSON, 2010), (DELEUZE, 1999; 2006a; 2007a) e (PELBART, 2007) de modo a pensar o que sedimenta a docência em formas costumeiras de pensá-la, operá-la, bem como o que pode potencializa-la a cada vez a vazar dessas formas dadas.

Mais que respostas, busquei potências para me manter em movimento na pesquisa e em meio a vida, atenta as cintilâncias<sup>17</sup> (CHEREM, 2009) (FOUCAULT, 1997)<sup>18</sup> que me convidavam a

---

<sup>17</sup> Termo pensado a partir de Cherem (2009), Deleuze (1992; 2006b) e Foucault (1997) como “aquilo que é convidado a se tornar visível de maneira singular, conforme cada época e contexto. Um já dito, um já visto, que cintila em outras relações, outras possibilidades de se desdobrar, outras maneiras de ser visto e dito” (GARLET, 2014, p. 50).

vazar e transbordar concepções de docência sedimentadas no decorrer de meus percursos.

Na tese de doutorado '**Entre' o visível e o enunciável em educação: O que pode uma docência que cava a si mesma?**, junto dos conceitos de arquivo e diagrama que já me acompanhavam na pesquisa de mestrado, nasce um interesse pela noção de **vazio** que passou a ganhar potência junto dos estudos de Blanchot (2005, 2010 e 2011), Foucault (1997), Deleuze (2006) e Levy (2011). Junto do que Deleuze (2010) problematiza a partir de Carmelo Bene, passo a pensar também no decorrer da pesquisa em um movimento de subtração, que se alia a ideia de cavar, enquanto um movimento **menor** (DELEUZE & GUATTARI, 2014) que faz irromper outros [im]possíveis para a docência, ao subtrair seus marcadores de poder, as constantes e elementos estabilizados que pertencem ao seu uso maior.

A noção de **pesquisar andarilho** seguiu ganhando consistência na pesquisa de doutorado ao ser arrastada por outros devires. No encontro com a traça dos livros e com os escritos dos autores já citados, passo a pensar os movimentos de uma **pesquisadora-traça-andarilha** que acontece docente ao passo que cava a si mesma. A materialidade empregada nessa pesquisa, diz respeito a sinais<sup>19</sup> que se produziram nas porções de docência que experimentei e também a signos cotidianos que não dizem

---

<sup>19</sup> "Chama-se sinal o que desencadeia um afeto, o que vem efetuar um poder de ser afetado" (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 74).

diretamente da docência (ou de uma atuação como docente), mas que me dispararam a pensá-la, a conversar com ela. Também fazem parte da materialidade alguns **diários visuais** (OLIVEIRA, 2011, 2013, 2014), (CARDONETTI & OLIVEIRA, 2015) produzidos por mim nas experiências educativas vivenciadas com turmas de graduação da Universidade Estadual de Maringá (UEM/Maringá/PR) e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/Santa Maria/RS).

Busquei assim, com essas materialidades, com os autores estudados e com os encontros com a traça, pensar **‘O que pode uma docência que cava vazios nos ditos e vistos que a estratifica?’**

Uma docência foi se produzindo e se desfazendo em meio a investigação, ao passo que experiência um estar docente, mas também enquanto escrevia/compunha com elementos/fragmentos que não diziam necessariamente da docência ou de espaços educativos ocupados por ela, elementos/fragmentos que atravessavam meus percursos cotidianos em três cidades distintas nas quais morei durante os quatro anos do doutorado (Santa Maria/RS, Cascavel/PR e Maringá/PR).

Uma docência pensada/operada em gerúndio, não acabada, movimentada por seu acontecer. Uma docência menor pensada a partir de uma **formação menor**, que “não se sabe antes do encontro” (RIBETTO, 2011, p. 110). Uma docência em obra

infinita, nos seus processos de se fazer e desfazer junto dos encontros que acontecem a cada vez.

*Em relação aos autores utilizados por você no estudo, diria que eles compõem uma base estruturalista ou pós-estruturalista de pensamento? E o que faz com que você tenha esta compreensão?*

Os referenciais, autores/as, que movimentaram a pesquisa são de perspectiva pós-estruturalista, autores cujas obras apostam na experimentação, se esquivando de uma pretensão de totalidade, de noções majoritárias, de oposições binárias que acabam por gerar hierarquias ou exclusões, de valores ou verdades universais e de uma definição única do que é pensar, investigar, estar docente. Autores/as que buscam estar atentos as potências da diferença que chega, sem tentar aboli-la para que uma pesquisa, um pensamento, uma vida, caibam em uma constatação, ou num todo universal. Ao afirmar a diferença, a cada vez, permitem que pesquisa, pensamento, vida mudem de natureza ao passo que aumentam suas conexões...

Tal perspectiva, não mais verdadeira nem melhor que outras, é a que tem me movimentado mais durante a pós-graduação, instigando-me a pensar/operar a pesquisa, pensamento e vida como um jogo, como uma “obra em movimento” (PETERS, 2000, p. 46) que não está dada de antemão.

*Qual foi a metodologia do estudo? Fale um pouco sobre ela.*

A metodologia de pesquisa que atravessou a investigação de mestrado e também a de doutorado, foi o pesquisar andarilho. O termo/modo de pesquisa foi cunhado por mim na pesquisa de mestrado a partir dos conceitos de **espaço liso** e **espaço estriado** (DELEUZE & GUATTARI, 1997), e das lembranças atualizadas das frequentes visitas de um andarilho à casa dos meus pais, durante minha infância. O modo operativo desse pesquisar andarilho, diz respeito a ficar à espreita em meio às leituras, às experiências educativas e em meio à vida, do que poderia funcionar como potência para fazer o corpo/pensamento andarilhar. No caso da investigação de mestrado, uma atenção ao que poderia transbordar modos endurecidos, delimitados e sedentários de pensar a docência, uma atenção ao que funcionasse como disparador de um pensamento nômade que convidasse a docência a andarilhar no 'entre', em meio ao instituído, fazendo vazar o espaço sedentário que, a cada vez, buscava delimitá-la.

Na pesquisa de doutorado, o encontro com a traça dos livros arrastou a noção de pesquisar andarilho num devir-traça. Assim, passei a articular também ao pesquisar andarilho, a noção de cavar, de esburacar, de subtrair ao modo de Bene (DELEUZE, 2010), para abrir espaços de invenção desde dentro do que já está aí, na docência e na pesquisa funcionando como majoritário. Devorar, devorar, até abrir espaços para que um

corpo/pensamento/docência/pesquisa pudesse ganhar velocidade...

Se na pesquisa de mestrado buscava andarilhar 'entre' o que havia de instituído na docência, na pesquisa de doutorado sentia a necessidade de cavar o instituído para que virtualidades o atravessassem e o minassem desde dentro. O movimento de cavar era necessário para seguir andarilhando, movimentar um modo singular de operar uma docência e uma pesquisa em educação.

Não se tratava, nesse movimento, de fugir de algo, de fugir da docência ou da pesquisa, mas sim, fazer, desde dentro, mundo, pesquisa e docência fugir. Produzir mundos dentro do mundo, docências dentro da docência e de produzir movimentos moleculares de pesquisa dentro de uma pesquisa em educação. Produções de mundos, docências e pesquisa por movimentos moleculares de experimentação.

Como eram os encontros de orientação quando você realizou sua pesquisa?

Acho incrível as oportunidades de trocas que os encontros de orientação coletiva proporciona. Os encontros começavam antes mesmo do encontro presencial com o grupo, pois, a leitura do trabalho do/a colega funcionava como um momento também de aprendizado, de escuta, e nos convidava também a olhar para nossa própria pesquisa.

Tive a oportunidade de participar de dois modos diferentes de trabalho do grupo, um em que escrevíamos pareceres e outro em que página por página íamos comentando nossas anotações realizadas no momento de nossa leitura individual do trabalho. Escrever o parecer a partir do trabalho do outro era um movimento muito interessante, pois além das sugestões e pontos potentes que íamos elencando para comentar no encontro, esse era também um momento de ‘escrever com’ o colega, digo com isso, que os pareceres no próprio movimento de sua escrita iam também abrindo possibilidades de, de certa forma, compormos com os afetos disparados pelo trabalho do/a colega em nós. E era muito potente ver/sentir essas reverberações, tanto no momento de escrever com o trabalho do/a colega, quanto no momento de escutar o parecer produzidos pelos/as colegas junto do nosso trabalho.

A sensação que tinha ao sair dos encontros não era exatamente a de alívio, mas, também não era a de uma preocupação paralisante, era como se algo ficasse em suspenso, funcionando como um grãozinho de poeira inquietador... Longe de trazer a resolução para minhas inquietações, os encontros impulsionavam a germinação de mais perguntas, e isso funcionava para mim como uma onda de fôlego para seguir... Os encontros de orientação coletiva eram sempre muito aguardados por mim.



*Como manter a singularidade da escrita em um grupo de orientação que é coletivo?*

*Quando se produz junto a um coletivo, como não cair no comodismo de trilhar os mesmos caminhos que outros já experimentaram? Como deixar se contagiar pelo outro, sem fazer das escolhas deles às nossas?*

É... é sempre um risco... transformar em maior (como modelo) o que funcionava como menor (vazamento). É difícil afirmar algo, mas talvez caiba um movimento de estar atento ao processo, sentindo como ele está passando por nós ao passo que passamos por ele...

Uma atenção ao modo com que nosso corpo/pensamento é afetado junto do coletivo e que singularidades brotam desses encontros... Pensar em termos de afeto, de dobra, do que se passa entre, nesse agenciamento coletivo... Talvez caiba avaliarmos a cada vez se estamos confortáveis demais onde estamos, se nos mantemos abertos para os encontros, se, por acaso, não estamos trazendo tudo para a lógica que nos é confortável, se nos mantemos em escuta, se estamos abertos o suficiente para acolhemos as inquietações que nos pedem passagem...

Escuta me parece algo muito importante nesse sentido. Uma escuta (SKLIAR, 2014) que nos permita ser arrastados/as pelo que ainda não sabemos, pelo que ainda não tem forma... (e digo isso tanto no momento de leitura dos referenciais que utilizamos, quanto na leitura do trabalho do colega, e também no

momento de ouvir suas considerações sobre nosso trabalho). Escuta que possa acionar um modo de escrita e de pesquisa que ainda não sabemos fazer e que ainda está por se fazer, a ser inventado... uma escuta ao que ainda é cheio de ruídos e ao que por vezes não nos é confortável ouvir... Uma escuta em que algo possa brotar no 'entre' (aliás, não seria ali que a singularidade nasce e ganha potência, no entre?!).

Tecer um percurso de escrita e pesquisa singular junto de um coletivo me parece assim, um esforço de escuta, de atenção e de abertura que cada corpo/pensamento talvez precise forjar para si a cada vez, a cada encontro...

*Você usou imagens na sua pesquisa? Como se deu a relação das imagens com a pesquisa? Como elas foram selecionadas e que espaço ocuparam no trabalho?*

Sim! Elas ocupam um espaço bem importante em ambas pesquisas, as pesquisas não seriam as mesmas se elas não estivessem ali. A escolha se deu em função do que elas impulsionaram e movimentaram a pensar e instaurar na pesquisa, bem como na sua potência de seguir produzindo outras vias a partir dos encontros que o/a leitor/a tiver com elas, em outras temporalidades...

Houve em ambos processos de pesquisa uma grande preocupação em não trazer as imagens como uma ilustração do texto, o que de certa forma anularia sua presença. Elas atuaram

como convites para mim na pesquisa, e a intenção foi oferece-las também como convites ao leitor, convites a paradas em meio ao texto e a outras sensações que o texto escrito não daria conta sozinho. Convite a habitar um vazio, um intervalo, 'entre' texto e imagem... Uma composição com imagens e escritas, que segue ainda à espreita de outras composições por vir, junto dos encontros que porventura produzir com o/a leitor/a...

*Na sua opinião qual a principal contribuição do seu estudo para com o campo da arte e da educação? A pesquisa que você realizou respingou no que você faz atualmente ou em estudos futuros? Conte-nos um pouco sobre isso.*

Então, penso que talvez a contribuição seja também o que elas (as pesquisas de mestrado e doutorado) respingaram em mim nesse processo, o que aprendi e sigo aprendendo com elas... Vejo ambas pesquisas (de mestrado e doutorado) ainda muito presentes em mim, no modo com que me relaciono com a vida e com minhas experiências educativas... O pesquisar andarilho é algo que não deixou de me acompanhar seja na preparação de aulas, seja nos convites que lanço nas aulas e minhas experiências educativas, seja em meus trajetos cotidianos que seguem me impulsionando a pensar meus processos enquanto docente, seja nas atuais investigações acerca da potência das imagens no pós-doutorado.

O modo de pesquisa andarilho; a noção de vazio como potência na educação; a docência em gerúndio, menor, ficcionada em seu d[obrar] infinito; a arte enquanto algo não restrito a um objeto artístico, mas como um movimento de relação com a vida e com a docência; a potência das imagens como campo de experimentação e criação... talvez sejam esses os grãos contributivos de minha pesquisa para o campo da arte e da educação...

**Referências:**

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 4º Ed. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita**. A palavra plural. Tradução Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CHEREM, Rosângela Miranda. Imagem - acontecimento. In: SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca e MAKOWIECKY, Sandra (Orgs.). **Linhas cruzadas**: artes visuais em debate. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2009. p. 131-156.

CARDONETTI, Vivien Kelling; OLIVEIRA, M. O. Diário de aula: disparador de problematizações e de possibilidades para pensar a formação de professores de artes visuais. In: Marilda Oliveira de Oliveira; Fernando Hernandez. (Org.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. 1ed. Santa Maria, RS: UFSM, 2015, v. 1, p. 51-74.

DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro**. Tradução de Fatima Saadi, Ovídio de Abreu e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Tradução Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007a.

DELEUZE, Gilles. O diagrama. **Francis Bacon**: a lógica da sensação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007b. p. 102-112.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Tradução Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007a.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. 6º reimpr. da 1º Ed. De 1988. Tradução Claudia Sant'Anna Martins; Revisão de tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2006b.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.

DELEUZE, Gilles. A vida como obra de arte. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 118-126.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução CintiaVieirada Silva. Revisão de tradução Luiz B. Orlandi. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** : capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Junior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 5ª. Ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1997.

GARLET, Francieli Regina. **Pesquisar andarilho**: cintilâncias e transbordamentos de uma docência. 2014, 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

GARLET, Francieli Regina. **‘Entre’ o visível e o enunciável em educação**: o que pode uma docência que cava a si mesma? 2018, 128 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Por uma pesquisa narrativa e autobiográfica: diários de aula como foco de investigação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO; Irene (Orgs.). **Educação da Cultura Visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2011. pp. 175-190.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. O que pode um diário de aula? In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO; Irene (Orgs.). **Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013. pp. 225-236.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Diário de aula como instrumento metodológico da prática educativa. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa/Portugal, v. 27, n. 27, p. 111-126, 2014. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/4833> Acesso em 14 jun. 2018.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não reconciliado**: imagens de tempo em Deleuze. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Tradução de Tomáz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RIBETTO, Anelice. Pensar a formação de professores desde a experiência e desde o *menor* da formação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n2, p. 109-119, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/issue/view/116> > Acesso em 14 jun. 2018.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. Tradução de Giane Lessa. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.